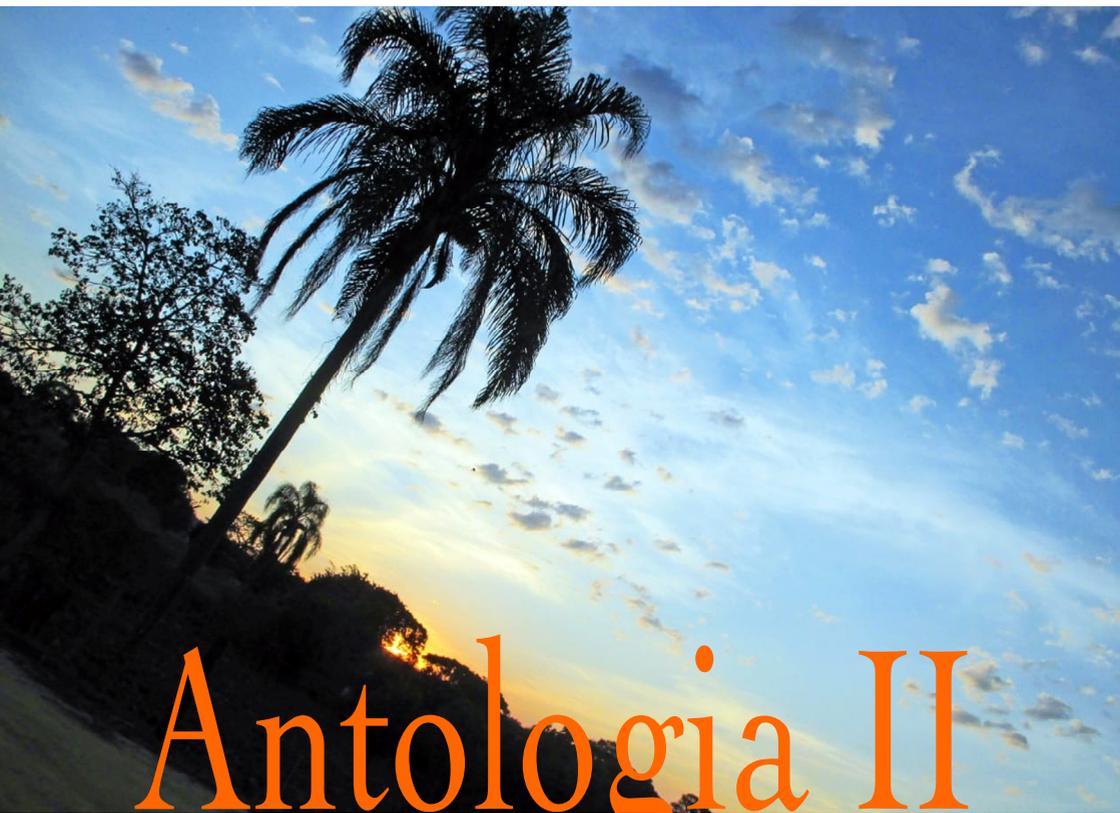


Academia de Letras
Joaquim Osório Duque Estrada
ALJODE



Antologia II

2020

- Paty do Alferes -



Joaquim Osório Duque Estrada

Nascido em 29 de abril de 1870, em Paty do Alferes, RJ, Brasil.

Falecido em 05 de fevereiro de 1927.
Poeta, crítico literário, professor e ensaísta.



Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada – ALJODE.

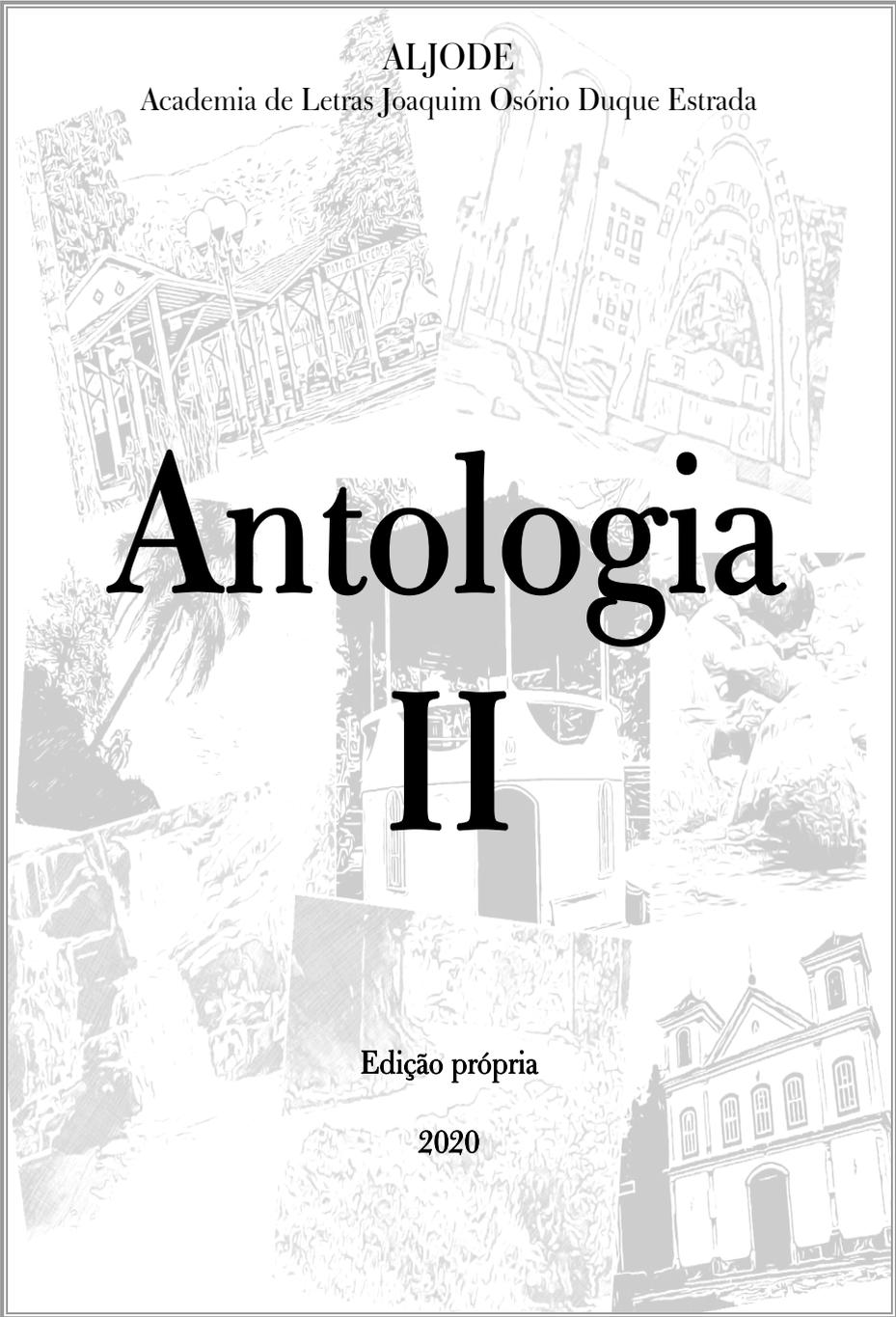
Fundada em 29 de abril de 2006.

Essa obra homenageia seus 15 anos de existência, comemorados no dia 29 de abril de 2021.

(Primeira orelha)

ALJODE
Antologia II





ALJODE

Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada

Antologia II

Edição própria

2020

O presente livro é uma edição da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada, de Paty do Alferes/RJ. A propriedade intelectual de seu conteúdo pertence aos membros da referida instituição.

Layout e capa: Gil Cleber

Revisão: Sheyla Kouri

Ilustração da página de rosto: Clayton Craveiro

Ilustração da capa: fotografia de paisagem da região serrana feita pelo fotógrafo patiense Milson Thuly

Antologia 2 / [organização] Gil Cleber Duarte Carvalho. -- 1. ed. -- Paty do Alferes, RJ : Gil Cleber Duarte Carvalho, 2021.

Vários autores.

"Coletânea escritos por membros da ALJODE - Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada". ISBN 978-65-00-17480-9

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
 2. Crônicas - Coletâneas - Literatura brasileira
 3. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira
- I. Carvalho, Gil Cleber Duarte.

21-56953

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Apresentação

O lúdico está presente neste livro com as marcas do trabalho, debate e obra dos vinte e três membros da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada — ALJODE. Ao completar quinze anos de existência, a Instituição olha o futuro com respeito às tradições e a cultura da bicentenária cidade de Paty do Alferes, consciente de sua importância intelectual, literária e de responsabilidade com a sociedade local. A comunhão de esforços, invariavelmente, traz bons resultados.

Com estilos diferentes e uma bem-vinda diversidade de gêneros literários, nossos autores transitam com desenvoltura por entre sentimentos e emoções, fantasia e realidade, lembranças e saudades, apresentando poesias, contos e crônicas, como eficazes armas contra o maior inimigo da Humanidade: a ignorância.

O momento é de júbilo e a palavra é gratidão. Agradecimentos a todos aqueles que dedicaram seu tempo e trabalho à Academia e tornaram possível a concretização desse projeto.

Edmilson Lyra
Presidente da ALJODE

Os Autores

Sebastião Deister (Cruz e Souza)

Cadeira nº 2

Patrono: Cruz e Souza

Sebastião Deister nasceu em Miguel Pereira no dia 22 de maio de 1944. Trabalhou por trinta anos como professor de Biologia na CNEC Miguel Pereira, na Escola do CEPE e no Ginásio Barão de Paty do Alferes (GBPA). Em 1989, foi convidado pela Prefeitura Municipal de Miguel Pereira para assessorar a Secretaria de Turismo, da qual acabou sendo titular entre 1991 e 1992.



Graduado em História pela UNIRIO, lançou, em 2004, a coleção histórica de sete volumes denominada Serra do Tingüá: 300 Anos de Conquistas — do Século XVII ao Século XX. Mantém, ainda, uma coluna semanal no Jornal Regional abrangendo temas ligados às origens do Vale do Paraíba.

Recebeu o título de Cidadão Patiense, conferido pela Câmara Municipal, no ano de 2002.

Atualmente é membro efetivo da ALJODE (Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada) de Paty do Alferes; Vice-Presidente do IHGV (Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras) e Sócio Correspondente do IHGRJ (Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro).

Voltaire Varão

Cadeira nº 3

Patrono: Mário Lago

Nascido em 27 de setembro de 1958, na Cidade de Poção de Pedras, Maranhão, é formado em Turismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ (licenciatura) e em Gestão de Turismo na Universidade Severino Sombra, Vassouras.

É professor titular da Fundação de Apoio à Escola Técnica — FAETEC, de Miguel Pereira. Embaixador do Turismo no Rio de Janeiro. Co-autor dos livros *A Face do Disfarce* (2018), *Dicas do Rio Janeiro* e *Memórias do Vale do Café*, ambos de 2020.



Fundador e Membro titular da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada.

Carlos Celino

Cadeira nº 4

Patrono: Paschoal Carlos Magno

Carlos Augusto Celino Bastos Lisboa (Carlos Celino) começou a escrever ainda na infância, época que também se interessou pela música, influenciado pelo notável compositor e clarinetista Jorge Santos, seu padrinho, que morava em sua casa.

Carlos Celino deve sua dedicação à cultura e à literatura aos mestres George Jacob Abdue, Coronel Oswaldo Frias Villar e Linda Vitoria Abdue, professores e incentivadores, que lhe presentavam com livros e textos sobre a história de Paty.



Na adolescência iniciou sua participação nos jornais “O Liberal”, sob a direção de Marlos França e Hitler Litaiff e “Tribuna Fluminense”, do Jornalista Aluísio Santos; mais tarde atuou na fundação do Semanário Tribuna Interior, em apoio ao Jornalista Marlos França, do qual se desligou quando de sua vitoriosa candidatura a vereador, sendo o mais votado em 1982. Fundou a **Folha Democrática**, primeiro jornal de Paty do Alferes, em 25 de março de 1988.

Francisco José

Cadeira nº 5

Patrono: Clarice Lispector

Nasceu na terra de Iracema, a virgem dos lábios de mel. Ainda criança criou seu primeiro poema, adorando as nuvens soltas no céu.

Quixeré, no Ceará, é sua cidade natal, onde viveu na infância. Na adolescência foi morar na capital, Fortaleza. Fez curso de artesanato em argila e couro, desenho e pintura, locução e jornalismo.

Aprovado em concurso para a Marinha do Brasil, Fuzileiro Naval, foi morar em Natal. Transferido para o Rio de Janeiro, se encantou por Paty do Alferes, onde veio morar em mil novecentos e noventa e três.

É membro da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada desde a sua fundação.



Gil Cleber Duarte

Cadeira nº 6

Patrono: Edgar Allan Poe

Nascido na Fazenda São Luiz da Boa Vista, Paty do Alferes, em 1959, começou a interessar-se por arte e literatura ainda na adolescência, época em que começou a escrever suas primeiras histórias e a pintar com guache e aquarela.

Interrompeu a pintura no início da vida adulta, retomando-a aos vinte e sete anos, quando passou a trabalhar quase exclusivamente com óleo.

Na literatura possui uma obra bastante numerosa, com dois romances impressos, **No caminho para Muito Longe** e **Fausto nas sombras**.

A maioria de seus livros encontra-se disponível em formato PDF, no *site* www.gilcleber.com.br



Maria do Carmo

Cadeira nº 8

Patrono: J. G. de Araújo Jorge

Nascida em 02 de outubro de 1940 em Palmares, na cidade de Paty do Alferes / RJ, onde vive até hoje. Filha de José Luciano e Joana Valle Luciano, casou-se aos 27 anos com o jornalista José Barros Josuá e teve duas filhas.

Começou a escrever aos 10 anos, tendo atualmente centenas de poemas de sua lavra.

Carminha, como é carinhosamente chamada, foi colunista do jornal “O Grito Serrano” e teve poemas publicados na “Folha Democrática”. Apresentou seus trabalhos nas escolas da cidade e nas Mostras de Poesia promovidas pela Pousada Vale do Sereno. É professora de pintura e artesanato.



Nilzanira Reyes

Cadeira nº 9

Patrono: Manuel Bandeira

Nasceu em 18 de abril de 1948 na cidade do Rio de Janeiro / RJ. Seu pai era um contador de “causos” e tirava versos à maneira dos repentistas do nordeste. Com ele aprendeu a arte das rimas e teve despertada a vocação para os versos.

A partir dos 40 anos deu asas à inspiração poética, sempre presente em sua vida; mas foi na década de 90 que iniciou efetivamente sua participação em oficinas literárias e movimentos poéticos no Rio de Janeiro.

Participou de grupos de estudos e discussões literárias. Teve poemas publicados em livros, jornais e internet. Obteve classificação e prêmios com seus poemas em concursos literários e aprimorou sua escrita nas oficinas de criação da Estação das Letras. Em 2002 lançou **Tinto**, seu primeiro livro solo.

Foi responsável durante seis anos pela Mostra de Poesia de Paty do Alferes, evento por ela idealizado, na Pousada Vale do Sereno.



Ludwika Piekut

Cadeira nº 10

Patrono: Maria Clara Machado

“Sou polonesa e tenho, também, a cidadania patiensse, título concedido por uma efetiva atuação, de longa data, na área da proteção de animais; deles e dos meus amigos é composta a minha família brasileira.

Me deparei com a dificuldade em escrever uma biografia “de esquema”. Reassumindo a autoria da frase que usei tempos atrás, sintetizando tudo, eu diria simplesmente:

“Nasci... e ainda não morri.

E nem disso tenho certeza”

Os fatos, certificados, datas e lugares inutilmente registrados, são como a maquiagem para o palco, enquanto a verdadeira cara da nossa vida flui entre eles como um vento entre os galhos que o abrigam, mas não conseguem parar. Finalizando:

Falo, com sotaque. Escrevo, às vezes. Leio, sempre.”



Guaracy Muniz

Cadeira nº 11

Patrono: Rabindranath Tagore

Nascido em Niterói, em novembro de 1974, Guaracy Muniz Carioca chegou a sentir os efeitos do final da ditadura, quando sua família abrigava músicos fugidos da repressão argentina. Ali, ao som de “kenas, sikus, charangos e guitarras”, começou a admirar a música e a cultura latino-americana. Na adolescência conviveu com a cultura hippie, através das irmãs e de amigos. Sob estas influências, manteve vivas as lembranças dos acampamentos e cachoeiras, da beleza da noite, das estrelas e, sobretudo, da liberdade.



Influenciado a princípio por Gregório de Matos, Castro Alves e Cecília Meirelles, Guaracy sempre gostou de escrever sobre sentimentos fortes como morte, paixão, traição, desilusão, bem como a autocrítica à civilização. Escreve sob o pseudônimo “Dark’n Blue” no site Recanto das Letras.

Mora desde 2009 em Paty do Alferes / RJ, onde busca o silêncio e a paz para se conectar com a natureza.

Zeca Lobato

Cadeira nº 12

Patrono: Monteiro Lobato

Cosme José da Paz Lobato Rodrigues, filho de Napoleão Flexa Rodrigues e de Filomena Lobato Rodrigues, nascido em 15/02/1946, em Belém / PA, numa família numerosa de treze irmãos.

Com a morte de seu pai, Funcionário Público Federal, transferiu-se para capital do Rio de Janeiro, juntamente com sua mãe e irmãos. Nos anos 1960 completa seus estudos na Escola Técnica de Comércio México, no bairro de Botafogo.



Sendo a música seu maior sonho, lançou alguns trabalhos em nossa região, com destaque para os sambas-enredo.

Hoje tem seus poemas apreciados por familiares e amigos.

Kátia Toledo

Cadeira nº 14

Patrono: Carlos Drummond de Andrade

Kátia de Souza Toledo nasceu no Rio de Janeiro em 20 de junho de 1955, filha de José Assumpção Toledo e Alda de Souza Toledo, formou-se em Odontologia pela UFF, trabalhou como bancária e atuou em diversas áreas da cultura, tais como: Artes Plásticas, Artesanato, Arte Dramática (CAL), música (canto/composição) e Literatura (poesia).

Paty do Alferes foi a cidade escolhida para viver em harmonia com a natureza, em meio às plantas e animais silvestres, que recebem sua atenção como *hobby*.



Zerly Weinstein

Cadeira nº 15

Patrono: Cecília Meireles

Nascida em 26 de maio de 1937, no Rio de Janeiro, casada e mãe de quatro filhos.

Formada em Contabilidade, Magistério, Pedagogia e Teologia (Escola Mater Ecclesiae).

Moradora de Paty do Alferes desde abril de 1995. Desenvolveu oficinas de poesias no CIEP 278 - Joaquim Osório Duque Estrada.

Membro e fundadora da ALJODE, desde 29 de abril de 2006.



José Aguiar

Cadeira nº 16

Patrono: Dias Gomes

Nascido em 31 de maio de 1945, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de José Fernandes Ferreira de Aguiar, comerciante, e Joaquina Pereira de Aguiar, ambos imigrantes portugueses, moradores da localidade de Mangueira, Rio de Janeiro.

Formado em Língua Portuguesa e Brasileira, Licenciatura Plena, no ano de 2002, pela Faculdade de Ensino Superior de Educação e Letras de Nova Iguaçu, RJ (UNIG). No Ano de 2003, concluiu pós-graduação e especialização em Língua Latina — (UERJ) Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Trabalhou na Telecomunicações do Rio de Janeiro S/A - TELERJ, como Técnico de Instalação Manutenção e Reparos de Rede Externa.

Membro da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada do Município de Paty do Alferes, desde 24 de abril de 2018, é autor dos livros **Espinhos na carne** e **O roubo da Coroa Imperial**, ambos de 2020.



Maria de Lourdes

Cadeira nº 17

Patrono: Cora Coralina

Maria de Lourdes Dório Cravo, Pseudônimo: Lourdescravo.

Nascida no dia 09 de março de 1944, em Avelar, 1º Distrito de Paty do Alferes, Estado do Rio de Janeiro; casada com Joênio Moreira Cravo, mãe de 3 filhos e avó de 3 netos.

Formou-se em Letras — Português e Literatura pela Universidade Severino Sombra, Vassouras, no ano de 1983. Pós-graduada Lato Sensu pelas Faculdades Integradas de São Gonçalo (RJ), em 1993.

Professora na Rede Municipal de Vassouras, onde lecionou por 15 anos.



Marcelo Mourão

Cadeira nº 19

Patrono: William Shakespeare

Advogado, Ator, Autor e Diretor de Teatro.

Iniciou suas atividades artísticas no Grupo de Teatro Etapa, em 1974. Juntamente com artistas de Paty do Alferes, contribuiu para a resistência das artes cênicas e da cultura em geral, com ações que resultaram na construção do Centro Cultural Maestro José Figueira, uma referência na região.

Esteve presente em mais de 50 trabalhos teatrais, recebendo o prêmio de melhor texto no Festival de Teatro da FETAERJ, com o espetáculo “Outono”, e no Concurso de Dramaturgia, com o texto “Maria Ferroviária”. Fez participações em televisão, na TVE — Programa Professor Alfabetizador, e TV Globo — Malhação, Carga Pesada, América, Linha Direta, Separação, A Regra do Jogo, Tempo de Amar e O Outro Lado do Paraíso.

Fez sua estréia no cinema com o longametragem “Ricos de Amor”, da Ananã Produções / Netflix.



Déa Duque Estrada

Cadeira nº 20

Patrono: Heitor Villa-Lobos

Déa Duque Estrada Medeiros nasceu no Rio de Janeiro, em 23 de setembro de 1936. Iniciou seus estudos de música aos onze anos de idade e aos doze já brincava de compor versos e músicas.

Em sua formação acadêmica constam, dentre outros, os seguintes títulos:

— Professora de Canto Orfeônico, pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, onde foi aluna do Maestro Heitor Villa-Lobos.

— Pedagogia, com Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica, pela SUAM, 1975.

Em 2012 deu continuidade ao Curso de Fonoaudiologia, na Universidade Veiga de Almeida (UVA), onde, aos oitenta e quatro anos, cursa a sua quarta graduação. É membra fundadora da ALJODE.



Gercilí Barros

Cadeira nº 21

Patrono: Vinícius de Moraes

Gercilí Barros nasceu em Manaus, no Amazonas, e reside em Paty do Alferes.

Poeta, participou das Antologias: **Engrenagem da Poesia III**, Editora Engrenagem Letras & Artes, sendo agraciado com a medalha de ouro pela poesia *Se Eu Pudesse*; **Poesia da Metrópole, Escritores de Ouro 91, Balcão de Poesias**, todas da Litteris Editora Ltda., e **Um Libreto & 100 Sonetos**, Cartola Editora. É letrista e autor do livro **Versos Diversos**, da Cartola Editora, com mais algumas produções no prelo. Foi presidente da ALJODE por dois mandatos consecutivos, período de 2015 a 2019.



Em tempos de pandemia, criou e dirige o evento CHÁrau das 5, no Instagram, onde mistura música e poesia.

Aderson Lola

Cadeira nº 24

Patrono: Isaú Almeida Lola

Nascido no Rio de Janeiro, em 29 de Maio de 1947.

Estudou no Colégio Brasil, um dos mais tradicionais de Niterói, cidade onde foi morar com seus pais aos cinco anos de idade, fazendo parte da A.C.C.B. (Associação Cultural Colégio Brasil). Seu pai, funcionário público, poeta e escritor, sempre o incentivou na carreira literária, fornecendo e orientando sobre os livros que deveria ler e consultar.

Viajou muito, reunindo material para seus livros e crônicas.

Exerce atualmente o cargo de Vice Presidente da ALJODE.

Ocupa a cadeira cujo patrono, Isaú Almeida Lola, escritor e poeta neorromântico, vem a ser seu pai.



Clayton Craveiro

Cadeira nº 25

Patrono: Fernando Pessoa

Contista, cronista e poeta nascido no Rio de Janeiro, criado na Vila Isabel de Noel Rosa e na Lapa, vive há muitos anos com a família na região serrana do Rio.

Na Bienal do Livro de 2005 lançou seu primeiro livro, a novela **EU**. Participou da antologia literária *Poesia Viva* no mesmo ano. Teve menção honrosa no Prêmio Literário em Nova Friburgo com o poema **Ri**.

Lançou em 2012 o livro **Erogenia**, uma coletânea poética e o livro de contos **Killers — volume 1**. Em 2015 foi a vez de **Carnaval** (minicontos e poesia).

A partir de crônicas do blog **Clayton Craveiro — Café na Caneca**, lançou em 2015 o livro **Temporada de caça — crônicas 2013-2015**.

Em 2020, reativou seu canal de vídeos no Youtube, com leituras autorais e também textos de grandes autores.



Vitor Ferreira

Cadeira nº 26

Patrono: Machado de Assis

Vitor de Souza Ferreira nasceu em 28 de abril de 1970, em Campos dos Goytacazes. Iniciou seu trabalho artístico na Escola Técnica Federal de Campos (ETFC), através do coral, do teatro e da literatura, ganhando, na década de 80, o 2º lugar no concurso de poesias, com o poema “Meu Mundo”.

Fez parte do grupo de teatro “Gente é para Brilhar e não para Morrer de Fome”, atuando nas peças “Juventude Juvenilíá”, “Capitães de Areia” e “Barrela”.

Formou-se em Técnico em Química pela ETFC; Bacharel em Biologia Animal pela Universidade Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ. Pós-graduado em Manejo de Bacias Hidrográficas — COPPE /UFRJ. Professor Substituto no Centro Federal Tecnológico — Campus Campo Mourão, PR. Professor Substituto da Universidade Estadual do Centro Oeste — UNIOESTE, PR. Biólogo da Secretaria de Meio Ambiente de Miguel Pereira, RJ. Membro do Instituto Pé de Planta — Miguel Pereira, RJ.

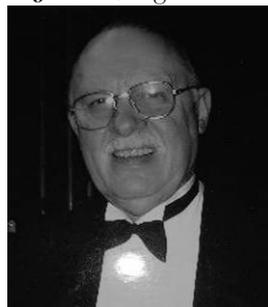


Astrogildo Reis

Cadeira nº 27

Patrono: Carlos Gomes

Formado em violino pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, ingressou no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, tendo sido aluno de Heitor Villa-Lobos e do maestro Vieira Brandão, graduando-se Professor de Educação Musical e Maestro de Coral. Pelo Conservatório Brasileiro de Música, diplomou-se como Regente de Orquestra. Participou como violinista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Em 1960, ingressou no magistério, além de fundar e dirigir a orquestra de shows Violinos do Rio. Coordenador de professores de cordas da Escola de Música Villa-Lobos, professor de violino da Academia Lorenzo Fernandes e primeiro violinista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Especialista em Educação na Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro.



Edmilson Lyra

Cadeira nº 28

Patrono: Ariano Suassuna

Nascido em 24 de fevereiro de 1960, no Rio de Janeiro, Edmilson Loureiro de Lyra é formado em Administração de Empresas, pela Faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro, com Pós-Graduação em Previdência Complementar, pela UFRJ.

Autor dos livros **Desenhos e Poesias de um Vergalhão** (2007) e **É cada conto!** (2020).

Atual Presidente da Academia Joaquim Osório Duque Estrada — ALJODE (2020/2022).



Wilson Barros

Cadeira nº 29

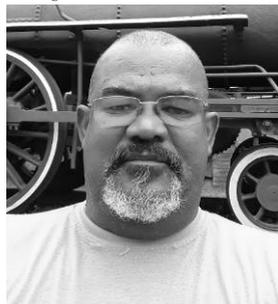
Patrono: Germano Hatzfeld

Nascido em 09 de julho de 1960, é natural do Rio de Janeiro. É técnico em Educação Física, formado pelo Conselho Regional de Educação Física e Professor de Massoterapia, formado pelo DARMA/SENAI, de Barra do Pirai. Graduiu-se, também, como Técnico de Contabilidade.

Autor dos livros **Porta para um poeta** (1992) e de **Alma de Poeta** (2013), além das peças teatrais **O Mundo Cor de Rosa** e **Cio da Terra**, as duas de 1994.

É membro da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada desde 2013.

Já foi Conselheiro Fiscal da ALJODE, sendo Tesoureiro na atual Administração (2020/2022).



*

**

Cadeiras vagas:

- 1 — ... (Pagu)
- 7 — ... (Carlos Lacerda)
- 13 — ... (Roberto Marinho)
- 18 — ... (Mário Quintana)
- 22 — ... (J. R. R. Tolkien)
- 23 — ... (Fernando Sabino)
- 30 — ... (Severino Sombra)

Textos

Sebastião Deister

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA VILA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE SERRA ACIMA DA ROÇA DO PATY DO ALFERES

1. Documentos de criação da freguesia

Alguns documentos antigos, que comprovam a presença do tabelião Leonardo Cardoso da Silva e do alferes Francisco Tavares na área patiensse, demonstram, de maneira definitiva, que tais pioneiros responsabilizaram-se pela criação da freguesia de Paty do Alferes. Também o bispo Dom Frei Antônio de Guadalupe teve participação fundamental no aparecimento do lugar, uma vez que nenhuma freguesia seria considerada legalmente criada se não houvesse a expedição de um Ofício Divino corroborando a fundação de qualquer vila ou povoado no país à época colonial. Assim, a seguir seguem as reproduções documentais que comprovam as declarações de instituição do patrimônio que fez surgir a Capela de Nossa Senhora da Conceição, ponto de partida para o embrião do município de Paty do Alferes de Serra Acima.

“Em bens patrimoniais só consta o patrimônio que lhe fez, quando Capela, o Capitão Francisco Tavares, na doação de Rs. 100\$000, em dinheiro, por Escritura Pública celebrada aos 13 dias de março do ano de 1739, no cartório do Tabelião Leonardo Cardoso da Silva, que se acha registrada no Livro da Fábrica à fl. 2, por determinação do visitador Marmelo, cuja quantia tomou a si a juros o mesmo doador (a 6 $\frac{1}{4}$ por 100 como era a prática), obrigando-se em sua vida a dar conta deles em dinheiro, ou em despesa, aos Revmos. Visitadores, por sua pessoa, e bens havidos e por haver, especialmente meia légua de terras, com as fazendas nelas compreendidas em quadra, no Caminho das Minas, indo pelo Couto, no sítio chamado Alferes, ou a quem possuísse as mesmas terras que seria sempre com esta obrigação.”

Certifico que em meu Poder e Cartório se acha uma escritura de doação para Patrimônio de uma Capela que faz o Capitão Francisco Tavares e Obrigação e Hipoteca, cujo teor é de maneira e forma seguinte:

Escritura de Doação para Patrimônio de uma Capela que faz o Capitão Francisco Tavares e Obrigação de Hipoteca:

SAIBAM quantos este Público instrumento de Escritura de Doação para Patrimônio virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e trinta e nove, aos treze dias do mês de março do dito ano e nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no escritório de mim adiante nomeado pareceu presente o Capitão Francisco Tavares, morador no Caminho das Minas e pessoa de mim reconhecida pelo mesmo aqui nomeado, e logo me foi dito por ele em presença das testemunhas, ao adiante nomeadas e assinadas que ele é senhor e possuidor de uma fazenda que planta vários legumes comestíveis, sita no Caminho das Minas, indo pelo Couto, no sítio chamado Alferes, que consta de meia légua de terras em quadra em que tem suas lavouras que partem por uma banda com terras dele doador e se acham já medidas e demarcadas, judicialmente, em cujas sobreditas fazendas tem ele outorgante 1 (hum) capela ornada e paramentada de todo o necessário de invocação a Nossa Senhora da Conceição, que levantou e fabricou, ele outorgante a sua custa e para conservação dela e de poder dizer missa e servir de Freguesia lhe faz doação para seu patrimônio da quantia de cem mil réis em dinheiro cuja quantia toma ele, outorgante sobre si à razão de juros de seis e um quarto por cento em cada ano, cujos juros se obriga ele, outorgante, a dar conta ou em dinheiro, ou em despesas para a dita Capela ao Rev. Visitador que for visitar, para o que obriga a sua pessoa e bens móveis e de raiz havidos e por haver e o melhor parado deles. E especialmente hipoteca a esta quantia de cem mil réis deste patrimônio a dita meia légua de terras e com as ditas fazendas em sua vida, e por sua morte, dele, outorgante, a seus herdeiros, ou a quem os possuir que será sempre com esta obrigação e esta especial hipoteca não derroga a geral obrigação dos mais seus bens, nem pelo contrário, a qual doação e patrimônio faz de sua livre vontade de sua e sem constrangimento de pessoa alguma que se obriga a fazer sempre boa debaixo da obrigação dos mesmos seus bens e não revogar nem ir contra ela em tempo algum e nesta forma me pediu lhe lançasse esta Escritura nesta nota que lhe li, e disse estava a seu contento e aceitou, e eu Tabelião, também aceito em nome de quem tocar ausente o direito dela, como pessoa pública, estipulante e aceitante e assinou, sendo testemunhas presentes Salvador da Silva Fidalgo e Francisco Xavier como pessoas reconhecidas de mim Tabelião Leonardo Cardoso da Silva que o escrevi.

13 de abril 1739
Leonardo Cardoso da Silva
Escrivão

2. Os primórdios da freguesia

Nascida às margens do Caminho Novo de Minas, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Serra Acima da Roça do Paty do Alferes foi oficialmente criada em 13 de abril de 1739, com sede na Fazenda da Freguesia fundada pelo alferes Francisco Tavares. Já nessa época, o também alferes e tabelião Leonardo Cardoso da Silva possuía uma roça de alimentos no morro de São Paulo — atual centro da cidade e em cujo topo localiza-se hoje a Matriz de Nossa Senhora da Conceição — e por conta dos trabalhos desses dois pioneiros o povoado rapidamente se tornou um importante ponto de referência para os viajantes que cruzavam a serra do Tingüá em direção às terras de Paraíba do Sul, ponto de passagem para Minas Gerais.

Ao longo de 81 anos, Paty do Alferes ostentou o simples título de Freguesia, até que em 4 de setembro de 1820 o Príncipe Regente D. João VI, através de um Alvará Real, referendou a criação da VILA DE PATY DO ALFERES, cujos domínios territoriais cobriam as áreas de Vassouras, Mendes e Barreiros (atual Miguel Pereira), cujos termos determinavam o seguinte:

“Eu, El-Rey, faço saber aos que este Alvará com Força de Lei virem, que aos quatro dias do mês de setembro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e vinte, hei por bem criar no sobre-dito lugar PATY, uma Vila com a denominação de VILA DE PATY DO ALFERES, que terá por termo todo o território entre as Vilas de São João do Príncipe e de São Pedro de Cantagalo, limitando-se ao Norte pela Serra da Mantiqueira e pelo Rio Paraibuna, e ao Sul pelo seguimento da Serra do Mar e cordilheira do Tangoá, ficando porém excluída do mesmo termo, a Freguesia de Nossa Senhora da Glória de Valença, que já foi servido mandar erigir em Vila.”

AS. D. JOÃO VI — REI DE PORTUGAL E DO BRASIL

Todavia, em face do pouco crescimento da vila e da negligência de seus administradores, a Regência Trina do Império (composta pelo brigadeiro Francisco de Lima e Silva e pelos deputados João Bráulio Muniz e José da Costa Carvalho) determinou, no dia 15 de janeiro de 1833, a transferência da cabeça de município para Vassouras. Por conseguinte, Paty permaneceu como distrito vassourense até 15 de dezembro de 1988, quando enfim um plebiscito

optou pela criação de um município independente abrangendo Paty — sede — e as localidades de Pedras Ruivas, Arcozelo, Avelar e diversos outros logradouros satélites.

3. Ligações históricas com o Imperador

Embora tecnicamente Paty do Alferes esteja inserido no chamado Centro Sul Fluminense, dentro da divisão regional estabelecida para o estado do Rio de Janeiro, não se pode omitir o fato transcendental de que as terras patienses mantêm um laço geográfico e histórico com a denominada região Serrana (representada, em especial, por Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo), e, em especial, com a Cidade Imperial.

De fato, em 1858, um acontecimento inesperado veio alegrar a vida dos moradores da Vila de Paty do Alferes. O Imperador D. Pedro II, que inspecionava com assiduidade o andamento das obras de implantação de estradas de ferro na Província do Rio de Janeiro, apareceu de súbito em Paty, chegando de Petrópolis por uma picada aberta pelas colinas periféricas ao povoado, a qual, alguns anos mais tarde, seria alargada e conhecida como “Estrada do Imperador”. Atraído pelas notícias que davam conta das excelências do clima da região e até mesmo desejoso de desfrutar da famosa hospitalidade concedida pelo barão de Paty (Francisco Peixoto de Lacerda Werneck), o Imperador apareceu a cavalo no centro da Vila resguardado por uma comitiva bem numerosa, deixando espantados os moradores mais humildes do lugar e causando alvoroço entre as autoridades locais, que não podiam sequer sonhar com uma visita tão ilustre e respeitável.

Tocado em sua sensibilidade por aquela alentadora presença em suas terras — não fora ele um nobre Cavaleiro do Império — o barão de Paty de pronto recebeu sua majestade em seu palacete no centro da Vila (hoje desaparecido), oferecendo aos empertigados convivas uma recepção de vulto, guarnecida pelas mais finas iguarias da terra e alguns vinhos por ele guardados para uma ocasião memorável como aquela.

Findo o lauto banquete, o barão convidou o monarca e todos os seus acompanhantes para que repousassem pelo resto do dia e depois pernitassem no conforto e aconchego de sua querida fazenda Monte Alegre, mas alegando outros compromissos — já que precisava viajar por longas horas a fim de fiscalizar várias obras em outras freguesias — D. Pedro partiu de Paty, deixando a

família do barão profundamente frustrada por ter não podido mostrar ao Imperador os requintes da propriedade que constituía o grande orgulho da estirpe Werneck e até mesmo da população de Paty.

O barão foi também Membro da Assembleia Provincial Fluminense ao longo de várias legislaturas, dono de imensas propriedades nos Municípios de Vassouras e Iguaçú, Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Fidalgo da Casa Imperial. Tal conjunto de posses e títulos acabou por transformá-lo numa das mais respeitáveis e conhecidas figuras dentro do admirável ciclo cafeeiro fluminense e, por via de consequência, ao longo dos acontecimentos sociais, políticos e militares que permearam o Segundo Império.

Também em Paty do Alferes ocorreram nascimentos de figuras que foram preponderantes em sua História e ao longo do Segundo Reinado, como por exemplo, o mencionado Francisco Peixoto de Lacerda Werneck (o barão de Paty do Alferes, casado com Maria Isabel Assumpção de Avelar nascida na fazenda Pau Grande, Avelar), Peregrino José d'América Pinheiro (o visconde de Ipiabas), Joaquim Ribeiro de Avelar (barão de Capivary, pai de um filho com o mesmo nome que seria agraciado com o título de Visconde de Ubá), Cláudio Gomes Ribeiro de Avelar (barão de Guaribu, e os irmãos João Gomes Ribeiro de Avelar, barão e visconde da Paraíba, e Paulo Gomes Ribeiro de Avelar, barão de São Luiz) e João Rodrigues Pereira de Almeida (barão de Ubá). Registre-se que a baronesa de Paty era irmã do visconde da Paraíba e dos barões de Guaribu e São Luiz, todos responsáveis por uma época de extraordinária atividade agrícola e social da região, especialmente na monocultura do café. Pelo exposto, é possível perceber o quanto de trabalho as famílias Werneck e Ribeiro de Avelar executaram em Paty do Alferes, deixando o sobrenome Avelar como titulação topográfica do importante 2º distrito municipal.

4. Paty do Alferes hoje

Atualmente, Paty do Alferes ostenta uma das maiores produções agrícolas do estado do Rio, com destaque maior para a produção de tomate. Seus trabalhos pecuários são também bem expressivos, em especial na oferta de leite e carne bovina. Já na área turística, o município trabalha intensamente eventos populares já consolidados e tradicionais, tais como a Festa do Doce (na Semana Santa) e a Festa do Tomate (no feriado de Corpus Christi), além de outras comemorações pontuais.

Por sua vez, a área cultural proporciona ao público alguns equipamentos de ótima qualidade, entre eles a Aldeia de Arcozelo (hoje sem qualquer ação de recuperação promovida pela FUNARTE, sua gerenciadora legal) instalada na antiga Fazenda da Freguesia (com Salão de Artes, Salão de Música, Teatro de Arena Itália Fausta, Teatro Central Renato Viana, refeitório, capela, área da antiga senzala e outras dependências) e o Centro Cultural Maestro José Figueira, no centro da cidade, este abrigando a Biblioteca Joaquim Osório Duque Estrada (com mais de dez mil títulos já cadastrados), a Galeria de Artes Dulce Pinheiro Bernardes, o Teatro Ivan Gomes Bernardes (com 122 poltronas) e uma sala de oficinas de teatro e pintura, além de aulas regulares de música.

Na História de Paty do Alferes, dois ilustres personagens devem ser lembrados. O primeiro o ferreiro Manoel Congo, líder de uma revolta de escravos da fazenda Maravilha ocorrida em 1838 e cujo enforcamento a 6 de novembro de 1839 procurava servir de mórbido exemplo para o plantel de negros controlado pelos barões de café em todo o território vassourense.

Por seu turno, Joaquim Osório Duque Estrada — nascido em Paty em 29 de abril de 1870 — notabilizou-se no cenário brasileiro pela criação da letra do Hino Nacional, cujo centenário de oficialização foi comemorado em outubro de 2009. Osório faleceu no Rio de Janeiro em 5 de fevereiro de 1927, sendo hoje homenageado em Paty pela Academia de Letras que leva seu nome (ALJODE).

Por outro lado, o município tem se valido, nos últimos tempos, de alguns eventos populares baseados na força de sua produção agropecuária para incrementar o chamado turismo popular e cultural. A grade histórica de que o município dispõe ainda não foi devidamente instrumentalizada no sentido de criar em seu território as chamadas “trilhas ecológicas” que contornam antigas e importantes fazendas do ciclo do café. De fato, foi pelas terras de Paty que o bandeirante Garcia Rodrigues Paes deitou parte do Caminho Novo de Minas — uma das variantes da Estrada Real — com isso possibilitando a ocupação demográfica de grande área do chamado Vale do Paraíba do Sul. Lembremos, também, que a área patiense abriga grande extensão da Estrada do Imperador, caminho utilizado por D. Pedro II, em 1859, para efetuar uma visita de cortesia ao barão de Paty do Alferes.

As festas acima citadas têm atraído para Paty do Alferes um número expressivo de turistas, sendo que a Festa do Tomate (realizada no parque de Exposições Amaury Pullig, no Distrito de Avelar) recebe em seus cinco dias

um bom milhar de visitantes entre turistas, comerciantes e espectadores, todos interessados nas múltiplas atrações musicais proporcionadas pela Prefeitura. Dessa maneira, podemos considerar tais pessoas como um grupo heterogêneo pontual e sazonal, já que não há estatísticas oficiais ou definidas a respeito do número de visitantes que chegam à cidade nesse período de diversão e alegria.

Por sua vez, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição representa, com justiça, um símbolo arquitetural e histórico que poderia ser associado ao turismo religioso, uma vez que se trata de um templo de estilo neoclássico datado de 1820 e recuperado em 1844. Entretanto, toda a estrutura da igreja encontra-se em lastimável e perigoso estado de deterioração, estando assim desativada e interdita para qualquer atividade sacra. De qualquer forma, já foram determinadas obras de restauração financiadas e dirigidas pelo IPHAN, o que cria grande esperança de, enfim, o templo ser recuperado em toda sua amplitude e dignidade.

Outro local digno de visitas é a Aldeia de Arcozelo, espaço cultural montado por Paschoal Carlos Magno. Na verdade, trata-se das instalações da centenária Fazenda da Freguesia fundada em 1739 pelo alferes Francisco Tavares, patrimônio histórico que representa o embrião de Paty do Alferes. A Aldeia, embora em condições estruturais precárias e desassistidas, tem como oferecer, na área de cultura, um belo anfiteatro rodeado de árvores seculares, sala de música com piano, salão de artes plásticas, igrejinha católica, capela em homenagem aos escravos que ali viveram e um teatro interno, prestando-se assim para eventos culturais de médio porte. O mês de julho sempre acolheu um já conhecido e bem frequentado Festival de Teatro Amador, mas nos últimos anos nem mesmo tal atração foi realizada, visto que, por determinação judicial, todo o espaço está vedado a eventos ou simples visitas. Portanto, a Aldeia, assim como a Igreja Matriz, constitui mais um patrimônio esquecido e deixado aos sabores do tempo implacável e corrosivo.

Já na centenária estação da estrada de ferro funciona um escritório da Secretaria de Turismo. Em seu entorno, implementou-se uma Feira de Produtos Naturais destinada a acolher um público cada vez mais exigente em matéria de alimentação sem o uso de defensivos agrícolas, promoção que tem recebido grande aceitação por moradores e visitantes. Nas proximidades da mesma estação, e já no interior da Praça 4 de Setembro, foi instalada a sede da Academia

de Letras Joaquim Osório Duque Estrada nas dependências do Coreto Pedro Chaim, uma louvável parceria firmada com a Prefeitura Municipal que, certamente, atendeu a uma antiga reivindicação daquela importante instituição cultural que acaba de completar 12 anos.

Na economia produtiva, o carro-chefe do município é o tomate, sendo que Paty é o primeiro produtor do estado do Rio de Janeiro. Por conseguinte, não há tão-somente uma receita típica desta culinária no município, mas sim diversos pratos — doces ou salgados — ligados a esta monocultura.

A cidade possui alguns hotéis e várias pousadas de qualidade, mas o destaque maior é para o Arcozelo Palace e para o Parque Manga Larga, cujas amplas estruturas disponibilizam vários espaços culturais e sociais — cinema, sala de convenções, salão de festas, piscina térmica coberta etc. — e bastante conforto e qualidade. Por outro lado, as demais pousadas, em sua maioria, localizam-se em áreas rurais, embora seus acessos não ofereçam grande dificuldade para quem se disponha a conhecê-las.

No campo artesanal, o Distrito de Avelar abriga uma interessante cooperativa de trabalhos baseados na palha de milho, atividade já bastante divulgada em outros municípios fluminenses. No entanto, muitos outros artefatos são produzidos na região, entre eles aqueles confeccionados em couro, madeira, lã, bambu, tricô, crochê etc.

Um cenário ainda desconhecido e inexplorado refere-se ao Caminho Novo de Minas mencionado acima. Essa estrada passa tanto na área urbana como na zona campestre de Paty, e por ser uma via aberta há mais de 300 anos, poderá se constituir em ponto de turismo ecológico e cultural. A propósito, a Secretaria de Turismo e Cultura já manteve, em anos anteriores, entendimentos com outros municípios contemplados pelo Caminho (como Miguel Pereira, Paraíba do Sul e Nova Iguaçu) a fim de viabilizar um projeto que recupere tal espaço, sinalizando-o e adequando-o à passagens de cavalos, motos ou bicicletas. Esperemos que as conversações a respeito voltem a acontecer e que tal projeto traga para Paty novas perspectivas sociais, culturais, históricas e turísticas.

5. Paty do Alferes e sua liberdade política

Desde 15 de janeiro de 1833 — data em que sua vila passara para o domínio de Vassouras — os moradores de Paty do Alferes viam na emancipa-

ção político-administrativa a única solução de seus problemas sociais e de infraestrutura. Contudo, apesar da luta pessoal e muitas vezes coletiva de muitos moradores ilustres do lugar, um movimento separatista de tal natureza sempre esbarrava em questões legais e encontrava nos chefes vassourenses um obstáculo político difícil de ser ultrapassado, já que estes não admitiam sequer pensar na possibilidade de ter seu vasto e rico território desmembrado em células menores e autônomas. De fato, nas esferas administrativas estaduais Vassouras combatia com intransigência a indesejada ideia de emancipação de uma de suas mais ricas células distritais, sempre minando a febre de separação dos pacientes, levando a cidade a amargar quase um século e meio de espera para constituir seu próprio município. Embora frustrada, a população patiense nunca se deixou abater pelos reveses políticos que a cerceavam. Mesmo abandonada por sucessivas administrações vassourenses, a vila buscou no profundo alento trabalhista e na insuperável vontade de seu povo lutador os meios seguros de prosperar financeiramente para assim se afirmar como célula municipal capaz de ter um desenvolvimento jurídico, social e político totalmente seguro e independente.

Ao longo das décadas iniciais do século XX, a população patiense foi se adaptando aos novos tempos, balizados, em especial, pela decadência das antigas fazendas de café, já desmembradas em glebas menores nas quais modestos grupos de lavradores tentavam manter suas culturas de subsistência ou buscando, na zona urbana, negócios diversificados que se mostrassem interessantes e lucrativos para suas famílias. Assim, lentamente surgiram escolas, levantaram-se casas, fundaram-se clubes e associações, inauguraram-se alguns hotéis e abriram-se diversos entrepostos comerciais importantes, lavraram-se planícies e encostas e demarcaram-se loteamentos inéditos e vistosos nas periferias de Paty e Arcozelo, atividades que acabaram por incutir no seu povo um irreprimível sentimento nativista e um intenso e imorredouro amor à terra, peculiaridades e virtudes que fazem dos pacientes, até hoje, a população mais ligada à produção rural entre todas as demais que habitam a nossa antiga e histórica região serrana. A despeito de alguns movimentos de emancipação levados a efeito por Paty e Avelar em determinados períodos do século XX, nada de concreto advinha para a cidade, pois a Câmara de Vereadores de Vassouras abortava de pronto qualquer sugestão neste sentido. Cedo ou tarde, entretanto, o divórcio político e administrativo teria de chegar. Afinal, a população economicamente ativa da

região já era numerosa, a arrecadação financeira — sustentada principalmente pela produção agropecuária de vastas proporções, na qual o tomate já exibia um destaque notável em todo o estado — superava todos os parâmetros determinados pelas leis de emancipação e o número de eleitores já ultrapassava o teto jurídico mais otimista.

Pressionada pela opinião pública, criticada pela imprensa local e desprovida de argumentos sociais, políticos e econômicos capazes de bloquear mais uma vez um plebiscito, a Câmara de Vassouras, enfim, autorizou uma consulta popular que abrangesse os logradouros de Paty do Alferes, Avelar, Pedras Ruivas, Palmares e Arcozelo, sendo marcado o domingo de 6 de setembro de 1987 para o referendo. Tal dia amanheceu melancólico e chuvoso, a lama tomava conta das ruas, o vento atípico para a estação e o frio incomodavam na quase primavera da serra. A Natureza não estava colaborando, a chuva assustava de vez em quando, mas nas seções eleitorais espalhadas pelos bairros do futuro município chegavam os eleitores a pé, a cavalo, de carroça, de bicicleta ou charrete, e todos — pobres ou ricos, ilustres figuras públicas ou simples filhos da terra, comerciantes, lavradores ou pecuaristas, jovens e idosos, caminhoneiros ou colonos, professores e donas de casa — levavam a esperança na alma e um pronto convencimento aos indecisos: ali estava a certeza da liberdade e o passo definitivo para o futuro. Numa inequívoca demonstração de civismo, educação e democracia, o plebiscito transcorreu dentro da maior normalidade. Ao final do dia, até mesmo os adversários políticos cumprimentavam-se pela beleza daquele ato cívico e sentiam que, fosse qual fosse o resultado, Paty jamais voltaria a ser a mesma cidade. Com efeito, ali se instalara algo intangível que, em breve, mudaria sua face e seu estilo de vida. Com o encerramento da votação, as urnas foram transportadas até a sede da Associação de Amigos de Paty (AMIPA), daí seguindo para Vassouras.

Presidida pelo então Juiz de Direito da Comarca de Vassouras, Dr. Paulo Nader, a apuração foi realizada no Dia da Pátria, 7 de setembro. Nervosos e ansiosos, os patiensens acompanharam o escrutínio no Fórum vassourense, e às 13 horas anunciava-se, com justificada euforia, o resultado da apuração. Para delírio dos patiensens e decepção dos vassourenses contrários àquela causa, votaram 6.445 eleitores (sendo 5.266 em Paty e demais bairros e 1.179 em Avelar), com o SIM obtendo 5.904 votos contra apenas 541 indicações para o indesejado NÃO.

A ruidosa festa de comemoração começou ali mesmo, junto ao Fórum. Uma estrepitosa carreata partiu então para Paty, atravessando inclusive terras de Massambará, Horizonte, Fazenda das Antas, Avelar, Granja Califórnia e Arcozelo, sendo engrossada ainda mais ao passar pelas ruas centrais de Paty, onde a população, praticamente em peso, esperava pela confirmação daquela alvissareira notícia e pelas comemorações que, por certo, seriam realizadas na cidade. Seguido de brilhantes e ininterruptas salvas de fogos, o cortejo seguiu para Miguel Pereira para receber os merecidos aplausos e votos de felicidade de seus vizinhos, e depois de contornar Governador Portela, regressou em triunfo para Paty, onde, em praça pública, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos de Paty encarregou-se de animar a festa até altas horas da madrugada, em meio a centenas de litros de chope e sob o espocar de uma saraivada de foguetes.

No dia 15 de dezembro de 1987, a emancipação foi definitivamente selada com a assinatura da Lei nº 1.254 sancionada pelo Governador Wellington Moreira Franco. A partir daí, o Município de Paty do Alferes de pronto mergulhou no processo de campanha política que acabaria por eleger, em 15 de novembro de 1988, Eurico Pinheiro Bernardes Junior como seu primeiro prefeito, tendo como vice Alexandre Veiga Lisboa.

Por sua vez, a primeira câmara municipal, presidida por Hugo Corrêa Bernardes, apresentava o seguinte quadro de vereadores: Alcício Pereira Mamedir (Vice-Presidente); Aloysio de Oliveira (1º Secretário); José Cariús de Melo (2º Secretário); Altino de Paula Borges; Aurimar da Rocha Oliveira; Antônio José da Rosa; Marcello Francisco da Silva; Nacim Elmôr; Oswaldo Fernandes de Barros Filho e Rubens de Medeiros Pereira.

6. Os 200 anos da vila

Registre-se que, em 4 de setembro de 2020, Paty comemorou, com a inauguração de um monumento histórico alocado na Praça Manoel Congo, os 200 anos do ato de criação como vila oficial. Contudo, é preciso não confundir as datas mais significativas do município, ou seja:

DOAÇÃO DE PATRIMÔNIO PARA CRIAÇÃO DA FREGUESIA EM 13 DE ABRIL DE 1739, oficializada pelo escrivão Leonardo Cardoso da Silva.

ALVARÁ DE CRIAÇÃO DA VILA EM 4 DE SETEMBRO DE 1820, assinado pelo Rei D. João VI.

EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO EM 15 DE DEZEMBRO DE 1987, com a vila sendo automaticamente transmutada em cidade.

MEU CANTO DE AMOR A PATY

Canto 1

Paty, de roças vastas e férteis,
Roça-Paty, de serras agrestes,
Paty, de palmeiras eretas,
De perfumados ciprestes
Paty, da Freguesia / Fazenda
Por cujas aleias em sombras
As rotundas negras de ontem,
(Saudáveis bonecas de piche,
Saltitavam o maxixe,
Enquanto negros retintos,
Carbosos, ilustres, distintos
Giravam a umbanda
E com voz afinada
Pulavam umbigada,
Entoando seus cantos,
Louvando orixás,
Invocando seus santos...

Paty, cantinho aquecido,
Que no roçado de cana
Viu seu negro sofrido
Em meio à sufocante poeira
Saltar e cantar capoeira,
Ou pular o seu jongo
Com gritos rebeldes,
Com brados cruentos
Saudar o Rei-Congo!
A mesma Paty-Aldeia
Que acolheu os passos
Apressados, nervosos

Que ouviu os clamores
Tão altos, chorosos,
De Mariana e Balbina,
De Mofumbe e Negra Mina,
Tudo ali, na ampla Arcozelo
Com desvelo e paixão
Mas, agora, triste sina,
Tem apenas saudade,
E é só solidão...

Paty, das senzalas extintas
E das sacadas distintas
Da Monte Alegre
Que abrigou o Barão
Recende ainda,
Por entre palmeiras
Delgadas, dançantes
O perfumoso café
Torrado e socado
Em imenso pilão
Para daí aquecer
E ferver no fogão...

E na colina
Como Anjo de Guarda,
Tão atenta e tão perto,
Vela por nós
Tua Santa de ontem, solene,
Em vestes tão simples,
Posto que belas!
É a protetora perene
A benzer casarios e ruelas...
Tua padroeira,
Toda Ela compaixão,
Senhora minha,

Madona nossa,
Virgem Pura
Senhora da Conceição

Canto 2

Paty, de fecundos pastos
Do Campo Verde airoso
Onde trabalha o caboclo,
Cansado, mas ditoso...
Paty do Alferes,
Da roça que foi amada
Pela saudosa Bernardes,
Ela, a sempiterna Dulce,
Sempre tão calma,
Hoje, lá longe, no céu,
Toda pura, etérea e feliz...
Dulce sempre tão doce
Como seu próprio nome já diz!

Paty, de tanto solo lavrado
Onde se planta o aipim,
O pimentão e o tomate...
Paty, de horizontes sem fim,
Do velho Severo e seu mel...
Terra da Bela Vista
E do pioneiro Quindins...
Quindins — meu Deus!
Que doce de hotel!
Paty, do Osório cordial
De um poema musical
Do nosso perfeito
Hino Nacional...

Paty, da antiga Maravilha
E dos montes da Poaia,

Paty, casa do roceiro
Que espera a chuva cair
Para da seara irrigada
Tirar seu sustento
E sua família nutrir...
Paty, do realismo do arado
Que concretiza seus sonhos...
Paty, dos carros de boi a cantar,
Paty, da amplidão da lavoura
E do matuto a plantar...

Paty de Serra Acima,
Do Alferes e de Avelar,
Tuas terras parecem exalar
O aroma da orquídea elegante
Que balança ao vento fragrante...
Paty, cantinho de roça querida
Onde se ergue a cana nutrida
Que dava ao negro dorido
A aguardente — tão quente!
E ao branco senhor,
Rigoroso, mas indolente,
O melado morninho
Que escorria perfumoso
Da moenda rangente...

Canto 3

Paty, pudera ter vivido
No ontem perdido
Para a teu lado,
Roçando e arando,
Ter explorado o teu chão...
Quisera nele ter feito
A colheita do trigo
Para então peneirar a farinha

Para no teu convidativo fogão,
Em um cantinho (quentinho)
De tua centenária cozinha,
Temperar tua broa
E assar, em glória, o teu pão!

Paty, de barões e viscondes,
De sinhazinhas e sinhás
Algumas tão boas,
Outras, às vezes tão más!
Paty, de Manga Larga e Palmares,
Paty, de Cardoso da Silva,
Paty, de Alferes Tavares...

Paty, nobre Paty,
Teu filho de sangue não sou,
Pois o destino comigo brincou
Ao me fazer
Em terras vizinhas nascer...
Mas pelo sol da História
Que aqueceu o verão das colinas
E pelo vento que cingiu
Teu amplo sertão,
Hoje me deixa,
Ser teu amante
Distante,
Ou, então,
Teu ardoroso irmão!

Voltaire Varão

SAÚDE

Três horas da madrugada, o galo canta no terreiro, a luz do casebre acende. Ernestina, quarenta anos, três filhas menores, as quais ela cria sozinha, trabalhando de doméstica.

Depois de preparar o café das crianças:

— Tô saindo, filhas! Não falem à escola.

Ruas escuras, muita lama, mas enfim, Ernestina chega ao Posto de Saúde, o tempo passa, a fila aumenta, e o vento faz o frio parecer mais intenso. Sete horas da manhã a atendente chega, meia hora depois:

— Pode falar senhora! diz a atendente.

Ernestina:

— Minha filha, por favor, eu gostaria de marcar uma consulta com o ginecologista.

— É? Mas não vai marcar não! responde a atendente esboçando um sorriso amarelo.

— Porque, minha filha? pergunta Ernestina.

— Os ginecologistas estão de férias!

— Os três? pergunta Ernestina.

— Sim, responde a atendente já chamando a próxima.

Com uma cara de repolho Ernestina indaga:

— Férias coletivas, minha filha?

ABUTRES

Bom dia! Boa Tarde! Boa noite! Você que tem o hábito de denegrir a imagem da sua cidade, a cidade onde mora, e amaldiçoa todos os dias o azar de ter nascido no Brasil, então eu lhe pergunto: — o quê tem feito para melhorar esta imagem?

Tem limpadado a calçada da sua casa! Lava o quintal todo dia com água potável! Queima o lixo do quintal! Estaciona em cima das calçadas! Estaciona na vaga dos deficientes e ainda diz que é rapidinho! Não para na faixa de pedestres! Ultrapassa o sinal vermelho! Compra pirataria! Não emite nota fiscal! Fura fila! Tira a placa do carro para evitar multas! Seu filho come um biscoito, joga o papel na rua e você faz vista grossa! Leva o cachorro para passear e fazer caca na rua! Obriga o vizinho ouvir aquela porcaria de musica que só você gosta! Aproveita de um parente com deficiência para comprar um carro com desconto! Usa o cargo que exerce para se beneficiar! Instala um gato no medidor de energia, de água! Instala um gato-net! Encontra um celular perdido, tira o chip e passa a usar! Não devolve o troco a mais do caixa do mercado, mesmo sabendo que ele vai pagar! Reclama dos políticos corruptos, mas aceita cinquenta reais no dia da eleição! Coloca um distintivo no peito e esquece que faz parte da massa! Consegue um diploma de médico em uma universidade pública e imagina-se um semideus! Compra contrabando! Etc ...

Então... Você defeca na sala e não quer sentir o mau cheiro?

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, fevereiro, de março a dezembro, o ano inteiro.

Tu és belo e teu povo hospitaleiro, o cristo de braços abertos, recebe o mundo inteiro!

Da garota de Ipanema à Vila de Noel, andar pelo rio é sentir-se no céu.

A cultura e a arte, da tua história fazem parte. Quando aqui cheguei, vindo do meu nordeste querido, olhando o vai e vem da tua gente, fiquei esbaforido! Andando pelas ruas desse rio antigo, comecei minha cumplicidade contigo.

Quando ando pelo bairro de Fátima, Lapa, Praça Tiradentes e o Teatro João Caetano, Real Gabinete Português de Leitura, Largo da Carioca e seus artistas de rua. Cinelândia, Praça Floriano Peixoto e o Palácio Pedro Ernesto. A Biblioteca Nacional inaugurada em 1910, Teatro Municipal, que teve sua inauguração em 1909.

A pé ou pelos trilhos da velha ferrovia, subo a Santa Teresa, cantinho favorito para apreciar tua beleza!

Lá para as tantas, a fome começa a apertar, lembro da Confeitaria Colombo, que fica na Rua Gonçalves Dias, nome do Poeta e conterrâneo que em sua Canção do Exílio dizia: “minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”. Lá, eu mato a fome do corpo e da alma, revivendo o passado e mergulhando na nostalgia.

Na Avenida Presidente Vargas, apesar da correria, contemplo a Central do Brasil, construída em 1858, ponto de partida ou de chegada da periferia, zona oeste e baixada fluminense. O Palácio Duque de Caxias e o Campo de Santana. Na Praça Pio X, a fé é posta à prova na Igreja Nossa Senhora da Candelária.

Na Avenida Presidente Wilson, visito a Academia Brasileira de Letras, casa dos imortais fundada por Machado de Assis e seus confrades Lucio Mendonça, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, Afonso Celso, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Joaquim Nabuco, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay e Rui Barbosa, em 28 de julho de 1897.

Na rua 1^o de Março, o Centro Cultural da Justiça Eleitoral, construído entre 1892 e 1896 para ser a sede do Banco do Brasil, que não chegou a ocupá-lo.

Nos arredores da praça XV, consigo voltar no tempo e fazer parte da história, contemplando um conjunto de prédios que contam a nossa história do período Imperial à república atual.

Paço Imperial com suas janelas colossais, Palácio Tiradentes que, em sua primeira construção, foi utilizado como cadeia, foi sede do Congresso Nacional e hoje abriga a Assembléia Legislativa.

Antigo mercado do Peixe, Estação das Barcas que podem nos levar à terra de Araribóia ou à bela Paquetá, desfrutar de uma deliciosa moqueca!

A Urca do Cassino de outrora e do espetacular Pão de Açúcar, com seu bondinho que além da vista que nos proporciona, testou a perícia do Agente 007.

A Princesinha do Mar (Copacabana), com o Forte a protegê-la, e o mais glamoroso dos hotéis de portas abertas pra te receber, seu Calçadão de pedras portuguesas simbolizando as ondas.

Jardim Botânico, um pedaço da natureza no coração da selva de pedras, orquídeas, palmeiras imperiais e vitórias-régias.

Floresta da Tijuca e a bela vista da Vista Chinesa. As comunidades e suas particularidades oferecem aos visitantes momentos únicos de prazer e vivência do dia a dia.

Aterro do Flamengo, local perfeito para os esportistas além do Museu de Arte Moderna e do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.

Maracanã, templo do Futebol, uma paixão brasileira, não há no mundo quem não queira em uma tarde ensolarada de domingo assistir ao maior clássico do Brasil, o FLA-FLU.

O bairro de São Cristóvão, localizado na zona norte, abriga a Quinta da Boa Vista, com Museu, Zoológico e restaurante, um lugar perfeito para o lazer do fim de semana.

Em São Cristóvão, também, fica o Centro Luis Gonzaga de Tradições Nordestinas, conhecido como Feira Nordestina, local perfeito onde o povo nordestino mata a saudade da terrinha e dos entes queridos que lá foram deixados, consumindo os produtos regionais e compartilhando com os povos do mundo sua Cultura e Culinária.

O bom Forró, os Cordéis e seus cantadores, comidas típicas feitas pelas mãos de nordestinos legítimos, com seus temperos caseiros, servida por canga-ceiros.

É assim que esse nordestino — carioca enxerga o Rio de Janeiro, tenho certeza que você, quando o conhecer, vai ter histórias e estórias para contar por toda VIDA!

VIDA & MORTE

A vida e a morte são parceiras do homem.

Quando você nasce recebe os dois selos, um escrito com tinta, que aos pouco vai se apagando, (vida). Enquanto o outro é uma tatuagem permanente, que dura a eternidade, (morte). “Apesar disso, você será esquecido”!

A batalha começa, mas você já sabe quem vai vencer a guerra!

As derrotas são diárias, porém, impercebíveis! Como viver é uma dádiva, vivemos, uns intensamente, outros nem tanto.

Recebemos um cofre e nele colocamos as riquezas que acumulamos ao longo desse “breve” tempo (vida). Que será aberto no dia da partida (morte). **O quê você tem acumulado?**

Riquezas materiais: ouro, prata, poder, autoridade, liderança, decidiu sobre a vida e a morte de muitos e esqueceu-se da sua?

Aproveitou essa oportunidade e acumulou riquezas que jamais serão esquecidas, mesmo com a borracha impiedosa do tempo?

A vida é uma dádiva. A felicidade, um estado de espírito. Viver é felicidade!

TRAGÉDIA, TEU NOME É CORRUPÇÃO!

A cada grande tragédia vivida no Brasil, a comoção toma conta do nosso povo. Somos uma nação solidária e participativa.

No primeiro momento, cumprimos o que diz a letra do Hino Nacional, não fugimos à luta e somos voluntários para o salvamento, acolhimento e recolhimento de donativos.

No segundo momento, nos revoltamos com o poder público, culpamos todos, colocamos os nossos demônios para fora e não perdoamos ninguém.

Ao passo que a mídia vai encontrando outros fatos, e com isso novas matérias, vamos esquecendo e inocentando os nossos corruptos de estimação.

O incêndio do Gran Circus em Niterói, incêndio do Edifício Joelma, Césio 137 em Goiânia, naufrágio do Bateau Mouche, Morro do Bumba, Tragédia de Teresópolis, incêndio do prédio no largo do Paissandu, no centro de São Paulo, Boate Kiss em Santa Maria, Mariana em Minas Gerais e agora Brumadinho, também em Minas Gerais. Todas, tragédias anunciadas!

(Todas com sua documentação em dia e assinada pelo técnico “responsável”)

Tragédia, teu nome é **Corrupção!**

A poeira baixou, a lama secou, então voltamos ao cotidiano da corrupção Sistêmica e Endêmica, que como essa lama do rejeito vai contaminando os nossos Gestores, eles refletem a nossa Sociedade!

Essas tragédias anunciadas costumam acontecer em Países do 3º Mundo, onde a população tem um ladrão de estimação! E cega, surda e muda não percebe ou não quer.

Diferente das grandes tragédias, a corrupção mata lentamente, envolvendo seus defensores com migalhas apenas para que não morram, mas que não tenham força suficiente para combatê-la.

O Brasil tem os Poderes pavoneando entre si e o Povo defendendo o seu Corrupto de Estimação.

A Saúde no Brasil, se é que podemos chamar de Saúde, vive uma calamidade, só funciona com liminar da Justiça. A Justiça é Corporativa e está acima do seu povo!

A Segurança Pública vive uma guerra urbana, onde o crime Organizado desorganiza o poder constituído e comanda de dentro dos Presídios suas ações nas ruas.

Não peçam Desculpas! Não Peçam Perdão! Queremos Atitude, Ação e Punição aos culpados.

“O Brasil é um País de Inocentes.”

PATY DO ALFERES — VALE DO CAFÉ

Vim, vi e vivo até hoje um romance recheado de paixão e aventuras à base de História, Cultura e Café. Quando subi essa serra pela primeira vez, com destino à terra de Joaquim Osório Duque Estrada, autor da letra do Hino Nacional Brasileiro, Paty do Alferes, apesar dos mais de 44 anos passados, me vem na memória como se fosse hoje.

Sentado em uma poltrona na janela do ônibus, que vencida aquela serra devagar como se quisesse me dar a oportunidade de curtir lentamente uma paisagem jamais vista pelos meus olhos, deslumbrado e ao mesmo tempo temeroso.

Enfim, chegando a Paty do Alferes, fui recebido e acomodado como se daqui fosse, por isso digo até hoje que o melhor dessa terra é seu povo. Fui vivendo cada dia e me sentindo parte desse todo, então me espalhei, conhecendo cada cantinho de Paty, sua história e seu povo. O filho do caçador de esmeraldas, a Vila de Nossa Senhora da Conceição de Serra Acima da Roça de Paty do Alferes, do Cavalão Mangalarga, da Fazenda Freguesia, hoje Aldeia de Arcozelo, do líder negro Manoel Congo e Mariana Criola, do Barão, da Cana de Açúcar, do Café, hotel do Capitão hoje Arcozelo Palace Hotel, Fazenda Pau Grande, Fazenda Monte Alegre, Fazenda Cachoeira, que produz a Cachaça do mesmo nome, Fazenda Santa Tereza, em Arcozelo, Fazenda Mangalarga com suas Cachoeiras, local de lazer dos jovens nas décadas de 70 e 80, dos bailes no Campestre Clube, do Forró do Didi em Arcozelo, do futebol com o Quinado no Pedrão, onde hoje funciona o Colégio Edmundo Peralta, do Churrasquinho do Jorge na Feira, do Leite e do ouro vermelho, o Tomate. Na Rua Vicente de Freitas, comeci a trabalhar na loja do Zé Rolão como técnico de Televisão. Com o amigo José Luis Quimente, na garupa de sua Lambreta íamos a Avelar, onde eu possuía um Cinema. O bar da ponte do Chiquinho Coimbra, ponto de encontro da galera. Das serestas no casarão embaladas pelo Tunim Mourão e o Pingo de Ouro. As sessões de Bang Bang no Cine Carvalho nos finais de semana. Da quermesse no pátio da Igreja Matriz. Você que viveu essa época, também tem muitas histórias pra contar, sem saudosismo, apenas para recordar. Já a geração de hoje escreve sua história de maneira diferente vivida na mesma região!

COITADO

No botequim do Geremoaldo, Policarpo Silva cuspiendo marimbondo, gesticulava e gritava:

Tá pensando o quê? E os direitos do contribuinte?

Geremoaldo tentando apaziguar disse:

O que foi homem! Que bicho te mordeu?

Vê se pode Gere! Fui à Prefeitura para legalizar o barraco, dei de cara com um aviso: Ofender o funcionário público é crime, sujeito à detenção de 3 a 6 meses de reclusão. E ser discriminado e desrespeitado pelo funcionário, é o quê?

Um sujeito esquisito com cara de intelectual retruca:

Respeito é bom e eu gosto, não estou ali para ajudar e sim para fazer o meu serviço.

Policarpo, soltando fogo pelas ventas, grita!

Que serviço? Ali ninguém faz nada, fica um empurrando para o outro e depois te mandam passar na semana seguinte, porque o chefe não teve tempo para assinar.

Devia estar escrito naquele aviso “Aqui fazemos valer os seus direitos”.

Uma velhinha que tentava comer uma daquelas coxinhas que grudam na boca, grita!

Oh! Coitado!

Carlos Celino

HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA JOAQUIM OSÓRIO DUQUE ESTRADA

No ano de 2005, o Diretor de Cultura Carlos Celino, pensou na criação de uma Academia de Letras em Paty do Alferes, à semelhança da Academia Brasileira de Letras, se espelhando no exemplo da Academia Vassourense de Letras. A ideia se fortaleceu na Secretaria Municipal de Educação, onde Carlos Celino era Diretor e pessoa de confiança da Secretária de Educação, Prof^a Terezinha Fonseca Martins, que lhe deu todo apoio e incentivo para que a sua ideia se desenvolvesse, ela autorizou que utilizasse o Centro Cultural Maestro José Figueira, como Sede e para as reuniões e encontros de Literatos, Jornalistas e Escritores de Paty e da vizinha Miguel Pereira. Carlos Celino, convidou para as primeiras reuniões preparatórias, o poeta Frederico Guilherme Jaeger; Demarcy de Freitas Lobato, poeta Haroldo José Soares; jornalista Leonardo Nogueira da Silva; Prof^a Maria de Lourdes Dório Cravo; poetisa Nilzanira Lisboa Reyes; poetisa Maria do Carmo Valle Luciano; poeta Francisco José dos Santos; compositora e cantora Juliana Ribeiro Bernardes (Juliana Brasil); curadora Ludwika Piekut; escritor Marcelo Vieira Barroso; o poeta e artista plástico Felisberto Freitas Costa; o ator de teatro, cinema e TV Renato Augusto Pupo; o escritor José Ewônio Dávila; o teatrólogo Marcelo Basbus Mourão; a Prof^a Zerly Castro Wainstein e a Prof^a Déa Duque estrada Medeiros, sobrinha-bisneta de Joaquim Osório Duque Estrada — “Inolvidável Autor da Letra do Hino Nacional”. Depois de exaustivas reuniões durante o ano de 2005 e nos meses de janeiro a março de 2006, aprovaram o Estatuto apresentado pelo Fundador Carlos Celino e o nome de Joaquim Osório Duque Estrada como Patrono da Entidade, concluindo que a festa de fundação e posse seria no sábado, 29 de abril de 2006, data comemorativa do aniversário de nascimento do Autor da Letra do Hino Nacional, nascido em Paty do Alferes, em 29 de abril de 1870. No dia 17 de abril de 2006, às 16:00 horas, realizou-se a eleição para 1^a Diretoria, sendo eleito Felisberto Freitas Costa, como 1^o Presidente.

Em cumprimento ao Estatuto: todos foram candidatos e todos tiveram votos; embora alguns nem quisessem ser candidatos, mas por força do estatuto, foram todos relacionados em lista e concorreram; cada um teve direito a dois votos, podendo inclusive votar em si mesmo. O Presidente Eleito nomeou para vice-presidente: Juliana Ribeiro Bernardes (Juliana Brasil); 1º secretário: Alexandre de Figueiredo e Faro; 1º tesoureiro: Maria do Carmo Valle Luciano; Diretor de Programação e Cerimonial: Carlos Celino; Diretor de Difusão: Leonardo Nogueira da Silva. Foram empossados 20 membros, mas ficou estabelecido que seriam 30 cadeiras.

Símbolos da ALJODE: a Assembleia também aprovou o Escudo e a Bandeira da Aljode apresentados pelo Fundador: **Carlos Celino** e as cores: Verde e Branco.

O Escudo: de formato em curvas com a imagem do rosto de Joaquim Osório Duque Estrada, circulado por Louros em verde; por cima, as letras em preto: Academia de Letras; embaixo dos Louros, em preto: Joaquim Osório Duque Estrada; mais abaixo, um Listel em amarelo com linhas em preto e as letras em preto com os dizeres: Paty do Alferes — 29/04/1870 e 29/04/2006, datas alusivas ao nascimento de Joaquim Osório Duque Estrada e a data de Fundação da ALJODE.

A Bandeira da ALJODE: é verde, medindo 1,20 m × 0,70 m. tendo no centro o Escudo com a imagem do rosto do Patrono: Joaquim Osório Duque Estrada, dentro de um losango branco, no mesmo formato da Bandeira Brasileira.

CORETO PEDRO CHAIM, UM SÍMBOLO DO LÍBANO EM PATY (SEDE DA ALJODE)

O Coreto Pedro Chaim: “é o Símbolo do Líbano em Paty e Marco da imigração Libanesa”. Seu nome é uma reverência ao seu criador, que mandou construí-lo em 1929, na Praça da Estação, para realização das festas do lugar; no local onde está o Centro Comercial — “Rancho do Rachid”. O Coreto agradou tanto à população, que se tornou um motivo a mais para a mudança do centro da Vila, que era na Praça Velho do Avelar, para a Praça da Estação Ferroviária; foi palco das grandes festas que aconteciam no seu entorno: “Retretas” animadas pela banda de música “Furiosa”, sob a regência do saudoso Maestro Teófilo Ribeiro; Batalhas de confetes e serpentinas no período carnavalesco, onde Olívia do Padre — “O Zé Pereira dos nossos carnavais”, era Divina, desfilando à frente da Banda Carnavalesca, sob os acordes dos músicos Geraldino Pereira da Costa (trombone), Chico Sapateiro (bombardino), Brasilino (trombone), Adélio Soares da Silva (piston), Adail Soares da Silva — “Volta Seca” (tuba), Álvaro Soares da Silva (tambor), José Soares da Silva — “Zequinha” (bateria americana) e João Marques (prato), uma geração de talentos que interpretava os melhores sucessos da época.

O baterista Ademir Vaccani Coimbra — “Cuca”, contava que as festas no entorno do Coreto eram magníficas, animadas por grupos musicais, que atraíam as famílias de todos os recantos; segundo “Cuca”, dançavam e cantavam num grande Baile de Rua, levantando a poeira do chão de terra batida, inclusive com a participação de veranistas (turistas). Uma atração imperdível do Coreto era o conjunto Cinco Jotas, sob a liderança do Mestre Jorge Santos (clarinete), José Botinha (violão), Jorge Sessenta (cavaquinho), Jaime Jacaré (pandeiro) e Átalo da Rocha Goulart — “Gói” (voz), diversas vezes com a participação do “Grande” Lourival Inácio de Carvalho, o “Louro”, Autor do Choro Antológico “Urubu Malandro”, que viveu um tempo por aqui, morando na casa do Celino (meu pai).

O AMIGO FARIDINHO E OSÓRIO

Sempre às 4 horas da tarde a molecada se encontrava na Sapataria do Seu Nonó, na esquina da Praça Benjamim Bernardes com a Rua Vicente de Freitas, onde o Sapateiro Toninho de Nonó, nosso treinador, levava os peladeiros para o antigo campo de futebol, do Capitão Zenóbio (Arcozelo Palace Hotel), que foi extinto para dar lugar ao Ciep 278. Numa dessas tardes inesquecíveis, com tantos jovens reunidos, chegou Farid Tamer Júnior (Faridinho), dizendo que o Autor da Letra do Hino Nacional era um Poeta nascido em Paty do Alferes e ninguém acreditou, eu fui logo dizendo que era mentira. Ele não gostou, começou um debate e outros garotos entraram na discussão, que virou um fuzuê. Imaginem como deve ter sido para o Seu Nonó aturar no espaço pequeno da sapataria uma dezena de moleques, discutindo em voz alta, um assunto que até aquela data era desconhecido da população de Paty do Alferes.

Era o ano de 1964, eu tinha pouco mais de 16 anos de idade; a discussão continuou pela trajetória até o campo de futebol, onde o nosso técnico, Toninho Nonó, impôs o fim da discussão para iniciar o treino. À noite, quando cheguei à rua, encontrei o Paulo César de Lima Fonseca, parceiro das nossas peladas de futebol; ainda não acreditando, mas querendo acreditar (não sei porquê), começamos a pensar como conseguir uma prova que o Autor da Letra do Hino Nacional tinha nascido em Paty. Tivemos a seguinte ideia: “escrever para o Instituto nacional do Livro”, eu escrevi, demorou muito mas um dia chegou a resposta, num envelope grande com a biografia e uma foto. E, para nossa satisfação, estava lá que de fato Joaquim Osório Duque Estrada tinha nascido em Paty do Alferes, no dia 29 de abril de 1870.

Fiquei tão emocionado que EDITEI uma revistinha com patrocínio do comércio e distribuí 3.000 exemplares nas escolas, pelas ruas e no comércio para mostrar que o Autor da Letra do Hino Nacional era patriense e tinha sido batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Alferes, no dia 16 de abril de 1871. Daí em diante, ninguém mais duvidou que “Osório nasceu aqui”. Quando o 1º Prefeito assumiu em 1º de janeiro de 1989, me convidou para ser o 1º Secretário de Turismo e me confiou a missão de criar o Brasão e a Bandeira do município, busquei no imaginário as lembranças do Faridinho e da molecada discutindo na Sapataria; hoje tenho orgulho da nossa Bandeira e

do Brasão, quando vejo estampada a figura de Joaquim Osório Duque Estrada, como nosso símbolo maior; Ele também está no **timbre** dos documentos oficiais da Prefeitura e da Câmara Municipal; quando Fundei Academia de Letras em 2006, tive a oportunidade de exaltar o Confrade mais importante da nossa história, dando o seu nome à nossa Academia; quando assumi a Secretaria de Turismo pela segunda vez, no Governo da Prefeita Batata, procurei o Pároco, Frei Vitalino, e propus inaugurar uma placa na chegada da Matriz, alusiva ao batizado de Joaquim Osório Duque Estrada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Alferes, em 16 de abril de 1871; à inauguração da placa compareceram mais de uma centena de patienses, que aplaudiram o descerramento da Placa feito por mim; depois teve Missa Festiva na Matriz e festa no Pavilhão da Igreja.

Osório está Presente na Academia de Letras; na principal Avenida de entrada da cidade; na Escola Municipal da Poaia; no CIEP 278; Biblioteca do Centro Cultural; merecidamente, por ter nascido aqui e pelo que fez pelo Brasil, como professor, jornalista, e escritor, inclusive representou o Brasil diversas vezes em missão internacional.

SÍMBOLOS DE PATY

Canto em Louvação pela minha cidade

Um canto de amor e de felicidade

Paty Nossa Senhora da Conceição

É a sua Padroeira, sua proteção

É a sua Consagração.

Ecoou um Grito Negro de libertação

É Manoel Congo Herói desta nação

Pedindo o fim da escravidão (liberdade)

Liberdade! Clamam os escravos em agonia

Contra o poder da tirania

Na fazenda Freguesia.

Paty, inspiração do Hino Nacional

Poema retumbante e divinal

Obra de um patriense genial!

Osório: poeta, jornalista, escritor

Defensor da liberdade

Uniu Paty à brasilidade;

Duque: é a sua nobreza

fidalgua e realeza

Estrada: um caminho de luz

que me seduz

e ao Reino do Saber nos conduz.

Francisco José dos Santos

SOCORRO

Mata seca
Fogo espalha
Água evapora
Umidade vai embora
Homem queima
Povo inflama
A terra sofre
A natureza clama
Piedade!

INDIGESTO

Um ácido corrói a minha boca
que cospe palavras que ferem
agitam a minha noite infeliz.
Sem calma minh'alma fica oca
maus pensamentos interferem
marca profunda feito cicatriz

ECO...!

Mente, mente
mente a mente gentil
gentil mente
palidamente
a mente sumiu
Pálida mente

MOVIMENTOS

A mente em pleno movimento
como a brisa que não quer parar.
Aguça os desejos e sentimentos
vendo a saia ao vento balançar.

ONDE MORO

Meu canto é meu canto.
É onde canto melhor!
Não troco por outro canto.
Aqui, mesmo distante,
Nunca me sinto só.
Tem canto de passarinhos,
Cigarras e outros seres a cantar.
É bem perto do céu, acalma!
Eleva os meus pensamentos.
Como encanta minha'alma!

A PELE E O PELO

A pele solta o pelo e o pelo na pele provoca prazeres quando toca

MANIPULAÇÃO

Muquiranas maldosos manipulam massas,
Movidos maldosamente.
Maquinam maracutaiaas múltiplas,
Malandramente.
Mentiras milenares murmuram.
Massacram mundo malvadamente.
Mídia manipuladora!

A BRISA

Deixar a mente serena
Como a brisa que passa
A alegria logo nos alcança

INQUIETUDE

É ela que sempre nos move
a sairmos do lugar comum,
buscando o que a gente aprove.
Sem ela não há desejo nenhum.

EU GOSTO

Do que vem da gente.
Da força que brota do chão
Da sabedoria que há na paciência
Do sorriso puro da inocência

Da sutileza que há no olhar
Da juventude, o imprevisto
Da velhice que conserva a alegria
Da energia que faz a transformação

DESGOSTO

O mesmo fogo que encanta
Espanta
Mata morre
Quem é vivo e pode
Corre
Se fica, evapora
Ou sucumbe
E quem socorre

Agosto vem
Sem chuva
Julho queima
Em frio
Em fogo
E no jogo
O homem só perde

MENTE SERENA

Serenamente tudo fica claro
e o amor, sentimento mais nobre,
coisa divina e sempre tão raro,
ilumina e transforma o coração pobre,
dando vida e riqueza, meu caro,
a todos que são por ele tocados,
aguçando os sentimentos e o faro
do caminho a seguir,
mesmo o inesperado.

DAÍ ENTÃO

Daí então o amor ficou
Presente em cada dia!
Mau sentimento findou.
Agora é plena a alegria!

TERRA NUA

Terra nua!
Mania de limpeza ... suja!
Desguarnecida do verde
na derrubada da mata,
capinadas e queimadas
inconsequentes homens.

REFLEXÃO

Despertar a mente
Para a mais ampla visão
Do infinito inconsciente
De onde vem a inspiração
Dádiva da divina graça
Origem da criação

MEU CANTO

Adoro onde moro!
Namoro o meu lugar.
Verdes matas,
riachos e cascatas,
a natureza em festa,
pássaros a cantar!

Tudo aqui me encanta!
Sou parte dessa natureza.
Vejo borboletas, colibris
e muito mais...!
Esquilos, grilos e esperança!
Do nascer ao pôr do sol,
claro ou com trovoadas,
sinto a vida como uma criança.

DESABROCHAR

Trabalhando e adorando
contemplando a natureza
da janela da cozinha
vi desabrochar com rara beleza
folha de bananeira!
Imponente e altaneira!
No meio de tantas
fez-se sozinha.
Captou minha atenção,
ficou por mim enamorada.
Sem cortes e totalmente inteira!

OPÇÃO

Se a vida arranca da carne o osso,
na pele do pescoço eu quero beijar.
Sentir o que for bom da poesia!
Viver com encanto e magia!
O que for ruim não quero carregar.
Sair da má sintonia e reter as boas energias.
É assim que vou caminhar.

Gil Cleber

MONÓLOGO Nº 46

O que fica das minhas lágrimas
 é saber que chorei;
E do meu pensamento corroído
 a imagem esmaecida de um barco velho no cais
 lamentando os mares que não pôde navegar.

PARA NÃO TE PERDERES...

Theodore Anderson (Gil Cleber)

Para não te perderes no nevoeiro
Leva o teu barco para o cais.
Desce o despenhadeiro
(da tua loucura)
Para não caíres mais.

O barco jaz no fundo do rio
Para sempre ancorado.
Em que cruz pregaram a sombra
Do teu corpo despedaçado?

OS CONVIVAS

Sete talheres estão postos para a ceia.
Sete lugares foram assim preparados.
Mas os minutos fogem no ar estagnado,
As horas avançam e escoam como areia.

Já o pó recobre a toalha e fina teia
Uma aranha teceu entre os cristais manchados.
Um candelabro com seus círios apagados
Preside a solidão que por ali passeia.

Pois no salão passou o tempo como um rio,
Interminável, rolando lento e tardio,
A cujo fim só a escuridão se pressente.

Muito tardaram a chegar as horas festivas,
E, enfim, quando se espera que entrem os convivas,
São sete sombras que se acercam lentamente.

CÂNTICO

O sino canta.
Quem canta como canta o sino?
É tanta a dor
E o sino canta.
Quando a dor é tanta
Quem canta
Como o sino canta?

CAVALOS NO ESPAÇO

Há como que cavalos no espaço.
Cavalos, não sei,
 que brancos
 que pardos...
Que voam em silêncio
Distantes do chão.
Cavalos cadentes
De olhos candentes
Caindo certos
 no meu coração.

INCÚRIA

O jardim floriu na primavera
E as borboletas figuravam pétalas à solta no ar...
Da varanda escutava-se o passaredo em plena tarde
E a grita das crianças brincando de roda
Onde uma menina de cachos dourados está aprisionada em seu círculo,
Mas do meio das árvores os lobos vigiam nossa dormência
E esperam o vendaval para atacar.

Algum de nós adormeceu?
Que pesadelos foram apenas sonhos?
Pagaremos caro por nossa incúria,
Pois quando abrimos os olhos
Vemos que a geada crestou as flores
E dos pássaros congelou o canto e o vôo.
A brincadeira de roda acabou
E na rua em frente passa um esquife
Levando a menina de cachos dourados para sempre aprisionada.

Os lobos,
Ainda famintos,
Partiram à procura de novas presas.
Estamos mortos
E vemos essas coisas com indiferença
E um sabor amargo na língua.

Teus olhos são
Duas safiras nuas

Meu coração
Uma cidade sem ruas

RETRATINHO COLORIDO, DESBOTADO PELO TEMPO

Encontrei outro dia, por acaso, um retratinho antigo com as cores já um tanto desbotadas, esquecido no pequeno baú de madeira onde na adolescência eu guardava minhas bijuterias, e que acabara se perdendo no sótão, no meio de tantas tralhas. Fui desentocar de lá meu bauzinho quando subi à procura de umas ferramentas, e sentada no sofá da sala o abri como quem abre o cofre de um tesouro: eu abria o cofre de minha juventude, voltava no tempo, não podia imaginar que estivesse abrindo uma espécie de caixa de Pandora.

Ali estavam ainda algumas das bijuterias que usei naquela época, uma mecha dos meus cabelos castanhos, um dedal de prata que ganhei de minha avó, e o retrato, um antigo postalzinho *Polaroid* 10 x 15.

No retrato estávamos nós, “As Cinco” como nos chamávamos, sorrindo para a câmera, as cinco bruxinhas com seus chapéus de ponta, seus vestidos de filó colorido e empunhando suas varinhas mágicas naquele longínquo baile à fantasia no Clube Campestre, em nossa pequena cidade de interior, trinta e quatro anos atrás: eu, prima Doralice e as colegas, mais que colegas, amigas do peito, Marcela, Juliana e Fernanda.

Sim, sorriamos naquela noite, desejosas de vida, esperando da vida mais do que esperávamos do baile: mais que simplesmente fantasia.

O que terá não o Tempo mas a existência de tão corrosivo que passou sobre nós como uma enxurrada e apagou esses sorrisos?

Por que temos de sorrir, se um dia teremos também de chorar?

Mas se essa mesma existência trouxe de volta, na forma de uma imagem gasta, essa lembrança, por que não falar dela?

Se fará bem, se fará mal... qual a diferença? Falemos, lembremos...

Éramos “As Cinco”.

Eu e prima Doralice nos conhecíamos desde sempre, nascêramos quase na mesma semana e crescêramos juntas; mas as outras foram se integrando ao grupo nas primeiras séries do ginásial, tínhamos onze ou doze anos então — todas a mesma idade, quase. Lemos ao mesmo tempo, no mesmo exemplar, *Os Três Mosqueteiros*, “que com Dartagnan formam quatro” disse Marcela, “então por que três e não quatro mosqueteiros?” perguntou Fernanda.

— Mas nós — eu adverti -, nós somos cinco.

— Uma por todas e todas por uma! — exclamou Juliana. — Que tal?

— Fechado — respondi, e sobrepusemos nossas mãos numa espécie de juramento.

Tínhamos então entre catorze e quinze anos.

O baile do qual restou este retratinho aconteceu um ano e meio ou dois mais tarde.

O Clube Campestre naquela noite fervilhava: era o sábado de um feriado prolongado e os veranistas enchiam as ruas desde a véspera. A moçada de então parecia eletrizada com a expectativa do baile, e quando as luzes do centro se acenderam no fim da tarde iluminaram um povo agitado como raro se via por ali: os bares estavam cheios, os dois ou três restaurantes abarrotados, houve mesmo um engarrafamento na rua principal...

Mal se podia transitar nas imediações do Campestre uma hora antes da abertura, e quem não tivesse adquirido ingressos com antecedência por certo teria dificuldades à última hora — muitos não puderam entrar e houve tumulto na roleta, sendo necessária a intervenção da segurança e da força policial para aquietar os insatisfeitos.

Depois de termos posado para a foto, As Cinco saímos do salão de baile abafadíssimo e fomos nos sentar junto a uma das mesinhas que ficavam na área descoberta; fazia uma noite escaldante, mas naquele ponto corria uma aragem fresca que nos pareceu um alívio.

Bebíamos refrigerantes, mas Fernanda em dado momento levantou-se com um muxoxo e saiu. Quando voltou trazia duas garrafas de cerveja.

Aplaudimos vivamente!

E derramamos embaixo da mesa o resto do refrigerante. “Quem quer Coca-Cola?” eu disse, tentando reprimir uma risada.

Passava de meia-noite.

— Quero ficar bêbada — declarou Juliana.

— E eu! — exclamou Marcela.

— Eu quero um amor — disse Fernanda, com jeito de quem sonha.

Então todas nos calamos, num silêncio de surpresa, e olhamos para ela. Nenhuma de nós tinha namorado: excetuando as paqueras de colégio, namoricos descompromissados, nenhuma paixão, nenhum “príncipe encantado a rondar nossas janelas cavalgando um lindo cavalo branco”.

Prima Doralice fez um muxoxo:

— Ah. — e espreguiçou-se, recostando-se na cadeira e reclinando-a para trás, com uma expressõzinha de descaso.

— Vai dizer que você também não quer um — disse Fernanda.

— Sim... acho que sim — prima Doralice respondeu, voltando a cadeira à posição normal e debruçando-se na mesa. — Sabem mesmo o que eu quero?

Todas olhamos para ela, que continuou:

— Viver!

E deu de ombros.

— Viver muito, intensamente! O resto vem com o tempo.

Pobres garotas!

Prima Doralice, que queria tanto viver, morreu aos vinte e dois anos com um tumor no cérebro, deixando-nos a todos, familiares e amigos, pesarosos e perplexos.

Fernanda nem chegou a formar-se no curso de odontologia: eufórica por ter encontrado seu amor, casou-se aos vinte. Mas o “príncipe” revelou-se um miserável que a humilhava publicamente e espancava quase todos os dias. Certa noite, após tê-la surrado até deixá-la desfalecida no chão do quarto, saiu para beber. Voltou para casa de madrugada e mal entrou recebeu uma punhalada certeira na garganta.

Fernanda estava irreconhecível quando me procurou naquela madrugada, ainda segurando o punhal, as mãos sujas de sangue. Mandei que entrasse e tomasse um banho. Pela manhã, entregou-se.

Não esteve presa muito tempo, mas quando saiu na condicional não era nem sombra da menina sonhadora e sorridente daquele baile no Campestre. Andou por aí um tempo, visitou-me duas ou três vezes mas quase não conversava, depois sumiu no mundo, nunca mais se ouviu falar dela.

Marcela também casou-se, teve quatro filhos, enviuvou cedo — antes dos trinta — e hoje carrega consigo o fardo de sua desilusão com a vida: dos quatro filhos, um morreu antes de completar nove anos; outro anda por aí, bêbado irrecuperável; o terceiro já entrou e saiu da cadeia mais vezes do que pode contar nos dedos das mãos, e a menina, a mais nova, faz a vida na Central. Dizem que tem Aids.

Dobrada pela vergonha, Marcela mudou-se para T..., um município distante, não dá notícias, não se sabe onde mora. Quando aparece — uma vez a

cada dois ou três anos — é por um dia, para visitar os parentes. Calhou-me encontrá-la em casa da avó há uns três meses: falava pouco, não sorria, tinha olheiras, perdera um dedo, “na lavoura” explicou, baixando os olhos, “um descuido com o facão” ...

Juliana, porém, teve sorte: formou-se em Direito mas nunca exerceu, casou-se com o filho único dos riquíssimos Fontela Torres, e o casal foi morar no exterior. O casarão da família, uma quase mansão, está fechado todos esses anos, desde o falecimento dos velhos. Só um caseiro antigo vive lá, para manter tudo em ordem.

E eu? De mim, o que posso falar?

Não tive um tumor, não tenho filhos delinquentes — mesmo porque, infértil, não gerei filho algum -, não precisei matar meu marido, que nunca me espancou, coitado, mas que também não é nenhum Fontela Torres...

Então, que vida eu tive?

Uma vida apagada, uma vida em preto-e-branco, muito diferente das cores que sonhava naquele baile do Campestre há trinta e quatro anos, das cores que ficaram a desbotar em nossa imagem gravada no *Polaroid*: sou professora de inglês na escola municipal e também dou aulas particulares, meu marido é marceneiro — e é só.

Vivemos de aperto em aperto, juntando dinheiro para uma reforma na casa ou para comprar uma televisão nova, economizando no pó de café e guardando as moedas num porquinho de barro que quebramos sempre na antevéspera de Natal — o que se tornou um hábito. Vivemos olhando para o dia seguinte sem expectativas nem saudades do anterior, aliás, um e outro se confundem na repetição vazia de minutos iguais.

E d’As Cinco ficou apenas esse retratinho colorido desbotado pelo tempo.

Acabo de chegar do casarão dos Fontela Torres.

Juliana e o marido, depois de viverem no exterior, resolveram voltar ao Brasil e vieram passar alguns dias no casarão, onde parece que pretendem instalar-se por breves temporadas.

Estive lá essa manhã para visitar Juliana, caminhei pela ruazinha de pedras que cruza o vasto gramado salpicado de canteiros e árvores ornamentais defronte à casa, fui recebida à porta por um criado de ar grave e cerimonioso.

— A quem devo anunciar? — ele perguntou sem mover um traço do rosto, quando lhe disse que gostaria de falar com Juliana.

— Helena Jordão — respondi. — Espere, diga-lhe também que é uma d'As Cinco. Ela vai se lembrar.

Foi a primeira vez que eu entrei naquela casa. Enquanto esperava no saguão, olhei em volta, enorme, paredes revestidas de mármore, piso de granito branco, quadros, tapeçarias...

Acordei de minha contemplação com o regresso do criado.

— A senhora neste momento está com uma visita — disse-me ele -, e não poderá recebê-la. Pediu-me, no entanto, para dar-lhe isto — e entregou-me um envelope.

Recebi sem compreender, “uma explicação por escrito?” ocorreu-me.

— Ah, sim — gaguejei com um sorriso, tentando disfarçar meu desapontamento -, então com licença — e abri o envelope.

Não havia uma linha sequer para mim. Apenas um cheque.

A princípio não entendi. Em seguida tive um estremecimento e baixei a cabeça.

— Agora, senhora — disse o criado, sempre com o ar grave e as feições imóveis -, se nos dá licença...

Movi a cabeça, fiz que sim.

Virei-me e saí, devagar. Desci os degraus da varanda e, embaixo, sem uma segunda olhada para o cheque rasguei-o em quatro pedaços - ficaram lá, junto com o envelope, papezinhos brancos na verdura do gramado.

Percorri de volta a ruazinha de pedras e deixei o casarão.

“Meu Deus” pensei, “ela talvez seja a mais desgraçada de todas! ...”

E por Juliana eu chorei o que não chorara pelas outras, o que não chorara por mim mesma.

Maria do Carmo Valle Luciano

BORBOLETAS

Quando casulos feios encontramos
Nem percebemos que no interior
Guardam a beleza que admiramos
Da borboleta da mais viva cor

Vivem passando por transformações
Em sua pequenina existência
Mil cores diferentes em padrões
Que não existem em experiência

Em seus desenhos mostram perfeição
Que artista nenhum pode imitar
A simetria torna-se então
Em raridade pra se apreciar

Bailarinas do ar em revoadas
Inigualáveis em sua beleza
As borboletas azuis e as matizadas
Ajudam a enfeitar a natureza

Voam, revoam pelo mundo inteiro
Passeiam livres por todo lugar
Se a lagarta ou casulo vem primeiro
Qual borboletas vivem a reinar.

DONOS DA TERRA

As caravelas chegaram com Cabral
Os índios eram donos dessa terra
Foi o começo de um festival
De injustiça que nunca se encerra

Tudo era festa, conta nossa história
Houve até missa em comemoração
Um marco no passado de vitória
O índio foi perdendo seu quinhão

Hoje pra tentar sobreviver
O índio vem pedir ou implorar
Por um pedaço de terra para viver
Ele tem que eternamente mendigar.

Nada mais resta do que era seu
Agora é tudo tecnologia
Muita vida até hoje se perdeu
A liberdade diminui a cada dia.

A herança que ficou do seu passado
Está apenas na recordação...
Apesar de ter sofrido e ter lutado
Só lhe resta afinal um pedaço de chão!

COMPASSO

A vida passa por mim
Ou eu que passo pela vida?
Caminhando sigo assim
Seguindo o passo da vida.

Como passar sem pensar
Se passa a vida ou eu passo?
A vida sempre a passar
Ou eu passo a cada passo?

Se meu passo é apressado
Passa a vida mais depressa?
E se o passo é compassado
A vida passa sem pressa?

Quem passa por toda vida
Passando com passo lento
Traz no passo a cada passo
O passo que passa o tempo?

No passo que a vida passa
Cada passo é menos um...
Diminui em cada passo
O passo de cada um...

CHICO MENDES

Uma emboscada... e tudo de repente
Termina numa cena de terror...
Mais uma vida que se foi para sempre
Ficou a tristeza, a revolta e a dor.

Que fez para merecer tão triste fim?
Parece tão difícil entender...
Apenas tentou como muitos enfim
A natureza e a terra defender.

Sempre empunhando a bandeira da vida
Não teve medo, não se acovardou
Lutou com uma coragem destemida
A ganância abertamente condenou.

Brigou por cada árvore cortada
Tentou a todo custo impedir
Amava o verde pelo qual lutava
Teve homenagens no seu ir-e-vir.

Se os algozes foram condenados
Outros iguais ficarão, com certeza
Resta saber se outros abnegados
Irão morrer ainda pela natureza!

CABOCLO

O sol abrasador lá no roçado
Enxada faz poeira nesse chão
O caboclo à tardinha já cansado
Volta pra casa de chapéu na mão

Depois de um banho o caboclo espera
Pela comida que a “patroa” faz
A noite cai na humilde tapera
O sol lá na montanha se desfaz

A lamparina a iluminar a escuridão
Cheiro de querosene pelo ar
A esteira estendida é o colchão
À espera do caboclo para deitar

Após um dia inteiro de labor
Há tempo ainda de poder sonhar
Sua felicidade é fazer amor
E um cigarro de palha pra fumar

Na vida pura simples dessa gente
Existe muito amor e sentimento
Trabalham muito, mas vivem contentes
Em poder tirar da terra alimento.

SOMBRAS DA NOITE

Caminhos perdidos na sombra da noite
Figuras sombrias sob os lampiões
Madrugada, o vento soprando em açoite
Apagam-se as luzes, silenciam canções

Espera em vão de alguém que não chegou
Sonhos esquecidos em cada esquina
Na sombra da noite a ilusão ficou
Onde tudo começa... onde tudo termina...

A noite é criança e esconde segredos
Em cada sombra, um mistério escondido
Esperanças, tristezas, os sonhos, os medos
Ficando no tempo para sempre perdidos.

Vagando na noite em eterna procura
Pessoas se encontram e se distanciam...
Se amam, se odeiam, chegam à loucura
E as verdades não ditas, então silenciam.

Se o mistério da noite pudesse transformar
Em realidade, os sonhos e as ilusões
Não haveriam tantas sombras a vagar
Pelas calçadas sob a luz dos lampiões.

MEU CÉU

Meu céu é rosa, verde e amarelo
Meu céu eu pinto da cor que quiser
Eu faço o céu do jeito que eu quero
A cor do céu é como a gente quer

Quando vejo meu céu acinzentado
É que há tristeza no meu coração
Se algumas vezes ele está amargurado
Fogem-me as cores da imaginação.

À noite conversando com as estrelas
Eu vejo nelas as cores dos vitrais
E se no escuro não consigo vê-las
Fecho meus olhos e elas brilham mais

Quando há no céu as nuvens espalhadas
Eu vejo imagens e formas diferentes
Eu sinto a paz por tantos almejada
No azul do céu a calma é transparente

Quero o céu da minha vida colorido
Que exista sempre em mim perseverança
Eu agradeço a Deus por ter vivido
A todo tempo abraçando a esperança!

O MAR

Barquinhos navegam
Nas ondas do mar...
Gaivotas voando
Garbosas no ar...

No fundo das águas
Bezas sem par...
Corais e estrelas
Cavalos do mar...

Baleias passeiam
Tranqüilas, gigantes...
Os botos namoram...
Golfinhos falantes...

Os peixes formosos
A bailar... a bailar...
Mil formas brilhantes
Enfeitando o mar...

Quanta coisa acontece
Nesse mundo bonito...
Equilíbrio da vida
Nesse mar infinito...

MEUS VERSOS

Tem os meus versos a simplicidade
E a humildade que trago em mim
Meus versos são retalhos de verdades
Reminiscências de uma vida, enfim.

Procuro nos meus versos esconder
A timidez que impede de falar
Ajudam no silêncio o meu viver
Refúgio para ouvir e pra calar

Encontro em meus versos o apelo
De alguém que teme a realidade
Amando o que há de belo com desvelo
Valorizando o dom da amizade.

Nem sempre o que escrevo faz sentido
E muitas vezes valorizo o irreal
Tentando ver um mundo divertido
Distante da amargura e do mal.

Pedaços emendados de uma vida
Que conseguiu enfim sobreviver
Com a coragem e a cabeça erguida
E com muita vontade de vencer!

TARDE CALMA

O vento passando suave tranqüilo
Gaviões orgulhosos planando no ar
Na relva molhada o pulular do grilo
Na mata o sabiá laranjeira a cantar

Ao longe um cachorro cismado a latir
Mistura-se ao barulho do riacho
As borboletas no seu ir-e-vir
E os sapos coaxando rio abaixo

Plena harmonia nessa tarde calma
De uma tranqüilidade sem igual
Contrasta com o que há dentro da alma
Tristeza que existe entre o bem e o mal

Alguns momentos de esquecimento
Da luta insana da sobrevivência
A paz que chega em algum momento
Equilibrando nossa existência

Os passarinhos em sua sinfonia
Formam um coral de mil vozes, enfim
Demonstram em seu cantar a alegria
Que eu procuro encontrar em mim.

Nilzanira Reyes

DANÇA

com pensamento em Matisse

corpos se movem
mãos em torno
em roda.
na real — os corpos se regozijam

estética acordes
em volta o vazio
cabeças pulsam melodias
ondula e une um a um
e mais movimentos na sinfonia frenética — pagã
com certeza Deus está presente
ou o diabo, quem sabe?
cadência, ritmo
olhar em cores lancinantes
alegria de estar na brincadeira
esse som, essa dança
invade relaxa extasia.

SALTO

vi suas mãos e me surpreendi

as veias saltadas, as unhas,
um quê de desapego transbordava

na janela um gato dá o ar de sua graça
pulando o muro que o separa do mundo.

as mãos as unhas o gato
um salto
eis aí o desapego.

OXIGÊNIO

um corpo usa o ar que respiramos
e dele se apropria,
como eu e você
que apesar de sermos vários e diferentes,
respiramos assim, assim, assim

como assim?

— coisa de Deus, é o que dizem...

ora, me perdoem
não permeiem meus versos
de crente e epistolar enredo
pois apesar da noite finda e do dia que clareia
reíro as vestes e me ofereço à aurora
para sentir na pele a aragem morna e coletiva
que se repete, repete, repete.

CÓPIA DO AUTOR

o passado é uma paisagem em ruínas
visto de um barco à deriva.
sem o cais, sem as marcas das marés,
o risco são as lembranças.
o tempo algoz demoliu as paredes e as janelas
contou as histórias que se perderam no pó
acumulado nos umbrais desnudos.
quanto riso e gritos de crianças ecoaram nos corredores embolorados.
quantos morreram de amor no abafado das alcovas.
esse mar de lenhos e calhaus
onde os homens buscavam sustentação.
esse mar de ondas e milagres resistiu ao tempo
e mais homens nasceram e peixes se multiplicaram.
o passado estava ali, obscuro
na paisagem das ruínas,
como um fio condutor, entre a incógnita do passado
e o ponto de vista a partir do barco

CLICHÊ

uma tarde,
podia ser de anteontem,
num horário qualquer entre o calor e o sol poente,
a preguiça se estendendo na areia quente,
um corpo quase nu,
ou melhor, vestido num biquíni azul.

fico feliz em ser esse personagem tropical,
se confunde com a paisagem e se torna um foco,
tomado no relance de um arco refratando o sol
correndo sobre as águas como um corpo santo.

fico feliz em me ver assim,
nas capas das revistas, magazines,
devorada por mil olhos.
objeto juvenil de úmidos desejos,
meu nome associado ao belo, ao sexy,
ao crédito do autor da foto.

fico feliz de me ver lembrada
em páginas gastas, que mesmo após dias e dias
folheadas numa exígua sala de espera,
com mil vincos e amarela,
onde eu sou o tudo daquela tarde
e agora, passatempo até a próxima chamada.

TARDANÇA

quando brotou
era a sua imagem que esperava.
olhou o chão
a claridade da janela.
esticou seu tronco, flores
e o quanto pode, pétala a pétala.

a sua cor rosada
no pranto se desfez.
ela esperava vê-lo,
nos jardins de cravos,
sentir as suas folhas,
seu corpo delgado
o seu perfume.
mas foi a sua ausência, em vez.
recolhe-se
e desde então espera triste
seu par, sem tê-lo
sem o quê, ela não mais resiste.

O VOO

a Helena Ortiz (in memoriam)

as asas da gaivota
sua caça diária, seus voos oblíquos
em que mergulha à procura de peixes.
nessa tarde a maré empurra as águas do mar ao encontro da lagoa de
ponta negra.
os pescadores com suas tarrafas, ali, imóveis como estátuas, à espera
dos cardumes.

hoje eu vi as gaivotas, os pescadores e a lagoa com outros olhos,
também vi o mar, do outro lado,
marejava espumas como meus olhos
espocava as bolhas como fogos de artifício
que se apagam
hoje eu vi Helena
e a imortalizo nestes versos
sem saber naquele instante,
que a perderia,
poeta,
para sempre.

“OLHA-ME DE NOVO”

com pensamento em Hilda Hilst

ave de suspiro e voo
olha-me atenta
e traz-me o bálsamo e o óleo
para ungir esse momento.

molha-me com o hálito
da manhã que chega
molha-me de orvalho
sela esse luzir de encanto.

vem comigo
torna esse universo um rio
pois maior que as pedras desse leito
é a correnteza inquieta refluindo.

vem amante
pousa
“se te pareço noturna e imperfeita”
ultrapassa as margens de seu corpo
“há tanto tempo espero”
nós ainda somos puros
apesar do espanto.

MULHER QUE CHORA

uma mulher chora, talvez seja uma mãe
talvez tenha perdido um filho, o amante
nesses tempos de guerra fome e fuga

talvez seja uma gravura esquecida
naquela parede, na casa, emoldurada
retratando a dor em óleo sobre tela

cabeça entre as mãos ela soluça
sentada na calçada ela soluça
e sem sorrir assisto ao ato, à cena fotográfica

não me ocorre nada, senão registrar
na retina digital o desenrolar do choro
desbotado borrão de lágrimas

envergonha-me esse olhar transversal
em que busco um melhor ângulo e aguardo
até que a imagem desembace e num clique
eu capture a dor para sempre.

REENTRÂNCIAS

em referência a Bashô

borda, poço
avencas e musgos se esforçam por sair.
o sapo observa um inseto.
a água em círculos inunda paredes de pedras.
a velha corda e o balde de madeira despedaçado,
dão completude à cena.
ruínas?
não.
uma pintura rústica, espatulada
trazendo nostalgia ao papel em que se inscreve

*“O velho tanque
Uma rã salta
Barulho de água”*

todos os sentidos afloram

Guaracy Muniz

SEMÁFOROS

Passadas compassadas
Pelas calçadas estreitas
Espreitas com o canto dos olhos
Óleo sobre tela de poças
e vapores baratos de bueiros
E as modas; roupas, sapatos
De salto em salto desvias
Dos buracos em obras das vias
Não vias nos rostos da multidão
Correnteza de sonhos em vão
Entre o trem e a plataforma
Gotas de suor e embalagens
Plásticas que não escondem
A idade do asfalto, piche
Num muro como miragens
E as maquiagens cansadas
De tanto se maquiar
Para a rotina de ir
Sempre ao mesmo lugar.

SÊ PACIENTE

Aguarde sempre mais um pouco
Quando a morte parecer certa
Quando o grito parecer rouco
Quando a ferida for reaberta
Aguarde sempre mais um pouco

Aguarde sempre mais um pouco
Quando a resposta for confusa
Quando o ouvinte parecer mouco
Quando a vida for obtusa
Aguarde sempre mais um pouco

Aguarde sempre mais um pouco
Quando o amor estiver minguate
Quando o peito parecer oco
Quando a dor for lancinante
Aguarde sempre mais um pouco

*“Sê paciente; espera que a palavra amadureça
e se desprenda como um fruto ao passar
o vento que a mereça”*

Eugênio de Andrade

TATUAGEM REMOVIDA A NAVALHADAS

No deserto dos perdidos sentimentos
O que parecia amor era miragem
Apagaram-se todos bons momentos
Navalhadas rasgando a tatuagem

Um louco caminha, beira de estrada
Diz coisas estranhas. Ninguém entende
Com voz gutural urra para o nada
E o nada, invisível, o repreende

Se o amor vem pelos olhos: que eu me cegue!
Se vem pelos ouvidos: que ensurdeça!
Se vem pelo tato: nada me toque!
E se pela lembrança, que eu me esqueça!

De nascente borbulhante em pedras claras
Nasceu e agora morre esta quimera
Entre rimas preciosas e outras raras
Acostuma-te a lama que te espera!

*“Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!”*
Augusto dos Anjos

REFLEXOS EM ESPELHO QUEBRADO

Vou vendo-te assim
revivendo meus medos
Escorrendo-te por entre os meus dedos
Meus deuses; para qual de vós devo orar?
Para deste ciclo me afastar

E vai sendo puxado o fio do novelo
Como receio em pesadelo
Que o que não se quer que aconteça
Acaba por acontecer
Meu medo reflete-se no teu medo
Meu segredo esconde-se do teu segredo
Tecer ou não ser

E assim nos distanciamos
Por sermos tão parecidos
Como reflexo no espelho
De quem já está partido

E VAI PASSANDO MAIS UM INVERNO

Páginas de livro, outro alguém folheando.
Camadas de argila no fundo do oceano
Ardor em ferida que vai cicatrizando
Dar as costas para outro ser humano

Como estações do ano e as do trem
Final da vela em borrão de cera
Prato de comida para quem não vem
Saudade de ente querido que falecera

Como vento de poeira antes da tempestade
Como água do rio sob esta ponte
Dores de acordar após certa idade
Como história antiga que alguém me conte

Como nuvens pastando pelo horizonte
Tal qual luar que a tempestade obscurece
Como gado voando por sobre o monte
Como alguém que te beijou e hoje te esquece.

CAFEZAL EM FLOR

Frio de agosto, procela de Adamastor
Amansa ao vislumbre de um cafezal em flor
Longos glomérulos, delicadas flores alvas
Mais singelos que os lírios, orquídeas ou malvas

Colhida amiúde mais parece polímera
Nos vastos cafezais é beleza efêmera
Que faz parar estupefato o viajante
E sinaliza grã colheita adiante

Nestes invernos ora tristes e cinzentos
Vê se abandona pela estrada teus tormentos
Deixa um pouco de lado a tua dor
Pare e contemple este cafezal em flor!

ETERNIZANDO UM SIMPLES MOMENTO

Aquele sorriso largo que mal cabe em nosso rosto
Um sábado ensolarado, um coração recomposto
Uma música suave em um local agradável
Balança tão sensível, plenitude vulnerável

Breves raros momentos de felicidade plena
Condão do toque perfumado da tua mão pequena
Congelar este momento por toda eternidade
Pra que nunca vires mágoa, nem tristeza, nem saudade.

EU ESTOU AQUI

O mais excêntrico que você consegue ser
É ouvir sozinho o lado B
dos seus LPs?
Todos esses projetos “em ser”
Será que você consegue me ouvir
me ver, me achar
no reflexo da tela do seu celular?

Essa chuva fina, essa lama escorregadia.
Esse precipício tão perto...
Daqui a dez anos o que iremos nos tornar?
Conseguiremos conversar
Sem nos indispormos e sem olhar
Com o canto do olho a tela do celular?

Repita o que eu falei. Eu não consigo
Prestar atenção em tantas coisas ao mesmo tempo
Mais do que eu digo, as entrelinhas falam
Quando a palavra trava, enguiça

Saudades das tardes de sol e preguiça
Não sei onde elas foram parar...
Talvez nos belos planos de fundo
Das mensagens de todo mundo
Que entopem a tela do seu celular.

LILICO

Rubro intenso que mostras sobre a mesa
Ouro vermelho, sangue do lavrador
Traz tua acidez até para sobremesas
Da semente à colheita, mui labor

Na terra covada o sonho renascer
Desbrota para o fruto vicejar
Rezando baixinho para não chover
Orando em silêncio para não “quentar”

Solitários ranchos, curtos horizontes
Bambus em feixes acinzentados
Vales úmidos, verdes montes
Sob a terra em relevo ondulado

Frutos caneados, hora de colher
Será que o preço bom estará?
Lilico, meu amigo, agora vamos ver
Se um retorno justo acontecerá...

EM RESPOSTA A TUAS PRECES

Os anjos lhe encontraram
Mas não é uma experiência boa
Muita luz em tua escuridão
Talvez doa

É preciso estar leve
Livre de traumas e manias
Expurgar o bolor que a vida
Reunia

Projetos parados andarão
E o que não for se desboroa
Note: nem tudo que tem asas
Revoa

Sinta o vento dos anjos
E o sol que a tudo ilumina
Calma; a vida ainda é tua!
Só que hialina

CALE AS PALAVRAS

Quanto mais as pessoas falam
Mais as pessoas mentem
O horror que as pessoas sentem
Quando seus pilares se abalam

Quando as palavras se calam
As verdades se presentem
Veja o quanto as pessoas mentem
Quanto mais as pessoas falam

Para todos os que te malham
Trinta moedas de prata
E toda verdade se mata
Quanto mais as pessoas falam

Espelhos se estilhaçam
Frente ao dedo inquisidor
Que goza causando dor
Quanto mais as mentiras grassam

Flores se despetalam
Num jardim de enxofre e sangue
Pântano, limbo, mangue
Venenos que se propalam

Amigos que te apunhalam
Medo de seres humanos
Vomitando loucos planos
Quanto mais as pessoas falam.

Zeca Lobato

AO MARCUS VINÍCIUS, GIULIA E VALENTINA

Teu sonho ainda sonha com um anjo.
Teu grito ainda fica mudo.
Involuntariamente
Teu mundo fica cego...
Veste-se com cores lindas
Cores que nem sabes se existem.
Pois estão tão distantes de ti.
E nem sabes por onde começar
Os primeiros passos de tua jornada.
Sabes apenas, para onde vai teu mundo
Embora seja somente imaginação.
Caminharás entre falas humanas
E ouvirás todas as cantigas de ninar
E as que se calarão em distâncias infinitas.
De vez em quando, trazidas num vendaval,
As forças do bem envolvendo teu futuro.
Encontrarás, em nuvens de estrelas,
O silêncio que nada oferece e ninguém quer.
Mas existirá um coração vazio de alma pura,
Uma prece de amor para endeusar teu sonho
E explicar que não há vento nas estrelas.
Que a fonte de sabedoria humana
Envolve céu e terra...
Porém, um dia a natureza da vida
Entregará novos dias.
Novos tempos e tu prosseguirás sorrindo.

AMIGO

Meu caro amigo, até breve.
Aqui vai meu recado
Não sei se chegará
Se não chegar
Não tem problema
O que prevalece é a intenção.
No meu peito a saudade.
Da última vez que te escrevi
Só restaram palavras de afago
E o pesadelo na memória
Foi até engraçado.
Tu sonhou tudo o que escrevi
Depois psicografaste.
Parece que do céu te telefonaram.
Foi um anjo super inteligente
Que te passou toda a minha verdade.
Dias depois conversamos a respeito
O lenço branco sem poeira
Acenava molhado de suor
Pela lida de cada dia
Ajoelhados depois oramos
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
Foi legal. Abençoados falamos
Não precisamos escrever
A amizade é um presente de Deus.
Ele se incumba de avisar
Quando um amigo precisa de outro amigo
Não de importância.

POETA

Estando tu triste, passas alegria
És solitário sem sentir solidão.
Nunca estás só, tens alguém no pensamento
De repente alguém está contigo em harmonia
Conectado no teu dia a dia
És solidário com qualquer ser
Independente de idade, geração, posição social.
Falas de amor, sem ter amado alguém
Acalentas corações mesmo desolado.
Quando estás quieto, em silêncio
Alimentas inspiração.
De ti brotam palavras confortantes
Vêm de dentro de tua alma, falas com o coração.
Transmites fé sendo ateu
Rezas sem oração... conversa.
Falas da morte sempre buscando a vida
Desejando a sorte a quem não conheces
Porque tens a imagem de puro
Um pouco de tua ventura, um anjo
Mesmo não sendo um santo
O teu dom é para semear paz
Confias em toda esperança
Sem ter um sonho sequer
Sabes a todos solicitar perdão
Ensinas o poder sem saber dominar
Falas da natureza e a todos consolas
Sem fim, por fim, só porque
És um poeta.

É MEU FILHO

É meu filho, o manto de fé é a tua luz.
Jamais nesse mundo te fascines e te iludas.
A glória vã da vida sempre é a tua vitória.
Leva esta espada cintilante e aguda.
Despreza a injúria, o insulto, o desatino...
Pois saiba que a majestade da vida é o destino
É meu filho, não te deixes vencer, vence.
Lembra-te também que a alma te conduz à razão.
Sempre fuja das trevas, do pecado e de todo vício.
Da fé conquista a esplendorosa vida saudável
E deslumbra-te ao fulgor da conquista.
Das imponentes catedrais dos sonhos
Faz-te sentir um todo-poderoso.
Quanto ao sonho, o amor, a alma vencida...
Não te farão íntegro ou sei lá o quê.
No intangível instante de forma violada.
A estrada, meu filho, te levará para a obra torturada.
E quando o brilho da luz se acender
E face à natureza, na tua ânsia ardente
Pense... reflita... analise. Só em ti há esperança.
E os teus sentimentos em perfeita luta.
E desce ao coração de um corpo ardente...
É quando do brilho a luz se acende.
Não precisas de mais nada, meu filho
Na vida, no seu tempo, tudo vai embora
E tu, contínuas acelerando os passos.
Se cada instante é um suplício
Apenas escuta a tua voz angelical
E segue teu caminhar em paz contigo mesmo.

EU QUERO SER

Eu quero ser:

A bomba atômica para acabar com a guerra.

A explosão para recomeçar do nada.

A capacidade para vencer e convencer...

O espermatozóide para iniciar uma vida.

O início de uma caminhada

O laboratório para a ficção científica...

A permissão para o uso atômico de um nada

A sobra que prevalece de tudo

A sombra deixada por uma nuvem rasteira...

O espaço de uma visão oculta.

O lar sem fome de uma criatura saciada.

O bem maior para qualquer ser vivo...

A história, a geografia, a ciência

A matemática, a multiplicação da vida

A tormenta para fazer melhorar tudo...

Eu só não quero ser:

A fúria do vento

O milagre de justiça

O encanto e desencanto de uma vida.

O caminho obcecado de um ser volúvel

Um átomo para um ser covarde

Um vírus para eliminar seres.

Um pouco de mim em você...

Eu quero ser:

Tudo de mim em mim mesmo.

EU TE AGRADEÇO

Como vai você perdida no que pensa?
Eu estou vagando ainda pelo mundo
Mas eu te agradeço pela pureza de tua alma,
Pela felicidade do elo que me destes.
Três novas vidas que levarei para sempre.
Eu te agradeço sim! Pela minha solidão
Se a terra descansa no seu tempo certo
Porque o amor tem que continuar cansado?
Ele não é criança que não cansa de brincar.
E você no meio de tanta gente tão fria e tão só.
Também tão distante e tão diferente.
Hoje meu verso perdido na noite chora.
E seu choro tem alma sofrida.
Minha alma é sem lar, sem abrigo, sem nada.
Eu te agradeço a ternura dos teus olhos,
O carinhoso toque dos teus dedos sobre mim
E a ilusão que envolveu meu abandono...
Eu te agradeço a ternura dos momentos vividos
E todo amor que vai ficar no silêncio
Eu te agradeço a fantasia de meu sonho
Teu sorriso que é uma rima de meu verso
A música envolvente de meu mundo
A tua alma perdida em minha alma
Oferecendo tanto a quem não pede nada
Mas vivendo a felicidade luminosa
Na lembrança de tudo que foi real.

HOJE EU QUERO

Hoje eu quero beber água da chuva colorida
Estou lúcido, vivendo a estação de inverno.
Quero dançar sem o som das trovoadas
E me banhar de brisa de névoa seca.
É o inverno de montanhas cinzas
Hoje eu quero me ensaboar de meteoritos
E ouvir a última sinfonia na Natureza
Do mundo, eu quero sentir o bálsamo das flores
E de outras pétalas de flores de outros planetas
Hoje eu quero o vento me arrebatando
A memória e a consciência
E mergulhar no mar da alegria.
Receber uma mensagem de otimismo e seguir
Hoje eu quero todos os prazeres da vida
Subjetivos do subconsciente
Só para fugir de todos os problemas.
Hoje eu quero só isso e me sentir livre
Para dizer apenas uma palavra de amor.
Amo...

SÓ POR UM SIMPLES PRAZER

Só por um simples prazer
Eu navegaria nos teus sonhos de amor.
E deixaria rolar as lágrimas da vida
As lágrimas de meu sentimento puro.
Só para banhar o teu corpo com alegrias
E percorrer as curvas de teus anseios.
Provocar com minhas mãos de veludo
A energia aflorada de tua paixão
Por seres um sonho de minha alma.
Só por um simples prazer
Provocaria a sensação do primeiro abraço.
Acariciaria a pele macia do teu rosto
E me deixaria vencer por um momento...
Flutuaria como o vento suave que perpassa
E tocaria em tua sensualidade tão tímida
Como um Anjo de luz frouxo.
Sobrevoaria sobre tua auréola invisível
E caminharia ao teu lado sem uma palavra.
Só por um simples prazer
Desvendaria os mistérios dos teus dias
E apareceria em teus sonhos.
Como um ascendente espiritual...
E levaria a certeza, ao clarão da lua,
Que eu te daria todo amor possível
E com um simples gesto...
Depois beijaria tua face e te diria:
Tu és minha filha... eu sou teu pai... te amo!

Kátia Toledo

A ESPERA

A noite espera pra deitar em colo meu.
Não sabe porém, que entrego-me a Morfeu.
Incansavelmente nunca desiste.
Ela sabe que a possibilidade existe!

Há noites que Morfeu não vem,
deita-se com outra em meu lugar.
Não que tenha deixado de ser seu bem,
mas esmera-se para todas agradar!

Ao esgueirar-me de meus pensamentos
na minha sala de estar,
sonho com bons sentimentos
pondo minha filha noite a ninar.

Notívaga, me vejo por noites
viajando em meu divagar.
Só não as uso como açoite
à espera de Morfeu chegar!

O MENINO DA CASA AMARELA

Todo ano no natal,
o menino da casa amarela
corre para o seu quintal.

Lá de cima ele avista
um lindo óleo em tela
assinado por grande artista.

Para hoje, o que temos?
Temos luzes na capela,
mas temos muitos extremos!
Muita casa enfeitada
à mesa linda baixela.
noutras apenas... nada!

Lá no centro da cidade
muita moda em passarela.
Aqui em cima, realidade!
Sem presentes, sem noel.
Mas, ao menos, tem aquela
que sempre lhe foi fiel.
Apesar de tanta agrura
Ao passar noite tão bela
Mãe e filho são dogura
nessa incrível aquarela!

O SILÊNCIO

Sorvo um gole de café escaldante
que até meu pensamento torna-se efervescente.
Pensamento este... itinerante
No silêncio de minha mente.

As ideias saltam pelo ar
como os carneirinhos que deveriam fazer-me dormir.
Muitas delas fazem-me amar,
outras pulam a cerca querendo fugir.

A paz que esse silêncio traz
é na verdade um bálsamo para minh'alma.
É tudo que me satisfaz,
revigora meu corpo e me acalma.

Nesse silêncio eu ouço a voz da natureza,
o sorrir dos anjos a preencher meu dia,
a luz do altíssimo com toda certeza
trazendo-nos um milagre a mais que se inicia!

MORTALHA

O corte profundo sangra-me a alma.
Goteja-me lentamente o líquido rubro.
Agoniza nitidamente minha calma.
Meu corpo nu com teu manto cubro.

Forma-se uma crosta espessa e dura
a proteger-me como carapaça.
Imagino eu que, a essa altura
nem mal, nem bem por ela passa.

Tua estupidez trava uma batalha
com teu bem-querer que nunca escutas.
deita em nosso amor uma mortalha,
fazes tuas verdades absolutas!

FEIRA DA ESTAÇÃO

Hoje tem feira na praça
Hoje tem versos no chão,
por mim a morena passa
vendendo seu ganha-pão.

Tomate, pimenta-de-cheiro
pocã, morango e mamão
Tem tudo quanto é tempero
na praça da estação.

Bom, bonito e barato
pra todos os gostos se tem
o melhor artesanato...
Pra tudo que lhe convém.

Paty do Alferes tem flores,
cachaça da melhor qualidade.
Também tem vários amores
vivendo nesta cidade.

Tem cultura e alegria,
acontecimento atraente
e tem muita ecologia
coisas de Deus... Onipotente!

ETÉIA

Sim, sou replicante!
E tu... implicante!
Gosto de ti
e tu... de ninguém!
Sou de outro mundo,
pareço uma etéia.
Sou diferente,
nem fazes ideia!
Sigo meu rumo,
busco ser feliz.
Sou de tudo muito,
eternamente aprendiz.
A quem me ensina, sou grata.
Só não me queiram beata.
Não gosto de hipocrisia,
mas tampouco sou vadia.
Gosto de amar sem coleira,
sem pressa e por inteira,
sem mandos, desmandos, barreira.
Amar pra mim, não é besteira!

ELO

No silêncio me sento
e contemplo a solidão.
Vejo-me por dentro
nessa imensa vastidão.

Ao cerrar de meus olhos eu sinto
tua presença a embaraçar-me
e por instantes pressinto
a força do teu eu a chamar-me.

Que aliança é esta que me torna insana?
Que teu ser venera, minha morte proclama?
Retiro-me de cena, partindo nosso elo.
minh'alma clama: não serei teu flagelo!

BONECA

Não me faça boneca de sua luxúria,
nem me queira ter como sua paixão.
Não me encontro em estado de penúria
que não possa encantar um coração!

Paixão, para mim, é inútil,
efêmera, fugaz, passageira.
é coisa de gente fútil.
Quero amor pra vida inteira!

Sensualizar é preciso.
Essencial para os amantes.
Cíume ... não é conciso.

É traça a devorar argumentos
Trazendo amores errantes,
transformando bons momentos!

BASTA QUERER!

As águas do ribeirinho passam ligeiras por mim.
Salto por entre as pedras
molhando meus pés desnudos e inquietos,
como se asas tivessem.
Assim como meus pensamentos,
eles querem voar livres, alto,
tanto quanto possível.
Agradável aroma acompanha as flores
levadas pela brisa que ouço cantar.
Felicidade — custa tão pouco —
basta querer!

A MENTIRA

A mentira é fascinante
para quem dela lhe faz uso.
Porém é repugnante
pra quem dela sofre abuso.

O ser abusivo ignora
o sentimento subjugado
inferiorizá-lo? adora!
Esse é o método mais usado!

Saber-se inteligente e culto
não lhe faz melhor que ninguém.
Fazer-se sábio é o intuito
dos que não utilizam o desdém.

Ser humilde é uma virtude
que o mentiroso não tem
Usa sua soberba atitude
para tudo que lhe convém.

Só se esquece entretanto,
que o egocentrismo só trama
e lhe faz perder o encanto,
pr'aquele que mais o ama!

Zerly Weinstein

CHÁCARA PRIMAVERA

Onde o sonho tornou-se realidade
Onde a paz superou a ansiedade
Onde o ar é mais puro e fresco
Onde o silêncio se faz melodia
com o canto dos pássaros e do vento.
Onde as pedrinhas limpas e soltas
lembram-nos esquecimento
não abandono e nem tristeza
só calma e serenidade

Quando o sol brilha no amanhecer
Sentimos no peito o amor renascer
E, ao entardecer com melancolia,
tudo e todas, recolhem-se com alegria.

ERA UMA VEZ

I

Era uma vez, assim começa a história.
Patinho Feio, Bela Adormecida,
fadas, bruxas, gigantes e duendes,
os três porquinhos, mais espertos que o lobão.
Saíam dos livros, ficavam na memória,
permanecendo nos sentidos e no coração.

II

Dona Benta, Tia Anastácia,
Narizinho, Emília,
Visconde, Pedrinho e Rabicó,
Iara, Curupira, Saci.
Ainda hoje encantam os que estão aqui.

III

Quanto suspense, susto e alegria.
Mesmo antes de aprender a ler.
Ouvindo-as serem contadas
em casa e na escola,
com emoção e euforia.

IV

Aprendíamos os mistérios
Da leitura e da escrita
Das mais belas e fascinantes viagens,
pelo mundo da imaginação,
jamais vistas ou descritas.

V

Hoje em dia, às vezes ouço perguntar:
onde estão as crianças e os jovens,
que vibravam com os personagens
criados por tantos autores conhecidos
e desconhecidos da sabedoria popular?

VI

E eu respondo prontamente:
Vivos e latentes estão.
em nossa mente e no coração.
Só é necessário que os deixemos
com coragem renascer.
Sob as bênçãos de Deus partilhar
a esperança e fé de os reviver.

NATAL E ANO NOVO

Recordações no passado
Certezas no presente
Esperanças no futuro

Quantas vezes em criança eu vivi
esperando o Natal acontecer.
Pela dificuldade que existia
quase nada eu esperava ou pedia.
O que na manhã seguinte eu encontrasse,
era para mim, só espanto e alegria.

O hoje acontece aqui e agora.
Rápido e fugaz, que delícia.
Gestos, abraços, apertos de mão.
Na mensagem de paz e harmonia
Presente em cada sorriso ou cartão

O amanhã incerto e desconhecido
Aparece-nos no Milagre de Natal.
O encontramos na esperança que nos guia
Nos sonhos, sentimentos, gestos e atitudes.
Na força e na coragem para continuar.
Em direção ao Ano novo presente
Na sabedoria do saber amar.

NOITE DE DOMINGO

Lua alta, encoberta e silenciosa.
Noite de Domingo harmoniosa.
Escuto ao longe, estão chegando,
a moto e o auto, barulhentos
dão sons que desequilibram
a calma da natureza em tristes lamentos.

Os animais tranquilos ao seu abrigo retornam
E, os humanos em sua pressa regressam
Será que esta inquietação
Trar-lhes-á paz ao coração?

Insensato comportamento
Imatura decisão
Permitir que seus sentimentos
Dominem a sua razão.

QUATRO ESTRELINHAS

Eram quatro estrelinhas
Que o Divino Amor de Deus deu para nós.
Cuidamos, guiamos e protegemos.

Elas não vieram todas de uma só vez.
Chegaram após longa espera
No tempo determinado por Deus.
Era enorme a expectativa
Ao esperarmos para saber
Se era uma “estrelinha” ou “estrelinho”.

Tudo que preparávamos
Era guiado por um imenso Amor
Que sentíamos mesmo antes de conhecê-las.

Chegou à primeira filha
Um tempo depois a segunda
A terceira logo em seguida
E a constelação das “3 Marias”
Elas vieram preencher.

Mas Deus ainda nos reservava
Uma alegria sem igual
Mandou-nos um menino
Amoroso, tranquilo e brincalhão.
Que com todos dividia
O seu imenso coração.

Como para todos nós
Esta jornada é passageira
o nosso “menino cometa”
aos braços de Deus retornou
e para nós uma imensa saudade ficou.

TARDE DE CHUVA

Cai a tarde e a chuva mansa
Tamborila cantando na calçada
Pela janela do meu quarto
Como se fosse a moldura de um retrato
Vejo a vegetação em vários tons
Verde claro e escuro, que emoção!

Na beirada do telhado da varanda
Pequenas gotas brilhantes e cristalinas
Cintilam e caem de repente.

Meus olhos veem e se extasiam
Com a beleza e o deslumbramento
Do anoitecer neste momento.

SER MÉDICO

I

Vocação...

Sacerdócio...

Profissão...

II

Estudo, luta, pesquisa

Busca de um ideal, dedicação

Reconhecimento algumas vezes

Outras, desestímulo e decepção.

III

O mundo de hoje tão complexo

Moderno, atual e informatizado.

E ao mesmo tempo tradicional

Distante e desatualizado

IV

Entre tantas profissões que existem

A do médico surge ainda:

Envolta em um quê de real e de mistério.

V

No milagre de uma nova vida

O sentir-se com Deus, parte na criação.

E, na morte a certeza,

De sua humana limitação.

VI

O médico precisa ter fé em Deus

Em si mesmo e nos “irmãos”.

Por isso, cada um de nós neste momento.

A Jesus peçamos sinceramente
Que abençoe todos os médicos
Para cumprirem com amor,
Sua missão.

“EU” ESCONDIDO

Oh, meu Deus!
Ajude-me a caminhar
Os meus passos
com coragem trilhar
o meu destino.
Procurar confiante o meu “Eu”
Ele se esconde, se perde
Não se quer achar

Quando sofrido, não mais resiste
Devagar e bem lentamente,
permite aos poucos, se dar a conhecer.
Mas, ainda meio encoberto,
dificulta o seu próprio renascer.

José Ferreira de Aguiar

PRECONCEITO DE COR

Eu me chamo José Benedito e tenho 15 anos. Alguns amigos me chamam de neguinho ou de Zé Pretinho! Mas na minha rua, tem uns caras que me discriminam, me chamam de moleque saci, de carvoeiro, até mesmo de urubu. Mas eu não ligo não! Eu torço mesmo para o Flamengo! Quando tem jogo de pelada no campinho do bairro, eu sou logo chamado para participar! Confesso que me envaideço e faço a melhor partida! Aí eles me comparam ao Mengálvio, ao Coutinho, ao Neymar e até ao Pelé! Quem me dera eu fosse o Pelé! Eu sei que sou bom de bola, mas me comparar ao Rei Pelé! ... Aí vai uma grande distância! Mesmo que eu não seja capaz, pois a cada dia eu mesmo me surpreendo! Modéstia à parte! Contudo eu não fico triste com as ofensas que os caras me dirigem! Eu me vingo deles nos quatro cantos de um campo de futebol! Faço os gols de trivela, de bicicleta e de cavadinha! Dou chapéu neles e o escambau! Não tem prá ninguém! No bairro não tem jogador melhor que eu! Até um olheiro do São Cristóvão, um dia desses, me chamou para um teste! Marquei para a semana que vem, pois estou um pouco prejudicado, ou seja, me recupero de uma entrada desleal do meu marcador! O adversário citado, um branquela, nojento e sem sal, me pegou distraído, sem que, contudo, houvesse uma bola em disputa! Pensei correr pra cima dele e em seguida encher a cara dele de “porrada”! O jogo, que estava empatado em dois a dois, dependia apenas de mais um para premiar o vencedor! O juiz apitou a penalidade, ou seja, uma falta para ser cobrada a mais ou menos uns vinte metros das traves do gol! Achei melhor não revidar, pois o cara além de ser mais forte e violento, eu seria expulso da partida e, certamente, depois do jogo ele iria às forras! Ajeitei a bola com bastante cuidado, beijei-a demoradamente! Em seguida eu a depositei com bastante carinho no campinho quase pelado de grama! Debaixo das traves estava o goleiro, um notório frangueiro! Olhei dentro dos olhos do cara, cuspi para o lado, dei uns três passos para trás e em seguida, corri em direção a bola, que implorava para chutá-la fortemente! Foi um lindo gol! O goleiro frangueiro

caiu para o lado direito e a bola foi estufar, vitoriosa, a rede no lado esquerdo! A torcida berrava de alegria com os gols que eu já metera no time adversário! O meu time, batizado “Onze Vencedores”, precisava ganhar aquela partida para sagrar-se campeão do torneio, e depois ser premiado com medalhas, faixas e taça! Assim, naquele dia, demos uma goleada no time dos branqueles patricinhos e fomos os campeões do torneio!!! Eu e meus companheiros, todos pretinhos, negrinhos e pardininhos, fomos carregados em triunfo pelas ruas do bairro e nos ombros da torcida vibrante no campo lá de Marechal Hermes! Mas o melhor aconteceu de noite, quando a noiva do meu adversário (o tal que tentou me aleijar e me tirar da partida decisiva), a Larissa, uma encantadora lourinha, bonita de doer os meus olhos pretos da cor de jabuticaba, num momento de descuido do namorado dela, um cara bem fortão e branquela, cochichou algo no meu ouvido, entregando-me num pedacinho de papel palavras amorosas, com o seu nome e o telefone! Depois, tarde da noite fui encontrar-me com ela num local combinado, bem distante do bairro em que resido! Peguei por empréstimo a bicicleta de um amigo e segui para o endereço combinado! Depois de vinte minutos pedalando cheguei ao local do encontro. Era um desses motéis “entra e sai”. E pensei: O que esta garota pensa fazer comigo? Fiquei muito preocupado e pensei ir embora! Imaginei que fosse um trote! Será que a lourinha gostosa me sacaneou? Pensei logo! Esperei pela mulher uns dez minutos, e já estava quase desistindo da empreitada quando um carro bonito parou junto à calçada! Pensei imediatamente: estou frito! Será que o branquela é quem veio ao meu encontro no lugar da loura? Para minha surpresa a moça abriu o vidro devagar e fez psiu! Ainda tentei despistar, pegando a bicicleta, que por segurança eu havia prendido num poste! O carro se aproximou e a reconheci pelos cabelos louros e perfumados! O odor do seu perfume, desses bastante caros, penetrou sereno pelas minhas narinas, deixando-me momentaneamente tonto! Olhei para o interior do carro importado e vi que ela estava desacompanhada! Suspirei aliviado! O meu coração batia fora do compasso; quando ela abriu a porta rapidamente, fez sinal para eu entrar no carro e sentar-me ao seu lado! Ela usava uma minissaia e uma blusinha decotada e, imaginem, sem o sutiã! Quando dei por mim ela havia seguido com o carro por uma estrada comprida, até que chegamos num local bastante ermo, desses em que, os casais podem namorar sem serem incomodados! Assim que ela parou o carro, abraçou-me e beijou-me com se estivesse querendo me devorar! Então percebi que a loura

SONETO DO AMOR IMPOSSÍVEL

O seu olhar carinhoso, com certeza,
Me inspira ternura e pecado!
Quem me dera tivesse o seu amor,
Pobre de mim, um coitado!

Linda morena da tez cravo e canela,
Anjo do meu sonho encantado,
Agitando meu coração cansado,
Num momento mágico, cristalizado!

Qual vendaval de verão,
Qual ciclone desesperado,
Quase me falta o chão,
Penso e sonho acordado.

O cupido conspirador malvado,
Meu novo amigo benfazejo
Acende no meu coração cansado
O perigoso e delicioso desejo!

Fogueira do amor, labaredas de paixão!
Mesmo sem eu querer, acende meu coração!
Esta deusa da beleza, porém, singela donzela,
Exala pelas ruas seu perfume de sedução!

Retorno ao passado e me vejo,
Um sonhador, impúbere menino!
Apaixonado, morro de desejo,
Diante do mistério feminino!

Tens sedutores os lábios de carmim,
És meu sonho, meu docinho de framboesa,
Tens o perfil discreto na tua beleza,
A fina flor das rosas vermelhas do meu jardim!

As belas flores do campo são tuas preferidas,
Cravinas, camélias, madressilvas e o jasmim,
Ah, se ao menos eu tivesse a certeza,
Se a linda abelhinha confusa, pousaria em mim!

DIA DAS MÃES

Um poeta meu amigo já dizia,
Que ser mãe é sofrer no paraíso!
Acredito, não por mera fantasia,
Que fui criado sem muito juízo!
Quando eu fazia algo errado,
Mesmo depois de criticado,
Pela minha cabeça a mão ela passava,
E me sorria, me abraçava e me beijava,
Com amor, dedicação e ternura
Hoje não tenho você ao meu lado
Veja só a falta que você me faz!
O meu passado, ficou lá pra trás
Um dia talvez nos encontremos,
E juntos nós dois ficaremos
Sorrindo de mais uma travessura!
Talvez seja no tal paraíso,
Quem sabe, eu tenha até mais juízo,
E lhe dar o valor merecido.
Só valorizamos o que perdemos
Vivendo, aprendendo e sofrendo!

LUAR SERTANEJO

No alto da serra eu vejo,
A lua surgir feito um queijo.
Ai de mim, pobre sertanejo,
Que padece de amor e desejo!

Lua crescente ao anoitecer,
Minguante no amanhecer!
Sonhar contigo, amiga lua nova
A inspiração me vem em forma de trova!

Tu passeias comigo na madrugada,
Mas foges de mim envergonhada,
Queria dividir o meu sol contigo,
Mas te alcançar na alvorada.

Lua cheia e nova dos trovadores
Dos amantes e poetas sonhadores,
A vida somente será bem vivida
Se eternizada por seus amores.

Lua branca da cor da neve,
Espreadingo luz no horizonte,
Ilumina o meu caminho breve,
E me beija com ardor emocionante!

Maria de Lourdes Dório Cravo

CADÊ AS CRIANÇAS!?

Infância, queridas crianças
Uma aventura ligeira e fugaz
Tempo de tantas lembranças,
Correndo e deixando tudo para trás.

Cadê as crianças daqui?
Aonde elas foram meu Deus?
Estão perdidas por aí ...
Fugiram dos olhos meus.

Seu netinho foi para a escola
Os filhos pro estrangeiro
Vovó nunca se consola
Esperando notícias pelo carteiro.
Todos já foram embora
Coitadinha ficou tão só!
Se perguntando: E agora?
Não existe mais ninguém,
pra chamá-la de Vovó!

Cochila com o livro nas mãos
Borda, pinta e faz crochê
Espantando de seu coração
As mágoas pra ninguém ver.

Mas na época de Natal
Quanta alegria meu Deus!
Nesta festa sem igual

Vai matar as saudades,
Abraçar e beijar todos os seus!
Cadê aquelas crianças?
Que brincavam por aqui?
Saíram lépidas da sala,
Foram correndo e rindo
Se escondendo por aí...

A vovó nem imagina,
Que as crianças estão crescidas
Vão torná-la bisavó!
E que na ciranda da vida,
Nunca mais ela ficará só!

POEMA PROTESTO

Marielle? Presente!

Se a bala é perdida!
O alvo é o ser humano!
O destino é: ceifar a vida!

Tentaram calar tua voz
Aumentaram sua presença entre nós
Mulher negra, forte, militante e guerreira
Tua marca é a nossa, a valente mulher brasileira
Estudou, se formou, se elegeu e tinha uma filha
Tinha mãe, pai, irmã e uma companheira
Era o exemplo para sua família
Sua luta era pelos sem vez e sem voz
Mulheres usadas, mal-amadas, abusadas.
Falava por nós!

Se a bala é perdida!
O alvo é o ser humano!
O destino é: ceifar a vida!

Teu sangue em nossa alma, quente escorre.
Manchando e envergonhando, a memória de quem morre
Marielle era política, era engajada e lutadora.
De variados projetos, ela era autora
Nutria esperanças de transformar o Brasil
Multiplicando suas lutas por mais de mil
Até em Paty, o mal já chegou
E muitas vidas aqui ceifou
E de luto várias famílias cobriu.
Se a bala é perdida!
O alvo é o ser humano!

O destino é: ceifar a vida!

Choram mães, avós, parentes e irmãos
São crimes tão bárbaros sem solução
O grito do nosso povo, varou as fronteiras
Seu clamor ecoou pela terra inteira
Tristeza, pois no dia 14, Marielle morreu
Não seus projetos, e os de cada mulher que aqui nasceu
Seus cabelos crespos e armados, presos deviam ficar?
Mas sua linda alma, era livre e aos céus foi voar.
Junto a Deus, nós sabemos, Marielle agora está!

Se a bala é perdida!
O alvo é o ser humano!
O destino é: ceifar a vida!

Gritamos: Justiça Sim! Vingança Não!
A democracia, tentaram calar em vão!
O clamor do povo faz eco no coração
“Favela é cidade” — “Nunca calarão nossa voz!”
Se a justiça falhar! As pedras gritarão por nós!
Anderson, amigo da Marielle, foi também executado
Foi vítima dos criminosos, estava no lugar errado
Por que tanta maldade? Oh! Meu bom Jesus!
Milhares de vítimas, que carregam a pesada cruz!

LAMENTOS DA ÁFRICA

Axé meu Pai! Axé meu Irmão!
São os gritos dos escravos
Lamentando a escravidão

Sou descendente de escravos
E sempre ouvi contar
Que eles vieram da África
Para no Brasil trabalhar

Eles foram capturados
Sem dó e sem compaixão
Pelos brancos portugueses
com a chibata na mão

Vinham presos nos porões
Dos tristes navios negreiros
Pras estas terras cultivar
No tempo do cativo

Eram presos nos grilhões
Seus lamentos ecoavam
Pelos rincões brasileiros
Sinhozinho nem se importava...

Para seus tristes destinos
Já não havia esperanças
Todos eles trabalhavam
Mulheres, velhos e crianças

Até que chegou o dia
Que Jesus se apiedou
Tocou o coração da Princesa
E toda a sorte mudou

Num dia 13 de maio
Dedicado à Virgem Maria
A lei Áurea foi assinada
Oh, meu Deus, quanta alegria!

Data por nós celebrada
Como o Dia da Alforria
Axé meu Pai! Axé meu Irmão!
É o grito dos escravos
No dia da Libertação

Em Paty que triste fato
Houve também rebelião
Prenderam o Manoel Congo
Chefe da revolução

Foi em Vassouras enforcado
Como exemplo e punição
Nossa terra foi regada
Com o sangue de inocentes
é um fato do passado
Que envergonha nossa gente!

MANDE A TRISTEZA EMBORA

Dê um chute na tristeza
Bote ela porta a fora
Abra a porta para alegria
Não deixe ela ir embora

Dê tchau pra letargia!
E um bom-dia para a riqueza
Plante em seu dia a paz
Verá como tudo melhora
E o bem que isso faz
Terá só felicidades
Se a convidar para seu lado
Vai se esquecer das saudades
Se arranjar um namorado
Faz caretas para o desânimo
Curta a sua juventude
Encha seu pote de ânimo
E cuide de sua saúde!

Dê um chute na tristeza
Bote ela porta á fora
Abra a porta para alegria
Não deixe ela ir embora

Estes são conselhos sábios
De quem muito já viveu
Ponha um sorriso nos lábios
E conquiste o que já é seu!

CRIANÇAS

Toda criança é brinquedo
é show, caixa de segredo
É a colorida bola
Que na grama pula e rola
É sonho, é muita esperança
É dos pobres, a única herança
É a alegria da escola
É o bombom e a Coca-Cola
É aventura mais querida
É o começo de toda vida
Ah! Como eu gostaria!
De voltar, só mais por um dia
Aos bons tempos de criança
Resta porém, a lembrança
Assim foi o Bom Jesus,
Antes do martírio da Cruz
Disse a todos naquele dia:
“Deixai vir a mim as criancinhas...
E quem quiser o céu alcançar
A elas terá que se igualar!”

E de que qualquer crença, raça ou cor
Devem receber de todos nós muito amor
Pois todas as crianças são iguais
Merecem viver num mundo de paz.

Todos nós que temos boas lembranças,
um sonho de longínqua infância
Devemos amar, proteger e educar
Todas estas queridas crianças.

UM PASSEIO NO PARQUE

Antigamente existia na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, um Parque de Diversões, era o Parque da Alegria. Eu morava no interior, criada por meus avós, mas já tinha ouvido falar neste grande parque, que era muito bonito; tinha vários brinquedos para divertir as crianças e os papais que lá iam passear.

Estando na casa de meu pai a passeio, ele disse que ia levar-me ao famoso parque; eu nem dormia direito, sonhando com aquele famoso dia em que iria também brincar no parque... Saímos eu e papai de bonde, da Barreira do Vasco onde ele morava, para a Quinta da Boa Vista, eu sonhando acordada com tudo de bom que iria acontecer, e papai apontando para os prédios, casas, ruas, jardins e até o mar, dizendo o nome de cada um e o que eles representavam na cidade grande.

Eu achando que aquela viagem estava demorando demais, queria chegar rápido e brincar até cansar-me. Minhas ilusões de criança do interior se acabaram logo na entrada do tal Parque, quando meu pai passou direto da bilheteria. Os pais das crianças se acotovelavam para comprar uns papezinhos (as entradas) para os brinquedos. Então, as crianças corriam alegres e montavam nos cavalinhos, embarcavam nos barcos, subiam nos carrinhos coloridos. Em pouco tempo, todos aqueles lindos brinquedos lotados ganhavam vida: rodavam, giravam, subiam e desciam cheios de crianças que gritavam e riam alegremente. Seus pais ao lado, assistiam a tudo batendo palmas, compravam balões coloridos, pipocas e algodão doce para seus filhos.

Meu pai, no alto de sua sabedoria e prudência, só dizia para mim: “semana passada uma menina caiu deste cavalinho e quebrou os dois braços”, “outro dia um garoto voou daquele barco e ficou sem os dentes, e pior, aconteceu com as crianças que dirigiam os carrinhos de bate e bate: levaram um choque elétrico e ficaram com os cabelos torrados.” Diante de tantas tragédias, ele me perguntou:

— Você ainda quer entrar num “trem” desses? Ao que respondi:

— Eu não, Deus me livre, mamãe morre se eu machucar-me aqui!

Imagine, subir na roda gigante na qual crianças sentavam-se com os seus pais e subiam rindo e felizes; e no trem fantasma, onde de fora se ouviam gritos e risadas, logo causou-me muito medo. Nele, porém, meu pai falou:

— Lá você pode entrar sim! Só tem gente morta, morcegos, baratas e aranhas, você que mora na roça, vai ter medo disso? É só brincadeira!

Eu, trêmula de medo, encolhi-me e travei a mão de meu pai, implorando para irmos embora daquele Parque dos Horrores. Só queria chegar em casa e refugiar-me nos braços da mamãe e chorar. Nem lembro se naquela tarde fatídica eu ganhei um lanche qualquer ou guaraná e pipoca, estava tão apavorada que devo ter perdido a fome e a sede. Estava com medo de demorar e ter de ver todas aquelas desgraças acontecerem com as crianças inocentes, que alegres se divertiam.

Esta foi só uma das experiências amargas que vivi ao lado de meu pai. Era apenas uma menina de 7 anos, deste dia em diante não quis mais visitar a casa de meu pai, pois fui criada por meus avós e ao lado deles me sentia segura e feliz, sem perigos. Mas no Parque de Diversão do interior, eu me divertia muito, subia em todos os brinquedos sem medo de nada. Até na velhice vou aos parques com meus filhos e netos e brinco bastante, até nos brinquedos assassinos!

Assim foram as minhas relações conflitantes com meu verdadeiro pai, sinto saudades dele, era diferente de todos, mas eu o amava de qualquer jeito, com todos os seus defeitos e qualidades.

Marcelo Mourão

DESEJO

Espero sua chegada com o coração batendo no compasso do segundo do relógio!

De repente ouço o barulho do atrito do pneu da motocicleta na terra, rompendo o silêncio da noite!

Olhos nos olhos, abraços e beijos, matamos a saudade em fração de segundos.

O relógio para. A música toca.

Deslizo os lábios bem lentamente, desenhando com o calor e o suor a linha imaginária da sua temperatura.

Abraçamos forte por minutos e segundos... por horas... sem vontade de parar!

Sorriso, lágrimas, emoção e desejo... Você fica sem ação! Ficamos em silêncio!

A água suaviza a temperatura dos corpos. Trocamos palavras entre todas as gotas, perfumes e espumas!

O abraço na água movimenta a emoção antes da pausa da longa e deliciosa conversa.

É hora de ir... Você vai e eu fico! Você leva um pedaço de mim e eu fico com um pedaço seu. Pura emoção! Pura motivação! Motivação para uma vida inteira! É amizade diferente, sincera, sem descrição, mas de intensa relação!

Fico pensando por horas nas horas que passaram! Sou feliz! Você também!

Esperamos o próximo atrito do pneu com a terra, o novo encontro e o novo deslizar dos lábios, o novo abraço forte. Sempre... sem cobrança... mas com certeza do desejo e da sintonia!

RECEITA SIMPLES PARA O DIA DOS NAMORADOS

Pare o tempo por algumas horas e veja como é bom demais!

Deixe o tempo refletir no espelho a espuma que vem do encontro das águas.

Misture o espelho, a espuma e a água e tenha a receita da felicidade, ainda que por algumas horas.

Curta o sorriso, o silêncio, a leve mordida dos lábios, o beijo intenso, o abraço apertado e o sentimento por telepatia, a cumplicidade, a amizade, a saudade, a felicidade e o choque dos corpos molhados, quentes do atrito constante.

Peça o cardápio, prepare o drink e faça o brinde! Ouça a música preferida e carregue alguém especial no colo!

Faça valer o momento a dois porque sempre é único em cada momento!

Aos que amam, gostam, ficam! Aos amantes, ficantes, casos, rolos ou simplesmente... namorados!

Lembrem sempre deste dia e abasteçam de emoção um olhar que sempre brilha e um coração que sempre palpita e bate forte quando está perto e junto da cara metade. Não importa quem, como e quando! Mas que seja a cara metade em cada momento especial.

PEDAÇO QUE VAI... PEDAÇO QUE FICA... COM PEDAÇOS EU
FORMO UM NOVO QUEBRA-CABEÇAS

Pedaço que vai, pedaço que fica, cacos esparramados de um coração que bate, que pulsa de paixão!

Barco que vai à deriva, fonte que seca, luz que apaga, viagem que não acaba, lágrima que não seca.

Vida que segue, felicidade à vista, alegria necessária, amor primordial.

Cara metade, metade da maçã, alma gêmea, complemento da alma.

Fogo que apaga, fogo que alastra, queimando os corpos ardentes sob a noite de lua cheia.

Vampiros que voam, princesas atacadas, príncipes apaixonados, cavalos alados que voam no horizonte fantástico revelando o segredo dos magos.

Tristeza passageira, lágrimas ligeiras, sofrimento que vai embora para dar lugar a um novo amor, a um novo pedaço, aos novos pedaços de um outro quebra-cabeça.

QUERO QUE VOCÊ SE AQUEÇA NESTE INVERNO!

Fogueiras, fogos, queijos, vinhos, emoção, cobertor, selinho, abraço no coração.

O inverno é assim. Ele move, aproxima, esquenta, agasalha, protege, faz pensar, pega fogo, emociona e sacode.

As festas são juninas, julinas ou simplesmente festas! Mas são locais de encontros, bate-papos, luz e calor da lareira, taça brindando o momento, e todo o calor do pensamento.

Inverno é estação mas é sentimento. Inverno é emoção mas é pensamento.

Inverno não se fabrica, se vive.

O Inverno embaça a vidraça e aí o que tem graça é escrever com o dedo, eu te amo dentro de um coração.

O Inverno é nuvem que dissolve, vento que gela, sol que brilha no céu azul.

O Inverno é um daqueles momentos que a gente chega tão perto e bem no pé do ouvido sussurra: Quero que você, se aqueça neste Inverno!

E aí, o vento para, o frio esquenta e o coração bate forte no compasso do passo do abraço que faço com meu braço e o seu abraço!

A FOTO E O ENIGMA

Madrugada! Insônia! Eu pensando! Sem camisa, deitado no travesseiro, com a mão na cabeça! Olhos no teto... olhos no futuro... olhos em você!

Uma esfinge, um enigma, uma inspiração! Não sei!

Penso rápido, sonho lento, vivo devagar pensando no enigma! Num enigma decifrável! Num sentimento indecifrável!

Ouçó o relógio, sinto o vento, vejo o balanço da cortina!

No porta-retrato, sua foto em preto e branco, traduzindo um colorido do pensamento no corte lateral da luz do luar pela vidraça da janela.

Amanhece, vem o sol... muda a cor do quarto! A cor prateada dá lugar ao banho dourado do primeiro raio que anuncia o outro dia.

E neste outro dia começo a pensar no enigma, na esfinge... na situação decifrável ou indecifrável!

Vivo... Sinto... Amo... Sofro... mas não desisto de pensar e perseguir o enigma que num instante de um futuro qualquer vai decifrar este sentimento que traduz num olhar toda palavra sentida, escrita pelo meu coração

ECOS DA SALA VAZIA E O *BOUGANVILLE* DO JARDIM

No canto da sala ainda restava uma caixa para a mudança. Pude, por alguns minutos, perceber que o que acumulamos de genuíno e verdadeiro ao longo da vida são mesmo as nossas lembranças retratadas e fotografadas com o *flash* da alma.

Em alguns momentos segurei as lágrimas que ameaçavam cair.

Olhei por alguns instantes toda a casa vazia e, de repente, um eco de nostalgia preencheu todo o espaço juntamente com o último raio de sol que ao meio dia fez sua despedida daquela janela. Um cenário, uma cena, um personagem e uma trilha sonora invisível.

Nenhum barulho havia mas naquele lugar a não ser a batida do meu coração que ora pulsava de alegria, ora de saudade e ansiedade pela nova estrada, nova conquista misturada ao sentimento de saudade da casa que ficava e dos momentos felizes registrados. Futuro! Esse destino indecifrável!

Tranquei a porta da frente como fazia há tantos anos. Mas naquele momento foi diferente! Uma etapa da minha vida estava sendo encerrada.

Ao descer a ladeira senti uma profunda saudade do *bouganville lilás* plantado há quase um ano, juntamente com os coqueiros.

Foram as caixas, foram as lembranças, mas ficou algo vivo para perpetuar a natureza que nos envolve e que sobrevive à era tecnológica, digital e artificial.

Senti saudades do *bouganville* naquele instante e de vez em quando, ao passar em frente ao jardim, recordo todos os instantes emocionados que ficaram pairando naquele lugar junto com o orvalho da manhã e o brilho do luar. Um eco ficou na sala vazia!

FOTO NA AREIA

Somos grandes quando pensamos, emocionamos!

Somos gigantes quando colocamos a inspiração a serviço da imaginação, sendo simplesmente um reflexo da nossa idéia transformada num simples click e depois... numa obra de arte.

Somos grandiosos quando amamos alguém mesmo que de longe, através da comunicação porque conhecemos a nobreza do sentimento a serviço do alívio e do conforto da alma e do coração, de um grito de liberdade.

Somos às vezes pequenos quando não percebemos que o sentimento que mora ao lado pode transbordar rios, atravessar portas, transformar o vento em pedra ou mesmo, água em areia e areia em água.

Somos frágeis quando como gigantes frente ao mar, temos medo da onda que desfaz a declaração de amor escrita na areia da praia.

Somos grandes sombras, grandes pessoas, grandes seres humanos, grandes habitantes deste imenso planeta Terra, dia após dia, enfrentando o apertado, duro e sofrido cotidiano, porém com o alívio de que tudo vale à pena pela vida.

Não somos nada quando colocamos a força a serviço do nada, do lugar nenhum.

Mas somos tudo quando, mesmo como sombras naturais refletidas na areia da praia através do sol pensamos num único segundo do click que todos os nossos sentimentos são gigantes e cabem no coração de cada um.

Somos, simplesmente uma foto na areia... emocionada e pra sempre!

O QUE IMPORTA MESMO É QUEM NÓS SOMOS, QUANDO ESTAMOS JUNTOS!

A brisa que acaricia o rosto, é saudade que beija de longe!

E assim, passo dia após dia, nas últimas semanas, pensando no sonho de cada dia que é a construção do projeto do nosso encontro.

Penso sempre em você... minuto sim... outro também! Penso sempre no que falou, transmitiu, escreveu, fotografou!

Faço da minha lembrança e da minha saudade a força que preciso para enfrentar a próxima hora, a próxima noite, o próximo dia porque um encontro é sempre um encontro.

Sinto que este encontro está muito perto porque a cada dia percebo que estar sintonizado com você é tradução de felicidade porque não importa mesmo quem sou ou quem é você!

O que importa mesmo é quem somos, quando estamos juntos!

Déa Duque Estrada

TEMPO, TEMPO DO TEMPO

Ao falar de amor fortuitamente
Sucumbindo em meu peito
O ardor de uma paixão
De repente, despertando em minha mente
O vulcão incendiário no meu frágil coração!

O vigor que “outrora” eu sentia
No meu peito expandir em fantasias!
De menina o saltitar da juventude
Atingindo o despertar da plenitude!

Tempo passa... passa o tempo
E se perde muito tempo
No arcabouço das questões
Se do “outrora” eu soubesse em tempo da hora
Um punhado de saberes que eu sei agora
Mesmo com o passar do tempo, mas com tempo
Ainda em tempo, sem jogar em vão ao vento
Sonhos realizados, em tempo, agora!

DIA NUBLADO

O dia foi tão nublado!
Que ao pensar no seu passado
Veio à tona a solidão!
Reagindo, buscando na mente
Algo que fosse eminente
Ao seu terno coração!

Com tantas buscas perdidas
Resolveu que em sua vida
Nada mais vai lhe frustrar!
Seu viver apaixonado
Ninguém vai deixar agitado
Nem seu pensamento mudar!

Com saudades das vivências
E das puras inocências
Perdidas na imensidão!
Ao repensar as lembranças
Que outrora, quando criança
Contidas com aflição!

No coração apaixonado
Sofrido, quase calado
Oculta o seu viver!
O seu viver inocente
Que sempre esteve presente
Grato ao amanhecer!

Ao desvendar sua vida
Ao prometer envolvida
Em busca do aflorar!
Ao conquistar da lembrança

No despertar da criança
Que agita e lhe faz pulsar!

O pulsar da natureza
Que aflora e dá tristeza
Despertando a solidão!
Do pensamento constante
Que agora se faz gigante
Seu valente coração!

O ANJO OUTORGADO.

Vestia-se como um anjo de bondade!
A todos ostentava caridade!
Que perplexos! Como agradecer?
E como um anjo do “bem”, ainda ousava...
Merecedor do crédito que causava,
Das aparências era o seu prazer!

Poderia o inocente viver,
Compreender a razão de sua vida,
Sem mesmo encontrar uma saída,
Pra sucumbir o pranto e esquecer,
O desalento em seu próprio padecer?

Não, não! ... em desagravo à crueldade!
Envolto em nuvens cegas da maldade!
O contendor? ... em seu pleno viver...
Aos poucos, vai chegando à realidade,
Agonizando o afã de sua maldade!
Perfídias de um sórdido contender

GRATIDÃO

Foi bom ter chegado aqui
Pra vencer e não perder
A esperança de encontrar...
O sonho de ter nascido,
Ter vencido, ter crescido,
E outros sonhos realizar!

Foi bom que ter chegado
E nesta vida enfrentado
Desafios pra valer!
Que por vezes sem guarida
Ao Sagrado em nossa vida!
Temos que agradecer!

Agradecer nesta vida
Atribuições seguidas
Fazem parte do viver!

Do viver que aqui sonhamos
Muitas vezes conquistamos
Contemplando com o saber...
Das conquistas preferidas
Das mais valorosas da vida!
Gratidão por meu viver!

Gratidão ao meu Sagrado!
Por me amar... ter-me deixado
Aqui nesta vida eu viver...
Um viver resplandecente!
Na minha vida presente
O Amor Divino em meu ser!

“O REVERSO”

Você, quando adolescente, recebeu como presente, os versos de Beatriz!
Com as escolhas vividas por ela, em sua vida, perdidas em cicatriz?
No patamar da bonança, querendo como criança, algo bom para alcançar,
em sua mente inocente, os versos ali presentes, sofridos a evocar!
Ecoando em seu peito, memorando com despeito, atormentando em você,
que mesmo no mundo da lua, sem saber quem atua no palco do seu viver!

Mas o tempo foi passando e os versos enraizando em sua mente, esse algoz!
E a cicatriz da herança, desconhecendo a vingança contida em sua voz...
O rastro que irei deixar, em seu caminho marcar, um traço forte de giz!
Com amor, fervorosamente, brotando como semente, criando no peito raiz!

Qual? Não é pecado! Nem crime! E nem mesmo covardia o amor anunciar!
Aos quatro cantos do mundo, nos caminhos mais profundos até ao deserto chegar!
Mostrar de perto a linfa refrescante, clara e fria ao sedento em seu querer...
Mostrar a luz, a esperança, multiplicar a bonança pra alegrar o seu viver!
Feliz o ser que alcança seus sonhos, sem arrogância, simplesmente em seu prazer...
Que conquista em sua vida, sua meta apetecida e a razão de seu viver!!!

SONHOS

Na batalha da existência em nossa vida.
No pulsar do dia a dia, em turbulência!
Nossos sonhos? ... Resgatados em decadência!
Sonhos secretos, que alimentam nossa vida!

Sonhos que inspiram o poeta e o sonhador.
Como flores, nascem nos campos da inteligência.
Com alimento do poeta em sua dor!
Nascem na alma, ao despertar da inocência!
Que no adágio da vida, em desistência.
De sua alma em busca do alento e do amor!

Mergulhados em nossos sonhos, no sono profundo.
E ao despertar com as mazelas cruéis desse mundo
Compelidos no contratempo da aflição!
Desmoronados pelos desejos do coração...
Nosso “eu” que representa a vontade consciente!
Deixa atuar em liberdade este coração valente!
Ao reagir às armadilhas da dor, da emoção...
Amenizando assim, o sofrer do coração temente!
Ao produzir nossos sonhos, quando acordados.
Ao pulsar da existência em lutas constantes, atados
mostram traumas, temores em nossas batalhas da vida!
Sucumbimos no peito o choro, sem lágrimas vertidas!
O clamor que, enfim, desvenda o meu desalento.
Passo a passo, permeiam em mim, as angústias sofridas.
Das histórias da vida? ... Refletem naquele momento
O saber, o viver, o entender a razão desta vida!

Gercili Barros

UM SONETO?

Quando te vejo num desfile sensual,
Entre as paredes desta cidade concreto,
Tento criar ao menos um verso banal,
Que acalme meu olhar indiscreto.

Percebo no bailar das tuas coxas,
Que transformas homens em objeto,
Quero-te repousando leve, frouxa,
Ao lado deste corpo inquieto.

E surgem frases: Belo Poemeto.
Não tendo o amor idade,
Brinco, imaginando-me num coreto.

De repente, tudo fica preto,
Diante de tantas dificuldades,
Não consigo terminar este soneto.

O POETA SE ARRUMA

Seja qual for o resultado
Desse jogo danado que é o amor,
Seja qual for o meu pecado
Restará sempre teu doce sabor.

É difícil entender porque acabou
Se quase me fizestes enlouquecer,
Guardarei na memória o que passou,
E lutarei pra não te esquecer.

Fostes um fardo? Nem ousou dizer,
Pois tens a leveza da pluma.
Teus olhos são como o entardecer:
Tristes, incertos feito bruma.

Na saudade, o poeta se arruma
E cria belos versos fantasia,
Embebeda-se na branca espuma
Burlando o que lhe entristece (ia).

Mas nada supera a melancolia
Arraijada no fundo dos sentimentos,
A não ser que surja da agonia,
A esperança levada pelos ventos.

GOSTO DE SAUDADE

Eu nunca te darei motivos
Pra me tornares remoto,
Pois tudo vem do emotivo
Se me adotas, eu te adoto.

Nem forçando eu arrote
Coisas que não ingeri,
Na vida, me tornei devoto
Das coisas que pari.

Nos dias pálidos eu te dividi,
Mas prazeres contigo, multipliquei.
Apesar de todos os planos sobrevivi
E, marotamente, te confisquei.

Juro que jamais amei ou amarei
Com essa mesma intensidade,
Porque tua boca, que eu já beijei,
Sempre tem um gosto de saudade.
E saudade na minha idade,
Pode muito bem ser egoísmo,
Eu te quereria sem alarde
Se não existisse o tabagismo.
Será isso machismo?

MENINA / MULHER

Aquela menina cresceu
E eu, idiota, nem percebi.
Me trocar por um ou dois,
É o mínimo, eu mereci.
Te amo, te entendo.
Não sou delegado,
Eu não te prendo.
És a ave
Mais livre que conheci.
Voa, suave.
Reconheço...
Te perdi.

SEMPRE MATRIZ

Eu te possuí,
Porque te quis.
Foi gostoso.

Tá certo,
Não teve bis.

Por um momento,
Fui tua meretriz.

Foi doloroso.

Nunca filial,
Sempre matriz.

TANTO QUANTO

Descrever:
O exato instante,
O mágico momento,
Toda emoção reunida,
O pulsar forte
De um coração inculto,
Os desejos contidos
De um inconsequente amante,
A vida levada dos
E pelos meninos de rua,
As calçadas sempre tomadas:
Durante o dia muamba,
À noite cerveja e samba.
Tudo isso é tão complicado,
A expectativa / sensação
De ver-te frente a frente,
De tocar-te ainda trêmulo
E olhar-te cheio de paixão,
Escondendo, timidamente,
O tesão.

SEMPRE SÓLIDO

As estradas molhadas pela chuva,
Os lábios molhados pelos beijos,
O suor molhando os corpos,
As plantas molhadas pelo sereno,
Os amantes molhados, exaustos,
Nos olhos lágrimas de desejos,
Lágrimas de alegria, de tristeza,
A cada instante um amante a mais,
A cada instante um amante a menos,
Crianças dormindo molhando o leito,
No dia seguinte a água dá um jeito,
A água, sempre a água,
Um copo d'água para matar a sede,
Água para pôr no feijão,
As águas do rio, as águas do mar,
Um copo de vinho para embriagar,
A água sendo o mais precioso líquido,
Já não me é tão importante,
Porque o que eu quero mesmo
É que sejam sempre sólidos,
Cada vez mais sólidos,
Nunca líquidos,
Os nossos sentimentos.

PRIMAVERA

Dou *gracias a la vida*, Violeta.
O Ziraldo, descobriu o Planeta Lilás.
Montei o cavalo Branco de Napoleão.
O mar indefine-se:
Ora é azul, ora é verde.
O amanhecer, às vezes, é cinza.
Existe cor de “burro quando foge?”.
Prata é uma noite de lua cheia.
Sem ouro fica pelada a Serra.
O amor é um coração vermelho.
Toda esta confusa e deliciosa
Mistura de cores, justifica-se
Porque é a forma de saudar
A tua chegada.

INCOMPREENSÍVEL

Tanta coisa bonita foi dita,
Que ninguém acredita
No fim desse amor profano.
Já faz um ano
Que eu te amei na relva.
Na selva lá do Amazonas
Tu me abandonas.
Detonas mil raios de ódio,
Cloreto de sódio na transpiração,
Me leva ao pódio campeão.
Então busco nas matas pacatas
As Cataratas do Iguaçu.
Comendo caju, caçando nambu
Encontro um Xavante.
Pensante, paro diante
Desse herói, nada destrói,
Nada corrói a certeza
De te ver princesa
Sem realeza na minha cama
Sem fama, na lama do cobertor,
Gozando de prazer
E morrendo de amor.
Não entendi nada...
Que horror!

POBRES MORTAIS

Toda vez que acontece
O desfile da morena,
Lembro da minha quermesse,
Orações e das novenas.

Chego mesmo a sentir pena
Desses moços sem juízo,
Que tentam com suas antenas,
Um lugar cativo no paraíso.

Acreditando que lutar é preciso,
Trocamos tiros numa batalha inglória,
Satisfazem-se com um sorriso,
Ganhar um beijo? É outra história.

Pode até parecer irrisória,
A busca desses pobres mortais,
Quero ter sempre na memória,
Restos de amores banais.

Tuas curvas prenunciam paz.
Desejos sobrepõem-se à lucidez.
Num entardecer, à beira do cais,
Quem sabe chegue a minha vez.

Aderson Lola

MATA ATLÂNTICA

Densa e heterogênea há mais de 500 anos, porém cortada, queimada e espoliada; dela saiu madeira para todo gênero de obras, desde a construção de navios até para queima em caldeiras de locomotivas e para carvão dos churrascos de fim de semana passando por construção de vilas e cidades, engenhos, cercas, estábulos, tintura e muita... , muita lenha, para combustível.

Durante o ciclo do café, uma vez mais, este importante ecossistema foi sacrificado, e para culminar com esta destruição, no litoral, a expansão habitacional através de loteamentos muitas vezes ilegais e urbanização desenfreada, conseguiram destruir um pouco mais da floresta. Fim da trilha. As consequências são imensas: rios que morrem, as mudanças climáticas locais e a vegetação mudada. Chamei, ao chegar ao Zenobiópolis — mais conhecido por Morro do Capitão — de “terra sem sombra”, aquele privilegiado local, pois lá do alto o que se descortinava à minha frente era a ausência quase total de árvores nativas; as aves que insistem em ali viver estão sumindo: tucanos, canários, pica-paus e sanhaços são raros. E a água? Uma pesquisa revelou o número estarrecedor de 96 árvores destruídas em cada 100; somente 4% da mata ainda está de pé. Paty sofre no período de estiagem!

Só um trabalho muito bem dirigido e um grande esforço comunitário poderá reincorporar as áreas degradadas, recuperar os solos erodidos, restaurar as nossas matas e preservar da extinção total a riqueza da nossa fauna e as florestas silvestres.

O nosso poeta maior Carlos Drummond de Andrade nos deixou esta jóia rara:

“Um som de flauta rude se derrama.
No que restou da terra comburida,
O sanhaço e a nostálgica lembrança
De outro tempo, outra mata, noutra vida”,
“Sou pintor ou pintura?”

As cores arco irisam no meu manto
Objeto luxuoso, esvoaçante
Gravura colorida”.
Não me neguem, por
Deus, direito à vida.
Afirmo que Paty do Alferes é um Paraíso. Podemos melhorá-la, tornando-a um paraíso cultural e literário.
Só depende de nós.

UM PALESTRANTE

Recebi um convite para assistir a palestra de “famoso” palestrante a respeito de Saúde Ocupacional e no dia marcado para lá me dirigi. É do nosso conhecimento que o objetivo da matéria em questão é fornecer um conjunto de informações para que o trabalhador saiba como proteger sua saúde, de seus colegas de trabalho e de sua família.

Assisti a antítese do que foi citado acima através de um apresentador que se autointitula um vencedor e se propõe a apresentar um livro (de sua autoria, naturalmente), com soluções mágicas para que o assistente também se torne um.

Antítese do proposto, pois o seu aspecto, indumentária usada e gestos contrastavam com a sua proposta. Imodesto, como cabe ser a um líder de alguma seita religiosa, transita, entre gestos, expressões faciais e piadas inadequadas para a ocasião, ao longo de um espaço como se fosse um palco, enquanto dá ordens grosseiras a um comandado seu para troca de imagens com inscrições e citações bíblicas, a maioria do Novo Testamento.

Será ele um pastoforo, qual o sacerdote que, na Grécia e no Egito, levava nas procissões uma ara com a estátua de um deus, ou um líder desta seita? Pois que, observando bem, esta atitude torna a sua apresentação um proselitismo de certa forma sutil, quanto fortemente tendencioso.

Por fim, a imposição de ideias pré-concebidas como solução para que se alcance a vitória profissional e financeira não parece de boa conduta, pois oprime demasiadamente o assistente, não o levando a um raciocínio saudável que o conduza à conscientização de sua própria condição como cidadão trabalhador, colega de trabalho de outros e membro de uma família, como citado no início deste.

Devemos, isto sim, conscientizar o nosso ouvinte ou liderado para que o mesmo trilhe o caminho do equilíbrio, obedecendo leis e normas que venham a torná-lo livre e não dependente de um sistema, lamentavelmente, mal implantado ao longo de gerações.

UM TAL DE GASTRO

— Bom dia!

— Bom dia! — me respondeu o morador daquela casa de bonito aspecto, com colunas na varanda e pintada em tom azul pastel.

— Eu sou um recém-chegado à cidade, disse-lhe, e vim até aqui para pegar as chaves da casa que está para alugar aqui ao lado.

— Um momento que vou pegar.

Enquanto aguardava do lado de fora do portão, chega-me às narinas forte e desagradável cheiro de esgoto, ao que perguntei, tão logo voltou:

— Desculpe, mas este esgoto escoando até à rua vindo de sua casa e com este cheiro horrível não lhe desagrada?

— Ah, isto! Já estou acostumado, mas como a Prefeitura não fez a rede de esgotos, jogo aí mesmo.

— O senhor tem filhos pequenos? — perguntei.

— Tenho três. Uma de 10 e dois meninos, um de 7 e o caçulinha de 3 anos.

Resolvi me intrometer na vida alheia e lhe perguntei:

— O senhor conhece Tenesmo, Gastroenterite, Rotavírus e Amebíase.

— Não, por que? — redarguiu.

— Porque são doenças perigosas e transmitidas em situações como esta aqui e que podem até matar.

— Besteira! Bebo até água de vala e nunca senti nada. Meus filhos são fortes, não têm nada! — respondeu em tom de orgulho (???).

Desisti de alugar a casa e morar ali. Algum tempo depois, já morando na cidade, encontrei aquele senhor no ponto de ônibus:

— Olá, disse-lhe. Tudo bem?

— Que nada — respondeu. — Enterramos ontem o meu menor. Foi infecção na barriga, disse o médico. Uma tal de gastro...

Pausa.

— ... gastro... sei lá o quê!

CULTURA

“A Cultura pode ser entendida de diversas formas, dada a riqueza do nosso idioma; é sinônimo de cultivo, de erudição, de saber, de estudo e muito mais”.

Cultivo é o ato, efeito e o modo de cultivar; atividade econômica dedicada à criação, desenvolvimento e procriação de plantas e animais ou à produção de derivados.

Pedagogicamente cultura ou erudição é o que resta após haver esquecido o que se aprendeu; é o conhecimento amadurecido e filtrado dos princípios gerais de grande número de disciplinas; é o desenvolvimento intelectual do saber, estudo no sentido restrito; certo desenvolvimento do estado intelectual, artístico ou científico.

Sociologicamente, conjunto das estruturas sociais, das manifestações intelectuais, artísticas, etc. Que caracterizam uma sociedade; podemos também afirmar que é o conjunto de características humanas que são inatas e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade, base dos interesses sociais.

A Cultura é adquirida pelo estudo, pela observação e pelo respeito à natureza em todas as suas manifestações e com o passar dos anos, se bem aproveitados; por isto acredito que podemos melhorar este quadro... como?

Escrevi esta crônica quando cheguei à Paty do Alferes há cinco anos.

MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR ITINERANTE

“Meu neto adora esportes.”

Lá ia eu estrada afora num desses apertados e desconfortáveis ônibus, dos muitos que existem por aqui, para cumprir mais uma semana de aulas que o meu contrato exigia que cumprisse. O ar condicionado funcionava, mas enviava um ar pesado que me dava a impressão de o filtro do mesmo jamais haver sido limpo ou trocado, causando-me uma sensação de náusea bem desagradável!

Após cerca de três horas de viagem paramos para um lanche, nas palavras do motorista, já que os preços cobrados no local mal permitiam que eu tomasse um cafezinho. Algum tempo depois, na retomada da viagem, embarcaram alguns passageiros, inclusive uma idosa senhora que após cumprimentar os passageiros próximos à poltrona que ocuparia -coincidentemente ao meu lado — e acomodar-se, ficou me observando ler um livro técnico da matéria que lecionava na Escola para onde me dirigia, cidade ainda distante nove longas horas.

Tão logo a viagem foi reiniciada, a tal senhora começou a puxar conversa, pois notou que fechei o livro, já que não consigo ler com o veículo em movimento — padeço nestas horas de forte dor de cabeça — e pergunta após pergunta do tipo “vai até tal cidade?”, “você mora lá?”, “Ah! Não mora? Então vai a trabalho?”, “qual é o seu trabalho?”, etc. Ao saber da minha profissão, perguntou qual matéria eu lecionava, ao que respondi: “Física”. E ela, com toda a sua importância e orgulho que a sua condição de avó lhe concedia, não se fez de rogada e ajuntou: “meu neto também adora esportes. Tomara que um dia ele seja um professor como o senhor!”

É, tomara! Respondi um pouco desconsolado.

PESADELO II

Estou passando por um beco escuro em Bagdá, no Iraque — eles se parecem muito com os existentes nas nossas favelas; o quadro é sempre o mesmo: calor, sujeira, drogados, alguns fumando haxixe, outros já sucumbidos pelo uso da droga. De repente o ataque veio por um terrorista armado com uma adaga recurva e cheio de más intenções.

De kefiá preto — turbante árabe — atacou com ímpeto, pouco se importando com a sua própria integridade, o importante para ele é acabar com o infiel. Me defendo usando mãos e pernas, como aprendi nas muitas e muitas aulas de artes marciais pelas quais passei, pois o governo do país não permitia o uso de armas por Estrangeiros, reprimindo com violência através da sua “Gestapo” particular, a Amn Al Amn, polícia secreta de Saddam Hussein; e principalmente o uso por funcionários das empresas construtoras que estavam no país “construindo o progresso” como diziam os “Muhtar” (chefes).

O árabe balançava a adaga como se fosse amolar a arma numa pedra e, repentinamente, atacou como se quisesse cortar o oponente ao meio — no caso eu — sempre no sentido lateral, para um lado e para o outro.

Na 2ª tentativa, a defesa estava feita. Consistia no bloqueio do braço armado e na queda do agressor. Feito. Após imobilizado e desarmado, ainda disse para ele: Manyouk. Charmuta. Peguei-o pelo kefiá e ia quebrar o seu pescoço ou dar-lhe um pisão nas costelas, altura do abdômen, que algumas seriam quebradas, talvez até com perfuração do pulmão por uma delas. Isto o imobilizaria por completo.

A agonia provocada pelo ataque me fez dizer palavras desconexas que não queriam sair de minha garganta. Ai acordei, sacudido e semi-imobilizado pela minha esposa.

Lábios, boca e garganta secas. Respiração ofegante e difícil. Coração acelerado.

Entrei em sintonia. Estava na minha casa, na minha cama e o califado não havia acontecido.

Me acalmei. Bebi um pouco d'água.

Baruch Ha Shem. Voltei a dormir. Desta vez em paz.

Manyouk — em árabe é aquele que numa relação homossexual faz o papel da fêmea.

Charmuta — filho da puta.

Baruch Ha Shem — em hebraico Bendito seja Deus.

Nota do autor: Pesadelo II faz parte do livro Escuridão e Luz, ainda em fase de editoração e que deverá ser publicado brevemente.

Clayton Craveiro

NO BAILE DE MÁSCARAS

O bufão coloca a capa de rei
sobre os trapos
e assenta sua bunda bufa
nas almofadas de um trono
sem dono
Propondo lufadas de ar
Mas um tufão é o que apavora
outrora feliz, a festa
Resta agora,
sentido que faça
Nessa lida
a raça do palhaço
perder-se no baile
Sem máscaras
Sem vida
Sem nada.

PROTEGEI E PROCRASTINAI

10:17

Acordo aprisionado no apartamento e sinto-me dentro de uma tela branca de um editor de textos qualquer. Preciso começar a escrever a coluna para enviar até o fim do dia. A editoria exige cumprir o horário. Escrevo cinco dias por semana para essa publicação. Segunda à sexta. Assuntos não faltam. Uma efervescência mórbida. Uma sociedade caótica. Verdades claras escondidas atrás de *fakes*. O ar permanece irrespirável. Ajeito-me na cadeira esperando o “santo baixar” sem precisar de um “marafó”. Tomo um café morno e horrível da frívola garrafa térmica, inerte desde ontem.

Falava ao meu bom mentor Jacob Rodriguez, que para escrever todos os dias, “não precisamos de inspiração, mas técnica e café.” Ele concordava parcialmente que “*Podemos rechazar toda la técnica, pero nunca el café*”.

Alguns escrevem por prazer, outros são como eu.

O romantismo acabou. Preciso das transferências bancárias realizadas com sucesso. Pix. Essa é a melhor inspiração.

Em contraponto, amanhã têm também a escola e a “fona” da pequena vencendo. Ok, pago segunda. Têm ainda a luz e o condomínio. Bah...! E eu aqui perdendo tempo e empurrando minha tarefa com esses pensamentos vagos; nessas elucubrações inúteis; nos boletos intermináveis.

Vou colocar uma placa na porta do apartamento:

**“Atenção, não perturbe!
Procrastinador em desprocrastinação!”**

Quando eu era tolo, e gerenciava projetos pela vida corporativa, a piada sem graça era que “projetos não são feitos para cumprir prazos”. São criados para satanizar a vida da gente quando faltam dois dias para a entrega.

12:43

Vamos à caça do tema.

Preciso dar uma olhada nas manchetes para achar o assunto ideal. O assunto cujo meu olhar seja único. O assunto que gere a polêmica do fim de se-

mana nas mesas de bar ou no salão de barbeiro. O assunto que valha os dígitos mensais que me pagam meio sem vontade, pois minha “audiência” é fiel e, de certa forma, seleta. Isso ainda vale um pouco para eles, mesmo que não gostem muito de mim.

Muitos assuntos, muitos assuntos ... Perco-me entre o banditismo mentiroso de um político e tapas na cara entre a cepa anglo-eslavo-caucasiana que habita e trafega do Leblon aos Jardins. Entre o tiroteio das facções e milícias que matam o motoboy e a criança e a assistência aos sem teto que o padre paulistano realiza, e por isso tem sua vida ameaçada. Entre centenas de milhares de mortos por um vírus e queimadas criminosas de fazendeiros, apoiadas por um ministro canalha. Esse ano jamais vai acabar.

Há fartura de assuntos a serem discutidos e os inesgotáveis “sábios” de plantão das redes sociais que, intermitentemente, atizam os debates alucinados e polarizados, loucos pela primazia da sabedoria incontestável em frases rasas e “lacradoras” baseadas em notícias falsas ou premissas velhas.

Respiro fundo, pois esses não são os assuntos que desejo. Destilaria o ódio suficiente para a ideal contaminação que de mim anseiam, durante cinco dias na semana. Às vezes bato de frente para demonstrar alguma sensatez na insensatez. Mas não, hoje não vale. Hoje não. Vou conseguir um bom tema. Tenho a técnica. Só não tenho o café.

Coloco água no fogo.



Detesto café expresso. Máquinas de expresso são arrogantes como seus donos que gostam de mostrar que possuem máquinas de café. Uma simbiose. Falam sobre a variedade das cápsulas, seus aromas e texturas como se conhecessem de maneira profunda as fezes cagadas pelos civetas. Delírios de consumo da classe média-mediana do Instagram. Prefiro o pó moído na hora da padaria e do aroma que sinto enquanto espero a geringonça barulhenta preparar o pó sagrado — queria uma dessas em casa desde criança, não uma máquina de expresso. Além do mais, existe a beleza de acertar quantas colheres pomos no filtro para o meio litro de água quente do “café perfeito”. Seu aroma impregnando a casa enquanto o líquido castanho se derrama no bule branco de ágata. Para depois, para depois, para depois ... O magnífico orgasmo gustativo.

O resto é água amarga com espuma.

**

Cecília ficou de trazer a Polly amanhã de manhã para passarmos o fim de semana. Prometi a elas uma sessão contínua de cinema em casa. O vírus aflige a humanidade e a gente tranca as portas, mas abre as janelas e a micro varanda do oitavo andar, besuntados de álcool em gel para esquecer. Pediremos sanduíches ou pizza pelo aplicativo e o *jungle food* aliviará nossa tensão e nos envenenará de açúcares e gorduras. Mas ainda estaremos vivos. A pipoca nos salvará, essa divina.

Enquanto espero a água ferver, olho ao redor que a casa está uma bagunça. Sou um sujeito sem horários e sem modos para nada. Faço faxina - quando faço — às duas da manhã. Preciso mudar isso. Fumava muito e as bitucas ficavam no vaso de plantas, quando o cinzeiro estava a dois metros de distância das minhas mãos. Às vezes as roupas se acumulavam no cesto para lavar, até que acabavam-se todas as existentes no armário e então, e somente então, era hora de lavá-las. As batatinhas e cebolas brotavam na gaveta da geladeira, sobrevivendo e dando início à vida, mesmo com as intempéries daquele clima polar. Foi nesse ambiente inóspito que Polly nasceu. Cecília cansou de esperar que eu me emendasse — logo eu, que, sequer sou um bom soneto. Um ano depois procurou um apartamento e foi morar a três quadras longe da desordem. Faz quatro anos e continuamos juntos.

Polly estava vindo aqui para casa todas as tardes depois da escolinha para brincar, reclamar da minha bagunça e me colocar nos eixos. Com a pandemia, vejo-as menos. Cecília e eu somos incompatíveis em nossos trabalhos, nossos horários, em sua organização e em meu desleixo. *Home-office* seria o caos para nos juntarmos novamente. Mas namorar é o que há! Sempre foi bom e sempre será, antes e depois da pequena. Não requer prática, tampouco habilidade. Protegemo-nos do vírus. Protegemo-nos de nós. Protegemos a Polly.

**

15:40

Finalmente sai meu “café perfeito”. Bebo-o em minha caneca preta e vou fazer faxina, senão esqueço.

**

17:52

“Cara, cadê seu texto????”. Augusto, meu editor, passa um áudio cobrando. Estou vestido com uma bermuda suja e uma máscara velha que usava para ir à rua e que agora me protege da poeira acumulada de cima dos armários. Clico no lado esquerdo do mouse sobre o botão “ENVIAR”.

Aperto o microfone do smartphone e respondo com voz abusada: “Mandeei, Augusto. Não olhou na sua caixa de mensagens??”

Técnica e café.

XAMÃ

Xamã é um tipo de líder espiritual em algumas tribos indígenas.

Um sujeito raro que consegue ver no escuro, entender o passado e prever o futuro, entre outras malandragens (no bom sentido, claro!). Bom papo com os “entes”; convincente ... “Chama o Xamã, que os espíritos da floresta vêm dar uma força!” E como isso é necessário hoje! Por isso, é querido entre a “indialhada”, o Xamã.

É incomum, mas a “porção índio” que habita em mim às vezes vira um Xamã.

Então, “Pensamento do dia” do Xamã:

“Índio, caso algum “Cabral” venha a oferecer espelhos e miçangas para tribo, esqueça! Vá e tome a caravela! Combinado?!”

MEIO FIO

Sentou com a bola de gomos descascados, sem vontade de voltar para casa. Jogou a tarde inteira. Dez minutos ou dois gols. Só saiu uma vez para beber Guaraná Baré que a Dona Lita, amiga da sua mãe, pagou. O tênis está rasgado e o bico do dedo doído da pelada de ontem e das tantas que o chamavam para jogar por aí. Não queria ir para casa. Aqueles quarenta metros de rua de paralelepípedos eram seus. Ali ele era o príncipe dos dribles mais desconcertantes do bairro. Em casa, não.

Ficou pela rua até anoitecer. O corpo “recém adolecido” e franzino arrastou-se até a porta entreaberta da casa antiga. Sua mãe deitada num sofá surrado como ela. Seu rosto tão inchado, que um dos olhos estava completamente fechado e roxo. Chutou a bola velha para o canto da sala.

Ela esticou os braços pedindo conforto. Ele abraçou e fez a jura que tudo mudaria: “Ele não vai fazer de novo”.

AREIA

Como eu amo Linda.

Ela trabalhava em dois lugares quando a conheci. Chegava sempre atrasada e morta de cansaço às aulas noturnas da faculdade. Quanto a mim, também chegava atrasado, só que vindo de casa depois do banho fresquinho e lanche do final da tarde, que minha mãe preparava. Eu estudava à noite, pois gostava de ir à praia bem cedo pegar onda e à tarde ficar de boqueira na Internet ouvindo música.

Sei que a praia é uma coisa da infância. Tenho algumas lembranças. Descíamos quase todas as manhãs carregando uma barraca, meu baldinho, filtro solar, chapéu, canga, água, maçã, cadeira de praia ... Às vezes nós chegávamos e o sol ainda nem estava na mesma altura dos nossos olhos. Dizia que a pele dela não gostava muito de sol. Não guardo traços do meu pai. Nunca o conheci. Os raios solares faziam “mal para gente como a gente”, dizia. Nascida com a pele e cabelos ferrugem e eu assim como ela, ruivo, ficávamos como siris na panela se demorássemos um pouco mais na praia. Um pouco mais era nove da manhã. Na hora que chegávamos não haviam outras crianças para brincar e ela me proibia de entrar no mar, mesmo que fosse só na espuma, sozinho. Eu ficava ali com meu balde fazendo montanhas desformes enquanto minha mãe fazia tai-chi-chuan num grande círculo inexpugnável que ela traçava na areia com o pé.

Certa vez vi um cachorro pequeno e bem cuidado circulando na areia. Minha mãe fazia seus movimentos de garça branca e nem notou. A minha curiosidade sempre foi mais forte que o medo e fui atrás do cão pela orla.

As areias aparentemente vazias eram meu quintal. Fui seguindo-o por trinta, quarenta, cinquenta metros e a minha mãe não se deu conta. Nem eu me dei conta. O cachorro se afastou das ondas subindo à areia e aos degraus do calçadão. Fui atrás e vi duas crianças que deviam ter o meu tamanho deitadas lado a lado nesses degraus. Fui até lá chamá-las para brincar. Quando cheguei perto uma delas, estava embrulhada num lençol fino e sujo. Ela abriu os olhos e olhou para mim. Deu um sorriso e olhou para algo atrás de mim. Ganhei um tranco e um abraço com força que fez meu corpo subir. “Sai de perto do meu filho seu marginal!” Não me lembro de ter visto novamente a criança, só o sol no meu rosto enquanto minha mãe falava coisas que eu não entendia.

Adolescente, continuávamos indo juntos. Só que eu escolhia o dia. Maré alta eu nem ia. Só gostava da baixa para surfar. Conheci outros malucos que acordavam cedo para pegar onda. Fiz bons amigos na praia. Às vezes minha mãe voltava sem mim. Antes de ir ela gritava da areia “Tá com protetoor?” Os caras me zoavam muito. Um dia voltei para casa com meu parceiro de onda, o “Brô”. A gente combinou de comprar umas coisas, mas ele não queria voltar em casa, pois ia demorar muito subindo a ladeira da favela. Disse que emprestava uma roupa para ele devolver no dia seguinte. Fui pegar no quarto. Ele não quis entrar. Ficou na porta da sala esperando. Falou que estava com muita areia e não queria sujar minha casa. Enquanto estava no quarto, escutei um grito. Corri e vi o “Brô” sentado no chão com os cachos dos cabelos encharcados de sangue, tirado pelo o cabo da vassoura que minha mãe tinha nas mãos. “Paaara mãae!! É meu amigo!! É meu amigo!!” Ela muito nervosa largou a vassoura no chão e foi para o quarto enquanto eu acudia o garoto, com um galo enorme na cabeça e um corte no rosto. Minha mãe ficou com fama de doida na praia. O pessoal ficou bem estranho comigo durante muito tempo.

Quando entrei na faculdade conheci muita gente. Gostavam de mim. Deram-me o apelido de “Hellboy”, vermelho como o personagem dos quadrinhos. Nunca liguei. Sempre tive montes de apelidos. Esse pegou. Até o último ano, a maioria não sabia nem meu nome. Linda sabia. Ela sabia tanto de mim que nem sei se mais saberia de mim o quanto ela saberia. As linhas ficam tortas quando a gente se apaixona. Os dois últimos períodos eu sempre formava dupla ou estava em grupos de trabalho com ela, pois eu tinha meu tempo livre e queria ajudá-la de alguma forma. E ela, no seu curtíssimo tempo, me ajudava com tudo o que eu não soubesse. Dava força para que eu procurasse estágio e começasse logo a trabalhar. Não me via como um playboy, mesmo que até eu tivesse certeza que era.

Minha mãe não a conhecia até o último ano da faculdade. Uma noite planejei tudo e convidei Linda para jantar lá casa, num final de semana. Minha mãe queria saber da moça encantadora que eu tanto falava. Preparei tudo, escolhi o cardápio. Fiquei todo o final da tarde de sábado na cozinha copiando as coisas que via nesses canais de comida. Disse para minha mãe que não se preocupasse com nada.

Às oito, o interfone tocou e desci para abrir. Morava num prédio antigo, desses que tem porta pantográfica no elevador. Minha mãe ficou na porta de

casa para recebê-la. Linda estava linda. Subimos. Ao abrir a porta do elevador o sorriso que deveria estar no rosto de minha mãe tornou-se uma carranca de repulsa. Cumprimentou Linda com formalidade. Entramos em casa e ela disse que não se sentia muito bem e se trancou no quarto. Ficamos sem entender. Comemos sem vontade. Linda constrangida no pouco tempo que ficou, só experimentou um tantinho da refeição que fiz e pediu para ir embora. Não queria que eu a levasse em casa. Deixei-a no ponto de táxi na esquina da rua e subi depressa para saber se minha mãe estava bem. Abri a porta do quarto. “Ela já foi?” “Sim. Você está bem, mãe?” “Você nunca mais traga essa negra para dentro da minha casa!”

*

Com as mãos, junto um tanto de areia molhada e carrego para um lugar longe da marola e perto deles. Vítor e Linda sentados, fazem quadrados do tamanho das palmas das mãos dela. Juntos vão erguendo os andares do castelo. Já são três. Pego um palito de sorvete jogado na areia, que uma criança deixou cair ainda a pouco, E faço uma bandeirinha para pôr em cima do castelo juntando um pedaço da etiqueta da embalagem do protetor solar. Abraço a ambos, misturando nossas peles que ardem do sol, dos grãos de areia e do sal; e ainda assim é bom!

Nesses três anos sempre chamamos minha mãe para visitar o neto e passar os fins de semana conosco.

Sei que a gente precisa amar a mãe da gente.

A minha nunca nos visitou.

TREZE VERSOS NÁUFRAGOS

Felicidade

Sua antítese

Violenta paixão

Seu antônimo

Prazer

Seu oposto

E quão maiores diferenças

Havemos de encontrar?

Sentenças a dizer?

Dúvidas a tornarem-se claras?

Confidências impróprias

Prantos esconsos

Náufragos, debatemo-nos.

À deriva, faço mais um.

Vitor Ferreira

MIRIKUT

Anon delimitando paz,
Mirikut.

Kurupêakê guardam duas portas.
Murokot, duas outras portas guardam.
Rodeadas pela Tradição Nordeste
Ao melhor estilo da toca do Pajeú

Libélulas sentinelas
Nelas sentimos o sentido,
A roda do tempo,
Orientada pelos macacos coabras.
A marauana imirikut, chama o xamã, diretamente.
Cálices de yajé contornam as Kurupêakê em chama.

Os portais se abrem para a viagem xamânica.
O homem encontra sua criança, em retorno lírico,
Sugando o seio da mãe yajé, anticanônica.

Borboletas trêmulas
Emprestam seu silêncio à Murokot.
Em paz, delimitado por Anon,
Mirikut.

Mirikut — motivos da pintura Wayana
Anon — tinta
Kurupêakê — lagarta
Murokot — Ser sobrenatural

Maruana Imirikut — motivos da roda de teto
Yajé — xamã da etnia Siona

VERGONHA HUMANA

Indignidade em um ser,
Engodo faunístico por um trocado,
Miséria em espírito,
Aprendiz de artimanhas,

Gentio civilizado.
Pobreza na carne,
A insanidade que permeia,
Ferida a céu aberto,
Carne avermelhado e purulento,
Exploração da piedade alheia.

O extrato financeiro
Atrai o desatino.
No cumprimento do chapéu
O oco cérebro é revelado,
E velado será o destino.

Três seres, uma vergonha:
A minha!

BRANCO DE ALMA NEGRA

Os tumbeiros zarparam
De Luanda, Benguela ou Cabinda,
Grilhões, a carne laceraram,
Deixando a alma perdida.

Na intimidade do chão, os excrementos alheios,
Fortalecendo a sombra da depressão,
Nas vagas da vida,
Lembranças corroídas na ácida respiração.

Aportado, a claridade nos cega.
O boçal transita em labirinto,
Enquanto o crioulo come vento
Com o olhar faminto.

Na barganha do mercado,
Dois pretos, dois valores,
O café torrado e o negro cortado,
Rumo à fazenda com seus dissabores.

O suor escorre,
Tingindo o pau da enxada
Sangue que enxágua o tronco,
Tendo a carne dilacerada.

VIAGEM

Grande pássaro repousado no terreiro,
Barganhando o grito pelo ronco.
Em apelo Tecnológico,
Nau desbravando o aéreo tronco.

Decolagem em asas trêmulas,
Céu em vidro embaçado,
Estrelas invertidas
No chão nublado.

Domicílios estelares,
Ressaltando importância individual,
Adensamento popular,
Refletindo uma preocupação global.

FLIM

Todos os males se curam
Quando o coração se cansa
De amar tão descompassadamente
No compasso do esquadro.

Que esquadrinha o olhar,
Encarando o meu mirar,
Mirando o espelho ao encantar
O conto encolhido em ângulo.

Momento angular da vida,
Que gira em vira-mundo,
Movendo vidas,
Secas vidas de um vagamundo.

Graciliano os ramos mais altos,
Das veredas de um tal João,
Guimaranciano os sertões
Gretados pelos espinhos do Rosa.

Personagens que se encontram
Na luz do fogo,
Na face clara selena,
Gerando o futuro de Madalena.

LUHLI

Lobisomem prisunha, fixa a terra que te sustenta.
Batida do Adufe, que chama o Borí
Sorriso q'embala o sonho harmônico.
A força do seu pulsar reboa três alturas.
Em espiral de vida, reencontramos em nossa eni.

Lente bifocal do amor,
A comunhão de almas se faz,
Em mergulho indígena,
Caminho de luz e paz.

Lógùn Ede chama seu pai.
Partiu a mais linda estrela,
Com seu carismático sorriso.
O colossal bólido ruivo se agiganta.
Lá vai rodar a baiana, enquanto,
Dentro de mim encanta.

MENINA DO CERRADO

Menina lindra do cerrado,
Maline meu corpo
Até espocar em delírio,
Huum!
Menina da cor do buriti,
Do cheiro do pequi
E do abraço da macaúba,
Me deixe afudegado,
Menina fubazuda,
Não como aquela grossa,
Mas bonita, gorda!
Confesso dificuldade
Em ficar naturale
E não pubá...
firmando meu desejo animale.
No finale me curo,
Invés de ficar provocando.
Seja na rede, na esteira ou na cerampa.
Menina da pele de acelora,
Quero fazê... sem te deixar buchuda.
E não me agradeça,
Pois é gostcho!

PRIMEIRO ESTUDO ANACREÔNTICO

Cipós argênteos,
De tez rasgada,
E Teos gigantes,
Com mão marcada.

Porção púrpura,
No colo escorre,
Carícia pura,
Ao peito morde.

Carmim na boca,
Aos seios, sugo;
Palavra pouca,
O chulo e o vulgo.

Nos fios lúteos,
Do tempo curto,
Amores glúteos,
Aos beijos, furto.

ANCESTRAIS

Gentio! Seu corpo de montanha ergue-se no meio do mangue.
Fronte nua,
Cachoeira aos ombros.
Seus braços de jacarandás cercam vidas extintas.
Dos olhos, o orvalho desce em tempestade.

A revolta penetra suas entranhas.
Um grito morto sai de sua boca.
Sente o próprio lar soterrar seus pensamentos.
Seres pálidos consomem suas energias em troca de prazeres.
Pobres parasitas sugadores de egos perdidos!

O gigante imponente olha para o alto e clama a Tupã.
Fica confuso,
Arrancaram-lhe a carne e não sobra espírito.

O gigante-homem agoniza,
E com ele, suas danças e seu arco e flecha.
Seus valores são usurpados junto com seus domínios.
Os lagos secam, os animais morrem, a vida desaparece.

O homem-gigante cai!
Seu corpo é esquartejado
E suas sombras divididas entre os sacrais.
Sobram apenas consciência e ancestrais.

GEOLOGIA

Pressionando o giz contra o folhelho,
Apago o quadro negro
Ao escrever seu nome.
Tarde, antes que seja cedo.

Nas ardósias de Ribeirão Claro,
O vento milenar repousa sob seus passos,
Que tropeçam rumo ao shopping.
Arquitetura em gregos traços.

Da esfinge calcária raios partem,
Refletindo no mármore álveo,
Atingem os lucros da pirâmide consumista,
Derivadas do preto óleo.

Mega construções sugam rios,
Colhendo, de grão em grão,
O abundante vazio,
Das voçorocas em erosão.

Na página virada,
Branqueada pelo caulim,
Deseja-se um novo contraste,
Desenhado em sustentável nanquim.

Astrogildo Reis

MENINA, LINDA MORENA

Como uma princesa indiana,
cabelos negros esvoaçantes,
inteligente, educada e gentil.
Com um grande talento para música,
dança, pintura, arte em geral.
Uma jóia preciosa que em Palmares
encontrei, com qualidades mil.
Sempre disposta a aprender
Com dedicação a técnica do violino.
Talentosa, aplicada e paciente,
Tenho a certeza que realizará,
num futuro bem próximo,
o sonho de um dia
tocar com todo seu talento,
no Conservatório de Paris.
Allons enfant, ma chérie!

ALMA GÊMEA

Eu sempre te amarei;
Tu és minha paixão;
Minha doce companheira;
Que com sorte te encontrei;
Qual beleza de uma flor;
Envolvendo a minha alma.

Eu te amarei, amor;
Com todo meu coração;
Tu és para mim querida;
A flor morena que me apaixonei;
E que habita em minha alma.

És gentil e graciosa;
Como sempre esperei;
Não existe outra igual;
Nos planetas do nosso universo;
Qual pedra preciosa;
Que em você me completei.

Edmilson Lyra

CAMINHÃO DE MUDANÇAS

Era um sofrimento só.

Ainda jovem, começou a se envolver com bebida alcoólica e não demorou muito para perder o controle e se tornar um alcoólatra. Por diversas vezes internado, tornou a vida de sua família um inferno. Eram brigas de bar que acabavam na delegacia, xingamentos e palavrões que assustavam os vizinhos. Não tinha hora, não tinha vida, não tinha nada! Até que uma paixão inesperada aconteceu — na verdade, por mais que se acredite que isso acontecerá algum dia, a paixão não segue a razão ou o calendário gregoriano; ela simplesmente acontece sem data e hora marcada. A paixão pode matar, mas também pode salvar.

Na rotina de idas e vindas de internações, o relacionamento quase que frequente com uma enfermeira gerou uma amizade que se transformou em amor. A base para a construção de um futuro melhor, e assim foi! Roberto e Ana constituíram uma família forte e segura em seus propósitos de sempre estarem unidos. E o tempo passou rápido. Roberto já estava “limpo” havia mais de vinte anos. Nesse período, arrumou um bom emprego como corretor de imóveis e foi beneficiado pelo crescimento do mercado imobiliário brasileiro, até que a coisa desandasse no Governo Dilma. Ainda assim, os bons tempos lhe proporcionaram vultosas comissões, razão pela qual conseguiu montar um bom patrimônio e dar uma educação de qualidade aos seus filhos. Um bom colégio e boas amizades era o que Roberto queria para eles. Queria-os longe das tentações que consumiram grande parte de sua juventude.

Terminava o ano de 2019, Roberto agora com quarenta anos, vivia um momento de paz e serenidade. Acreditava estar desfrutando o melhor da vida: situação financeira estabilizada; filhos já adolescentes, responsáveis e estudiosos; uma esposa carinhosa, companheira no amor e no pagamento das despesas do lar, dedicada à família e ao seu trabalho na área da saúde. Era o dia de se co-

memorar a chegada do Ano Novo, tempo de festa e confraternização, não passava na cabeça de ninguém que o ano de 2020 pudesse trazer algo que abalasse o status familiar. Algo tão grandioso que também mudaria o comportamento da Humanidade.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) só foi informada dos primeiros casos de Covid-19 que ocorreram na província de Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. No dia 26 de fevereiro de 2020, o vírus chegou ao Brasil afetando o comportamento e a vida de várias pessoas. A família de Roberto e Ana sabia disso!

A situação foi se agravando e deteriorando as relações familiares. Como agente de saúde, Ana estava afastada da família havia dias. Conhecedora do seu papel nessa luta, convivia com a agonia da saudade e a persistência da responsabilidade e do profissionalismo que sempre nortearam sua postura, portanto, logo descartou a ideia de não trabalhar. Queria estar na tropa de combate, colaborando de forma efetiva para que as pessoas vencessem suas batalhas pessoais. Lembrou-se de que foi assim com Roberto e com tantos outros. “Mas agora é diferente!”, chegou a pensar. “É muita gente e todos com um risco real de morte, meu Deus!”.

Como profissional, Ana sabia que a pandemia, além de causar medo, provocar depressão e agravar outras doenças psiquiátricas, poderia levar uma pessoa ao suicídio. O que ela não sabia era que a pandemia ressuscitaria “monstros do passado”.

Regras de isolamento e distanciamento social vieram acompanhadas de recomendações de uso de máscaras e álcool em gel. No início da pandemia, o mercado imobiliário ficou congelado, então, foi fácil para Roberto passar esse período. Contudo, à medida que as condições de trabalho melhoraram e houve o relaxamento das regras, o corretor de imóveis teve de voltar ao trabalho e aí ... A coisa degingolou!

Depois de tantos anos e infortúnios por causa do álcool, agora Roberto teria que voltar a usá-lo; não por vício, mas para se proteger de um inimigo letal. E como uma pessoa que fora alcoólatra e sempre seguira as recomendações de se manter distante do produto, poderia suportar essa proximidade?

Primeiro foram as lembranças, depois a vontade, até que um dia: a tentação.

Havia álcool em gel por todos os cantos: em casa, no escritório, nos su-

permercados, nas farmácias, padarias, quitandas, postos de gasolina. O uso era constante, o cheiro agradável, os encontros amigáveis, até um atacar o outro. Roberto tomou o primeiro gole em casa, enquanto as crianças estavam em seus quartos no computador; depois no escritório; e novamente em casa. Até que um dia, na rua, foi encontrado no chão.

Ele foi socorrido e levado pra casa, onde os filhos, assustados, não sabiam onde o pai havia passado a noite. Logo pensaram que ele estivesse traindo a mãe com outra mulher. Sim, ele a estava traindo, mas não era com outra mulher.

Quando Ana soube do ocorrido, quis voltar pra casa, mas foi impedida pelo agravamento da situação no hospital. Depois de muitos anos, Roberto teria que enfrentar seu monstro sozinho, sem a sua companhia.

Roberto era católico e Ana, kardecista. Seus filhos, Thiago, de 14 anos, e Manu, com 13, tinham como religião o uso de seus *smartphones*, com o Fortnite ditando o que deveriam fazer no dia a dia. Contudo, logo correriam ao Google para saber como rezar o Pai Nosso e a Ave Maria.

Como desgraça pouca é besteira, Roberto testou positivo para Covid-19 e foi internado em um hospital de campanha. Dias mais difíceis viriam para toda a família. Com o pai intubado e a mãe ausente, os filhos se agarraram à reza e à fé, descobrindo uma forma de suportar a ausência e a dor.

Depois de quarenta e cinco dias de internação do marido, Ana conseguiu voltar pra casa, graças aos resultados positivos do *lockdown* imposto pela prefeitura de sua cidade. Em casa, com os filhos, decidiu fazer uma visita ao seu marido. Apesar da aflição da mãe, o casal de filhos parecia sereno e seguro de que as coisas iriam melhorar.

Ao chegar ao hospital e seguir todas as regras de higienização e distanciamento, a família de Ana se colocou em um canto afastado das demais pessoas que choravam seus mortos. Volta e meia, passava um caixão entre aqueles que se aglomeravam diante da porta de saída lateral do hospital. Uma cena dantesca.

Depois de horas de espera, Ana e seus filhos começaram a se afastar da esperança e se agarrar à aflição, as lágrimas corriam quando um médico surgiu caminhando em direção a eles.

— Família do senhor Roberto Cavalcante, por favor? — gritou o médico.

— Aqui — gritou Ana com a voz engasgada, observando que o médico

baixara a cabeça, como se tivesse algo ruim a dizer. O coração disparou e ela abraçou os filhos.

Ao se aproximar da família, o médico cansado e desgastado pelas horas de plantão, parou em frente à Ana e parecia não ter forças para olhar nos seus olhos.

Foi quando a porta ao final do corredor se abriu e um corredor polonês se formou, com os agentes de saúde aplaudindo um homem que havia se recuperado de Covid-19. Sim, esse homem era Roberto, marido de Ana, pai de Thiago e Manu. Ele venceu mais uma vez, estava com um ar imponente, firme, como Ana nunca tinha visto antes, nem mesmo quando ele havia superado o alcoolismo. Sim, ele agora tinha vencido a morte, e estava mais disposto do que nunca a enfrentar suas fraquezas em nome do amor à sua família. Estava pronto para mudar mais uma vez.

Junto aos seus filhos, Roberto e Ana olharam para o povo aglomerado na porta do hospital, aguardando notícias sobre o estado de seus familiares e chegaram à conclusão de que, não só eles mudariam de atitude, mas toda a Humanidade.

Enquanto isso, Thiago e Manu, de mãos dadas, rezavam um Pai Nosso.

A SOBERANIA DA AMIZADE

Inesgotável tema, a amizade volta e meia é fonte de inspiração para poetas e compositores, com saudosos personagens da infância, juventude e terceira idade, compondo obras imensamente caras ao respeitável público. Passeiam por entre as frases ou dançam na Estudantina, dando graça e cor às poesias, harmonia e bons arranjos às canções. Congratulam-se em nossos sonhos como se fossem todos de uma só época ou turma (minha memória é uma casa de festas!).

Alguns presentes em nossa vida desde a Era do Berço, ressurgiram como grama após chuvas de verão, ainda que estejamos vivendo momentos “frios”, sem beijos e abraços. Difícil admitir que algo bom esteja acontecendo quando damos nomes aos números de mortos pela Covid-19. Talvez por isso, o contato de um velho amigo que teve a lembrança atropelada pela agenda cheia de um passado recente, hoje cause tanta alegria e o sentimento de que, em algum momento, falhamos com ele. Ledo engano!

Quando o amigo liga para cobrar, invariavelmente, é porque você deixou de fazer algo que seria bom para si mesmo. Ainda que não se preste à medicina ou à boa cozinha, ele sempre tem a receita certa. Por vezes, assume o papel de pai. Puxa nossa orelha, ralha e dá conselho! No entanto, o efeito é diferente. Só Deus para explicar!

Nunca perdemos muito tempo falando de colegas, só os amigos têm protagonismo em nossas lembranças. Aqueles que se acham na condição de tal e ultrapassam o limite da intimidade, dificilmente, terão sua medalha de ouro. A amizade é uma conquista construída pela “presença”, pela importância e bem-estar que gera às partes.

Há muito tempo, só tínhamos oportunidade de reencontrar alguns amigos em nossos sonhos e em nossa memória. Hoje, com a ampla capacidade de encontros que as redes sociais possibilitam, talvez seja o momento de irmos atrás daqueles que ficaram em outras estações, cidades ou países.

Fazer contato equivale a uma “operação de crédito” com retorno garantido! Não se desespere achando que essa pandemia os levou. Amigos só morrem de saudades.

O BERÇO E A VIDA

Ah! Se tu soubesses o valor da fantasia!
A liberdade perdoada da inocência
Palavra feia não conhecerias
Moleira mole sem consciência

Se a tivesses, não crescerias,
pequeno e ingênuo te manterias.
Longe de tanta demagogia,
ganância, ambição, falsa ideologia.

Bate a porta todos os dias,
se não mata, fere, deixa hemorragias.
Marcas profundas na democracia,
conchavos, Congresso, uma porcaria!

Ah! Se tu soubesses o valor da fantasia!
Ainda hoje serias
uma criança carregada de alegria,
sem perceber o que a maturidade te tiraria.

DURA R\$EALIDADE

Ele pode muito, mas nem sempre.
Não compra tudo e te vende,
quando vê a morte à sua frente.
Sua arrogância e força ficam ausentes.

Seu valor de anos vai-se embora.
Então é prece, reza, oração, e agora?
No momento em que tudo parece ser derradeiro,
cadê, doutor, o poder do seu dinheiro?

Tivesse refletido antes, não terias essa dor!
Mas tu serás lembrado como exemplo,
para a ganância não tomar o templo,

nossa casa, nossa vida, família nosso amor!
Que está aqui junto de nós.
Esses sim, nunca nos deixarão sós.

LUTA INSANA

Tenho medo do ódio, aquele que luta pelo meu domínio. É o Inferno.
Mas sei que o tempo é borracha, se não apaga, clareia. Clareou, é o Céu.
Há horas em que precisamos de luz para enxergar, nem tudo é tão óbvio.

Mais vinho! Deixem-me abrir o coração à reflexão, ao julgamento.
Sou júri, juiz e réu. Com alguns veredictos amargos, sou fel.
É decisão dura e penalidade máxima, no limite da dor; no extremo, sem compaixão.

A lágrima seca não rola, arranha, fere. Dói ver o mal que a surdez causa.
É uma peste! Surdez sem campanha de vacinação destrói, mata. Morre quem não ouve.

Bem-aventurados os que ouvem, palmas para os atentos e vida longa aos intérpretes.

Conselho é caminho; decisão, direção; buracos, espinho; chegada, superação; vitória, humildade e percepção.

Quem ganha comemora, o perdedor justifica.

Por fim, o que importa para a massa é o resultado do jogo.

NOSSO CANTO

(Em homenagem à Roda de Samba do Restaurante Pressão Alta, Miguel Pereira)

Ah! Samba, novamente pelas ruas! Não vem com essa que estás desempregado, há pouco te vi numa roda, pegando o pandeiro, alisando a viola.

Entra!

Cara de sonso, sujeito malandro, tu és engraçado!

Um pequeno aceno e já ficas animado, mas estás enganado se pensas que vais sozinho mandar no pedaço.

Pois aqui também há poesias e poemas que faço.

Mas vem! Chega pra perto, fica à vontade e dá um abraço, nessa gente boa que só sai daqui no bagaço.

Do jeito que você gosta, adoram uma farra.

A viola tem dono, mas o microfone é do primeiro que agarra.

Não importa se é rico ou pobre, aqui o espaço não barra.

Verdade! Fique a vontade, total liberdade.

Não importa se és de Paty, Miguel ou outra cidade.

O que vale é a pegada da gente,

pois quem canta e toca, permite, consente.

Manda o tom e vê o que é bom.

O violão é nervoso, gentil e gostoso.

E depois sente o batuque, não tem nenhum truque, é puro talento e muito argumento.

Tem poesia entre o pop, o rock, um poema.

Mostrando arte, não há problema! Esse é o lema

Tal mistura muita gente não atura, não por ser pura, talvez por simples censura, mas quando se quer ninguém segura.

É uma loucura!

É gente entrando e saindo, às mesas aplaudindo.

Bossa Nova chamada, ao palco subindo.

Samba! O próximo é você, mas preste atenção!

Aqui a gente pode muito, mas tem coisa que não pode!
Se reclamar da cerveja gelada, dá bode.
Do petisco quente, não pode.
O cantor engasgou? Acorde.
Tua mulher foi no banheiro e demorou? Acorde.
Pedir desconto? Isso nem pensar, não pode.

MEU QUERER

Quero superar minhas interrogações, surpreender as exclamações e não derrapar diante do ponto final.

Quero chegar calmo, respeitar as vírgulas na esperança de concluir bem a obra.

Quero diminuir a taquicardia e sobrancelhas em pé.

Acertar os lábios, licenciando luz aos dentes.

Quero completar a frase, acabar o dia, terminar a vida, certo de que valeu a pena!

Wilson Barros

ONTEM CHOVEU

Ontem choveu no meu telhado
Chuva fina inteira e profunda.
Fiquei da janela olhando
Não tinha nenhum passante,
nem moribundo que se bailava.
Era noite de vento intenso e um
velho casaco de guerra.
Tirei do armário para
cobrir o meu corpo gélido.
E as luvas aqueceram as minhas mãos.
Os pingos de chuva pareciam cantiga de ninar.
Mas lembrei-me daqueles que
ao relento estivessem se molhando,
e meus pensamentos se foram a Deus
Pedindo para que eles estejam bem.
A chuva agora cai serena
E da janela da sala tudo é diferente.
Ainda estou à frente da janela da sala.

REFLEXÃO

Somos a estrada de nós mesmos
Definimos o nosso caráter e
definimos o nosso ser.
Somos a ousadia de lutas
contra os males que nos afetam
Somos o sorriso pelas manhãs
Somos as lágrimas de ontem e
que hoje são secadas pelo tempo.
Somos a cor da pele na qual ...
Somos julgados e não nos afeta mais.
Somos água que lavamos os nossos inimigos
para que eles sempre tenham nuvens nos olhos
e não enxerguem a nossa vitória.
Somos a brisa de Deus que ele sente na face
Sentimento suave para nos ajudar.
Somos o amor escondido que tentamos
mostrar a terceiros, que não nos enxerga...
Somos o sorriso de hoje com esse sol...
que alimenta as nossas almas...

SER POETA

Poetas são românticos
São fortes como a chuva
Aceleram o coração
E choram de emoção.
Para falarem de amor...
Pensam na mulher amada.
Os poetas são maduros e imaturos,
Sonhadores e incompreensivos
E também incompreendidos.
Há poeta da noite,
que espera a mulher amada
Pelo toque do celular
— Olá, como vai?
E deixa se levar na imaginação.
Poeta sou eu... homenzarão
Que não tem medo de falar de amor
E nem de emoção!

ROSAS E ESPINHOS

Ai eu escutei as águas
que vem de março,
pela janela do meu quarto.
Lembrei-me da perda
que acho nunca ter tido.
A chuva que cai no meu quintal
molha os canteiros secos
que outrora não germinavam.
Ai eu escuto a tua voz ao longe
e as mentiras invadem a mente.
O silêncio cala a verdade
e destrói o interior da alma.
Faz surgir um inconsequente.
Depois da tempestade vem novamente
o silêncio, e o amor que sinto
por você, nunca cabe em mim.
Ai vem o outono, frio ameno.
Meu casaco é cinza e aquece
meu corpo entre idas e vindas.
Estremecido pela ausência que
tenho de ti, lembro-me sempre
do teu sorriso, mas o que adianta?
Pois somes entre as rosas e os
espinhos do jardim do tédio.
E os canteiros da saudade não
germinam e não dão flores.
Ai me deito no sofá.
Encosto-me nos pensamentos
e naquilo que não é mais meu.

BRISA NO ROSTO

De repente é noite
e te espero na praça.
Talvez lá tenha flores
Que encante nossos olhos.
Teu rosto lembro suave
Cheio de verdades na fala.
De repente saudades...
Que talvez não possa voltar mas,
Quero ouvir de mansinho
“volte aos meus braços
e sorria como antes”.
De repente você volte
E possamos estar juntos
Como antes do agora.
Quem sabe hoje você
Deitaria comigo e
Esqueceria o mundo.
E poderíamos recomeçar
Tudo de novo...

MADRUGADAS

O sono não vem por essa noite
Me debruço diante de uma escrivaninha
Pego um lápis para escrever algo
Mas as ideias custam a vir...
Lembro de suas fotos estampadas
Numa tela de vidro sorrindo
E rapidamente alegre o meu coração.
Esqueço que são duas da madrugada
E já tem alguém cantando pela matina
Avisando que logo chega o dia.
Cheguei tarde para teclar pela noite
E você já ao sono se entregou.
Os cantos dos pirilampos já
Anunciam que também
Estou indo ao encontro do sono
Talvez sonhe com você
Mesmo estando ao meu lado.

AINDA TE AMO

Sei que se passou muito tempo
Lágrimas caídas há tempos
Olhos ficaram tristes pelas noites
Às vezes maldormidas, com soluços
...mas ainda te amo!
Sei que vou te deixar para nunca voltar
Mas deixo o meu telefone para quando
queiras me dizer ...bom dia e eu responder:
Bom dia... como vais?
Sei que ainda te amo...e supero tudo até
minhas noites maldormidas me dizendo volte...
Os meus pensamentos são confusos também.
Sei que ainda te amo...
Porque guardo na minha mente o teu
sorriso inesquecível de rosas vermelhas.
Sei que ainda te amo...
pelo simples modo que te olho,
pelo simples gesto de tocar nas tuas mãos
ou pelo simples abraço ofegante.
Pelas noites de primavera ou verão.
Sei que ainda te amo...

PENSAMENTOS DECRÉPITOS

Penso na maturidade e senilidade,
do meu ontem, e não sei se haverá o depois.
E ainda tem o passado a me assolar.
São pequenas ocasiões que ainda me incomodam.
Sou o meu ontem tranquilo desvairado,
em pensamentos fúteis de desejos sombrios,
de uma cama forrada de cetim azul,
da cor de um pecado afoito e bandido.
Mas hoje não sei onde estão os meus pensamentos.
Sei que são senis pelos cabelos grisalhos
e barba a meio corte, para não aparentar
tão velho pelo tempo que quase que chega
apenas ao longo de um ano...espero que demore!
Penso nesses momentos de reflexões
moderadas sim e não de ansiedades... Sei lá!
Sei que ainda no meu jardim guardo mudas
de plantas chamadas de esperanças,
e suas folhas crescem com gotas de alma
do futuro, com suas raízes de amor.
Ainda dá tempo de pensar no meu canteiro,
onde tenho minhas rosas amarelas e brancas,
plantadas com muito carinho e dedicação.
Ainda tenho na memória o seu endereço.
Só espero não esquecer o número entre
as alamedas e as ruas sem saídas... sei lá!

REFLEXÃO

Eu me envelheço sempre no hoje,
e no amanhã se eu sobreviver.
Eu me exponho nos meus grisalhos
que não quero esconder com tintas
artificiais, fabricadas mecanicamente.
Tenho marcas jovens que para mim,
ainda consigo ver ao espelho.
Que teima em me mostrar marcas da velhice
e que prefiro não ficar muito atento.
Tenho saudades do mar da Freguesia,
fica logo ali na Ilha do Governador,
que não vou há anos findos...
Eu ainda me envelheço pelos pensamentos
arcaico de teimosia sempre renovada.
Ainda guardo algumas fotos de
recordações que para mim valem
uma verdadeira fortuna incalculável.
Sei que para muitos não valem muita coisa.
o tempo da vida é um acender...
Os meus olhos ainda não têm trevas,
minha boca ainda têm palavras doces
e muitas das vezes amargas, quando
é preciso a terceiro, quando esbarram
no meu joanete tratado com tanto carinho.
Gosto de fechar os olhos e pensar :
que meu livro da vida ainda demore
a se fechar, por longos tempos.
Envelhecer com sabedoria é
aprender quase tudo na vida.
As minhas tristezas do passado,
eu as deixei na parede do meu quarto,
mas as alegrias, as levo sempre comigo,
dentro do bolso esquerdo trancado
por várias chaves imaginárias...

PENSAMENTOS PELA MADRUGADA

Meu quarto ainda está escuro,
apesar da luz branca acesa.
O silêncio é tão profundo que
me deixa surdo pela madrugada.
Tenho vontade de sair, mas sei
que lá fora não tem nada que
me importa para me alegrar.
Lá fora ainda, ao longe, ouço o
vira-lata procurando alimento,
para matar a sua fome devoradora.
Procuro uma saída para voar
fora do meu corpo sênior e
vagar de vez em quando, e quem
sabe, visitar você sem saber.
É melhor ficar aqui, pensamento
focado no teto do quarto e
tomando meu mate com leite.
Ficam escusos certos pensamentos,
a exemplo em ter você só as vezes,
mas tê-la muitos anos quem sabe,
contar os vinte anos ou mais que nos resta.
Esse silêncio me deixa com sono,
mas meus olhos insistem em não fechar.
Sei que é madrugada pelo som dos pirilampos,
cantando numa sinfonia em uma nota.
Escuta! ... tem alguém passando e gritando.
Loucos em estarem até a essa hora
acordados como eu estou...
É madrugada e o quarto ainda está escuro
com a lâmpada acesa e sem graça.

Uma homenagem

CÓSIMO D'ÁVILA

Cósimo D'Ávila foi um filósofo. De corpo e espírito. De obra e alma.

Formou-se no Brasil e fez o doutorado na França, na Universidade de Sorbonne, com a análise da obra de Jürgen Habermas.

Era uma pessoa de inacreditável humildade, que lhe era tão natural como o ato de respiração.

Com 80 anos estava descobrindo o sentido do fenômeno da expressão artística. Entre “traços e entrelaços” (título de uma das exposições) procurava significados profundos, graficamente resolvidos num estilo único, incomparável e inconfundível. Não seguia escolas, não teve influências. Garimpava os caminhos entre a mão que desenhava e seu próprio interior, gozando com as surpresas resultantes.

Com o entusiasmo do adolescente dedicava-se à dança, estudava a música e tocava o instrumento. E falava sobre seu encanto. Não tinha nada de “intelectual”. Desprovido de qualquer traço de vaidade e maldade do mundo que nos cerca, era o homem mais puro que já conheci.

Das três exposições que realizou (além da participação em coletivas), duas aconteceram na Galeria do Centro Cultural em Paty de Alferes e a terceira, a maior, foi abrigada pelo Espaço Cultural da Universidade Estácio de Sá, no Flamengo, Rio de Janeiro (2018).

Fascinado pelo processo criativo, ultimamente trabalhava apaixonadamente no ensaio sobre a filosofia de arte.

No dia 3 de julho de 2019, aos oitenta e dois anos, o coração dele parou.

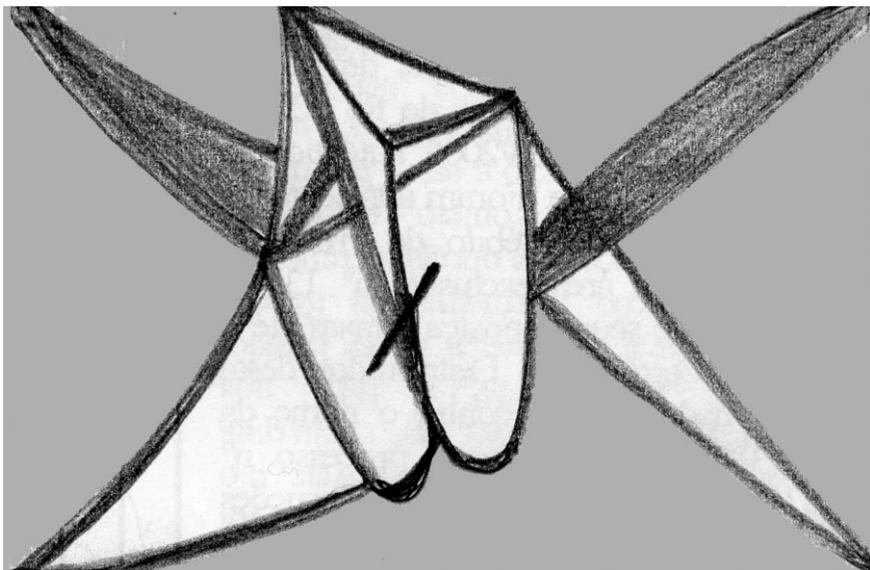
E o mundo perdeu alguém que não combinava com ele.

Definitivamente não.

Ludwika Piekut

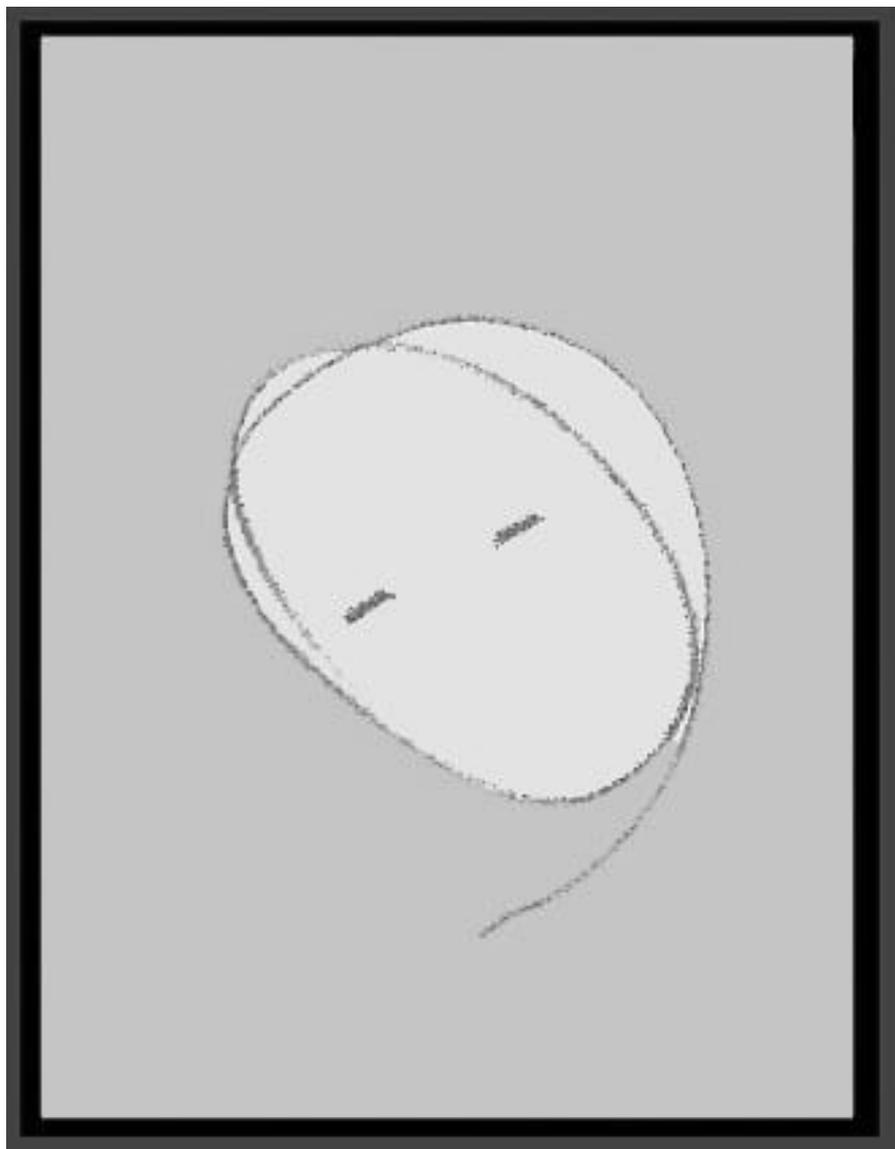
Cósimo D'Ávila foi membro da ALJODE, tendo ocupado a cadeira de número 22, cujo patrono é J. R. R. Tolkien.

A simbólica das letras
Se transforma em riscos
Sobre as folhas soltas
das ideias
Transformando em
desenhos
Não tanto conhecimento
Mas o saber do dia a dia.
Verdadeiros acontecimentos.



“Como “artista”, procuro alimentar meu humor e o daqueles que gostam de apreciar os meus riscos. Esta é a forma que encontrei para exprimir certa ironia própria das artes plásticas.”

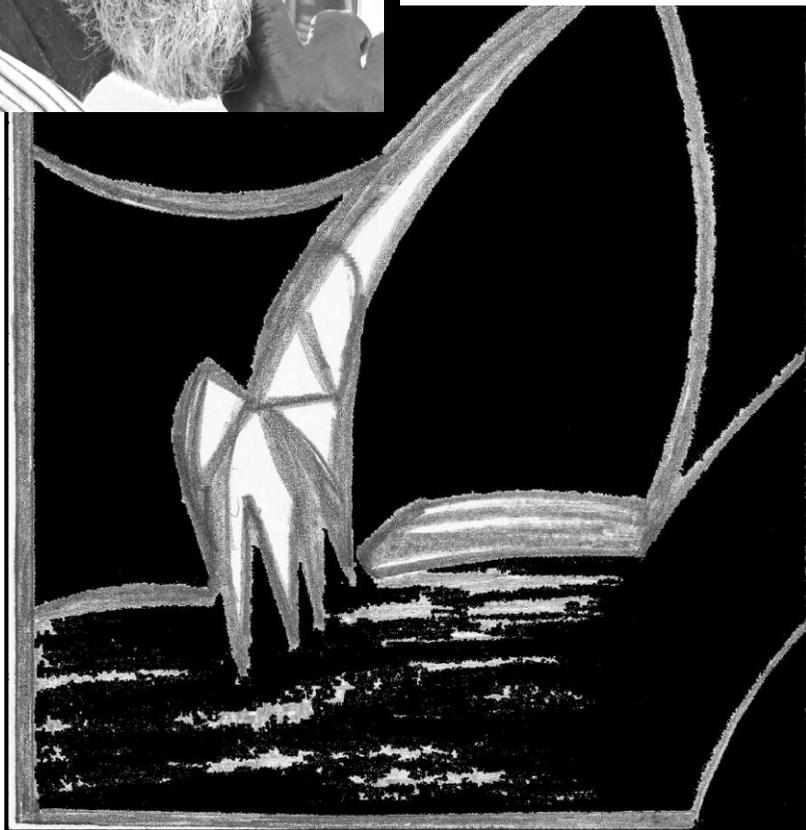
Cósimo D'Ávila





Ser e Vir a Ser

A única coisa que não
morre jamais
Tem o nome dele e
o nome dela.
Ele no tempo de viver
Ela no espaço que não
volta mais
Ele - Ser e acontecer
Ela - Vir a Ser e morrer.





ÍNDICE

Apresentação.....	7
Os Autores.....	9
Textos.....	23
Sebastião Deister.....	25
Voltaire Varão.....	42
Carlos Celino.....	52
Francisco José dos Santos.....	58
Gil Cleber.....	68
Maria do Carmo Valle Luciano.....	78
Nilzanira Reyes.....	88
Guaracy Muniz.....	98
Zeca Lobato.....	108
Kátia Toledo.....	116
Zerly Weinstein.....	126
José Ferreira de Aguiar.....	135
Maria de Lourdes Dório Cravo.....	142
Marcelo Mourão.....	152
Déa Duque Estrada.....	160
Gercili Barros.....	167
Aderson Lola.....	177
Clayton Craveiro.....	185
Vitor Ferreira.....	196
Astrogildo Reis.....	207
Edmilson Lyra.....	209
Wilson Barros.....	219
Uma homenagem.....	229

Esquecimento

Osório Duque Estrada

Se queres inda ver como escondida
Guardo no peito a tua imagem pura,
— Imagem que no céu da minha vida
É como um sol ardente que fulgura;

Convida o coração na sepultura
A viver e pulsar por ti; convida
Minh'alma para amar de novo; cura
A, que lhe abriste, cáustica ferida...

Só pedira a paixão com que me iludo
Que um raio apenas d'essa luz me desses,
E uma palavra do teu lábio mudo;

Mas nem ouves, sequer, as minhas preces;
E enquanto, para amar-te, esqueço tudo,
Tu, por nada, o meu amor esqueces.

(Segunda orelha)



S/ título — Cósimo D'Ávila

ISBN
978-65-00-17480-9

**LEI
ALDIR
BLANC**



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

